

JEAN GABRIEL ÁLAMO

FEITICEIRO DE ALUGUEL

A
SERVIÇO
DE EXU

O terreiro havia sido erguido numa casa antiga na entrada da Favela da Maré.

Sobre o chão de terra da entrada, alguns espíritos usando capas pretas e chapéus de mesma cor montavam a guarda, mesmo não sendo um dia de trabalhos espirituais abertos ao público. Alguns ficavam ali por todo o tempo, mantendo a proteção do local.

Após o expediente como funcionário público, o encarnado responsável pelo ambiente religioso sempre ia ao terreiro uma noite antes dos trabalhos espirituais.

Ali, conversava com as entidades enquanto fazia a limpeza física e espiritual do terreiro.

E, quando uma figura estranha, tão etérea quanto os exus à entrada, fez menção de entrar, o médium foi avisado por uma das entidades.

Assim, ele caminhou até a porta da casa, de frente para o chão de terra batida na entrada, e seus olhos ficaram arregalados quando avistou uma figura que mais se parecia com a figura retratada como o Diabo pelos católicos e evangélicos.

Sabendo que muitas entidades assumiam formas como aquela na tentativa de apavorar os incautos, o médium canalizou suas energias em direção aos protetores do terreiro, buscando fortalecê-los enquanto sussurrava preces a seus guias orixás.

Os exus de lei, que deveriam guardar o local, tentavam expulsar a criatura de pele rubra com quase três metros de altura e dotada de um par de longos chifres negros.

Empurravam a entidade com todas as suas forças, incapazes de obter qualquer resultado.

— *Apenas vim avisar que este terreiro será levado ao chão e tornado pó antes de ser lavado num banho de sangue.*

Os exus gritaram palavrões e assumiram uma postura ainda mais agressiva contra a figura etérea, que não foi afetada pelos golpes aplicados pelos espíritos.

A figura diabólica apenas gargalhou em escárnio e deu as costas.

O médium ficou fitando a cena, intrigado com a incapacidade dos exus de lidarem adequadamente com a criatura.

Nunca havia testemunhado exus sendo incapazes de agir contra qualquer espírito arruaceiro, como aquele se mostrava.

A figura manifestada na forma do Demônio caminhou em direção à rua, ainda dizendo com sua voz gutural:

— *Mas não se preocupem. Prometo ser misericordioso e dar a todos um final rápido e quase indolor.*

Dito isso, desapareceu na escuridão da noite.

Um dos exus olhou na direção do médium, compartilhando da mesma estranha conclusão:

Se fosse da vontade daquela figura demoníaca, ela teria invadido aquela casa de umbanda sem qualquer dificuldade. Por sorte, preferira dar seu aviso, que o médium esperava ser uma ameaça vazia, antes de ir embora.

E ir embora era algo que o médium também faria após pedir aos seus amigos espirituais que reforçassem a segurança astral do lugar.

O dia seguinte certamente exigiria intensos trabalhos espirituais.

2

Iago despertou em sua própria cama. O ventilador no teto de seu apartamento se mostrava ineficiente naquele verão carioca.

Acordara antes do despertador devido ao calor. E o sol estava apenas surgindo no horizonte permeado por outros prédios e favelas ao fundo.

A primeira coisa que tentou fazer ao se erguer do colchão foi contatar Thiago, seu mentor espiritual. A entidade, porém, sempre ocupada, não deu sinal de existência.

Abriu uma gaveta, de onde pegou uma vela branca, que prontamente acendeu e deixou num pires sobre a mesinha de cabeceira ao lado da cama. Valendo-se do mecanismo mágico imbuído na vela, potencializou a tentativa de contato mental com o espírito.

Recebeu como resposta uma voz do mentor em sua cabeça.

“Estou ocupado agora. Se não for uma emergência, conversaremos amanhã.”

Pela forma como fora respondido pela entidade, mais parecia que o contato mental caíra numa espécie de secretária eletrônica astral.

“Grande bosta de mentor espiritual”, pensou Iago.

Para piorar seu desânimo, prometera ir visitar a irmã, que adoecera. E, por mais que a amasse, rever sua mãe, uma natural consequência de tal visita, era algo que quase o fazia desistir da ideia.

Quando ela descobrira sua bissexualidade, ainda adolescente, tornara sua vida um inferno. Na época, começava a estudar magia às escondidas dela, que era e permanecia evangélica.

E ainda que manipulasse por meios mágicos a forma de pensar e agir da mãe na tentativa de fazê-la aceitar sua sexualidade, seus intentos como feiticeiro apenas diminuía a intensidade da fúria que a mulher esboçava.

E essa diminuição estava longe de resolver os problemas.

Na época, sua iniciação mágica não fora o suficiente para interromper as várias agressões físicas e morais que sofria.

Certa vez, ela desferiu uma martelada em sua cabeça enquanto ele acompanhava algum programa de TV do qual Iago não se recordava. Seu namorado à época, Paulo, conseguira convencê-lo a ir morar com ele.

O relacionamento com Paulo durou cerca de um ano após tal episódio.

Iago o flagrara na cama transando com outro homem.

“Infiel uma vez, infiel para sempre”, pensou antes de reunir suas coisas e abandonar o apartamento para viver numa república.

Ficou morando num quarto cujo proprietário não exigira qualquer documentação, até alcançar ali a maioridade. Nessa época, consumiu conteúdos de magia mais do que nunca. Mais do que quando vivia com Paulo ou, principalmente, com sua mãe.

Paulo o incentivava a ler cada vez mais sobre diferentes correntes mágicas, sendo ele próprio também um iniciado nas artes ocultas. Quando vivia com sua mãe, porém, precisava aprender às escondidas, pois o fanatismo religioso da mulher tolhia qualquer expressão mágica explícita de Iago.

E foi na época em que vivia com Paulo que passara a trabalhar executando feitiços para outras pessoas sob pagamentos cada vez maiores.

Mas passara a ganhar uma quantia substancial apenas quando fora morar na república estudantil, onde fora apresentado a alunos de diversas universidades, e estes se encarregaram de dar seu contato a pessoas necessitadas de magias das mais diversas naturezas. Amarrações amorosas, simpatias para “abrir caminhos”, feitiços para fazer sumir alguém da vida

de terceiros, prever o futuro de um relacionamento, montar mapas astrais, banir “demônios”, entre várias outras tarefas.

Ainda na época da república, conhecera Jéssica, uma estudante de Publicidade e Propaganda com quem tivera um breve relacionamento e que o ensinara a expandir sua rede de contatos por meio de estratégias de marketing online.

Ao alcançar vinte e dois anos, tendo ele mesmo concluído a faculdade de História, foi embora da república na qual mantinha um contrato informal. Assim, financiara a compra do apartamento em que agora vivia.

Jéssica quisera ir viver com ele, que recusara a ideia de continuar dividindo o mesmo teto. Queria respirar ares de liberdade, ao passo que ela fazia questão de relacionamento sério, um problema que enfrentavam quando dividiam o mesmo teto.

E não só durante essa época, mas, até então, as únicas pessoas de sua família com quem mantinha contato eram a irmã, chamada Cíntia, e o filho desta, Jorginho.

Cíntia era dois anos mais velha que Iago, que se encontrava com vinte e três anos, ao passo que Jorginho tinha apenas cinco anos de idade.

O pai tentara sumir para não pagar a pensão quando Cíntia engravidara e se recusara a abortar, apesar de Iago lhe aconselhar a isso. O que obrigara o magista a ir atrás do pai da criança.

O sujeito, um bombeiro hidráulico, possuía outra família, o que chocou Iago e Cíntia, assim como a esposa do adúltero, que o expulsou de casa.

Durante a discussão generalizada na casa do homem e sua então esposa, com o bruxo e sua irmã exigindo que o homem pagasse uma pensão, ao passo que este se recusava terminantemente, Iago fez com que a mediunidade do indivíduo fosse aberta. Conseguira tal coisa ao induzir um forte fluxo de energia em seu chakra *terceiro olho*, um ponto de energia do corpo humano localizado na altura da testa.

O homem passara a ver criaturas vindas dos mais diversos planos astrais, que percebiam sua capacidade de enxergá-las e, por isso, frequentemente passavam a atormentá-lo, obrigando-lhe a manter todo tipo de contato forçado.

E tais contatos incluíam não apenas ver e ouvir espíritos, mas, por vezes, incorporá-los, mesmo contra sua vontade.

Quando o sujeito pagava a pensão do filho de Cíntia, Iago selava aquele chakra de forma temporária, deixando o desvanecimento do selo em questão programado para a próxima data de pagamento de pensão para Jorginho.

E isso obrigava o sujeito a ir procurar Iago para que o mesmo cessasse suas visões, coisa que Iago atendia apenas quando o homem trazia o dinheiro em mãos. Mais dinheiro do que seria exigido caso o pagamento de pensão fosse decidido pela Justiça.

“Não dá pra sustentar uma criança com uma miséria que nem chega a quatrocentos reais”, pensava Iago. “Ele que se foda pra pagar mil pratas”.

Para que Jorginho não ficasse de todo desamparado de uma figura paterna, sempre que o homem ia entregar o dinheiro, Iago dizia que isso não bastava, que era preciso ser presente na vida da criança.

E o homem, temendo alguma represália, acatava. Principalmente após Iago lhe ameaçar com um câncer no pênis caso ele evitasse cumprir com suas obrigações paternas.

Mas Jorginho não precisava saber jamais que as atitudes do pai tinham essa natureza.

De certa forma, tudo passara a seguir bem. Jorge visitava Jorginho com frequência, levava-o para assistir a alguns jogos de futebol no Maracanã e costumavam ir ao cinema sempre que era lançado algum filme de super-herói.

Mas Cíntia lhe mandara algumas mensagens recentemente pedindo ajuda.

Dissera ter adoecido e se sentido cada vez pior. Quando Iago perguntou o que ela tinha, respondeu que os médicos e ela não sabiam. Vinha tentando de tudo.

E agora iria visitá-la na tentativa de curar por meios obscuros sua doença de natureza estranha, fosse lá qual fosse.

— Porque Jesus vai voltar, irmãos! — disse o pastor enquanto caminhava de um lado a outro no púlpito, segurando um microfone para a plateia diante de si. — Jesus vai voltar trazendo toda a glória do Espírito

Santo e fúria do Senhor, lavando esta Terra dos devassos, dos sodomitas, dos feiticeiros!

Geralda, com pesar, não pôde deixar de pensar no filho, sabendo que ele se encontrava em todas as categorias que seu Deus abominava.

“Perdoe meu filho, Bom Deus! Perdoe meu filho!”

— Porque é dito exatamente isso em Apocalipse, irmãos! — Fez uma pausa que era tanto dramática quanto para puxar o trecho na memória. — “No entanto, fora estão os cães, os bruxos e ocultistas, os que cometem imoralidades sexuais, os assassinos, os idólatras e todos os que amam e praticam a mentira. Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos entregar este testemunho em relação às igrejas” — entoava o pastor. — Mas Deus é justo e misericordioso, meus irmãos, e Ele é também perdão. Arrependam-se, arrependam-se de seus desvios passados e aceitem o Espírito Santo em vossos corações! — berrava, tendo sua voz amplificada pela aparelhagem de som. — Não importa se você já se perdeu no mundo, se você já praticou imoralidades sexuais, se você já se drogou, se você já se comunicou com demônios! Desde que se arrependa de todo coração diante da presença de Deus e se preencha com o Espírito Santo!

Geralda era frustrada. Sabia que o filho jamais se arrependeria.

Seu filho, Iago, sempre fora teimoso, sendo o tipo de pessoa que reclamaria diretamente com Deus caso não gostasse da cor do céu. E, desde que se envolvera com ocultismo na adolescência, piorara. Ela fingira não perceber os rituais ministrados às escondidas pelo filho, acreditando que ele se apavoraria ao encontrar o Demônio, e então fugiria para o acolhimento do Espírito Santo. Em seu ponto de vista, não adiantaria dar sermões a esse respeito, pois o medo seria o primeiro motor da fé de Iago.

Mas ela se enganara.

Em seu ponto de vista, foi nessa época que Iago se tornara alguém que considerava devasso. O rapaz passara a se envolver sexualmente com homens e mulheres, até namorar um sujeito mais velho.

Até então, ela abdicava de tentar convencê-lo a abandonar seus rituais profanos e atitudes que iam contra aquilo que ela considerava natural, mas de nada resolvera. Ainda nutria esperanças de uma mudança autêntica.

Mas quando soubera do relacionamento de Iago com um sujeito chamado Paulo, acabara perdendo a cabeça e agredindo o ainda adolescente, que fora embora de casa, sumindo no mundo.

Veza ou outra, através de Cíntia, sua filha, ficava sabendo de algo a respeito do rapaz, que agora ganhava a vida praticando magia negra para satisfazer as vontades de outros.

Ela tinha a suspeita de que ele, além disso, prostituía o próprio corpo. Sonhara com isso, certa vez, e, desde então, perguntava a si mesma se não havia sido uma revelação dada pelo Espírito Santo.

Mas, pelo que sabia, naquele dia, Iago iria visitar em sua casa a irmã, que estava severamente acamada por uma doença misteriosa.

Iago talvez tentasse fazer algo místico para ajudar Cíntia, mas Geralda sabia que apenas sua fé em Deus poderia salvá-la daquilo que os médicos não descobriam.

E o tema do culto daquele dia era providencial. Sabia que o Espírito Santo estava com o pastor a lhe inspirar. E sabia que o assunto do culto era voltado para ela, Geralda, cujo filho, a quem considerava sexualmente imoral, idólatra, ocultista e feiticeiro iria visitá-la.

Considerou que o Espírito Santo estava utilizando o pastor como ferramenta para inspirá-la a converter o filho.

“Deus é fiel”, pensou minutos antes de o culto terminar e ela ir embora para casa, que não ficava longe dali.

4

“Continua a mesma merda, só que mais feia”, constatou Iago enquanto encarava a fachada da casa em que vivera anos antes.

As paredes sem reboco tinham recebido pinceladas de tinta branca para incluírem os dizeres:

“Mandioca eh o comando”

O pequeno portão de grade azul que dava para o corredor ao lado da casa, único acesso à entrada pela cozinha, despregara-se dos eixos, ficando escorado na entrada. E o jardim no corredor era agora um monte de terra espalhada.

As janelas feitas em alumínio e vidro, pelo menos, não mudaram.

Quando bateu três vezes no portão com os nós dos dedos, precisou esperar por algum tempo, até que uma senhora com saia jeans e

camisa branca com uma cruz preta estilizada na estampa surgisse pelo corredor até a entrada.

Se a tivesse visto casualmente na rua, talvez não a reconhecesse. Parecia ter envelhecido mais de vinte anos em menos de dez.

E ela, olhando para Iago sob longos cabelos mais brancos do que pretos, provavelmente pensou algo a respeito de quanto o filho crescera, tornando-se um homem de pele negra bem cuidada, alto e forte.

— Já faz uns anos, né, filho?

— É — limitou-se a dizer.

Havia um forte desconforto no ar do qual nem mesmo a magia poderia libertá-lo.

— Entra. — Abriu o portão, que já não podia mais ser exatamente fechado, sabe-se lá desde quando.

Iago deu um passo à frente ao mesmo tempo em que uma nuvem cobria os fachos de luz solar.

— Como a senhora está? — perguntou mais por formalidade e desejo de deixar as coisas menos estranhas do que vontade de realmente saber.

— Graças a Deus, tudo bem — disse ela, empurrando o portão para parecer fechado. — E você?

— Bem, graças a mim. — A alfinetada foi automática. Quando se deu conta, já havia dito.

Ela preferiu ignorar o comentário, fazendo um gesto para que a seguisse pelo corredor externo da casa até a porta de madeira que dava para a cozinha, um rústico espaço sob telhas de amianto que permanecia num anexo construído após terem erigido o imóvel original, além da casa do vizinho, que morava em cima.

O ambiente escuro e abafado continha a mesma mesa de sempre, bem como um fogão ao lado do botijão de gás, mesa com cadeiras de metal adquiridas de algum boteco falido e um armário velho de madeira compensada e sem portas ao lado da geladeira.

Tudo igual a sete anos antes.

Uma passagem dava para a sala, por onde surgiu Jorginho, vestido com uniforme completo do Flamengo.

— Tio Iago! — gritou o menino, felicíssimo pela chegada do bruxo.

Quando o garoto veio lhe abraçar, debochadamente, Iago recuou um passo enquanto dizia:

— Com essa camisa do *Flamerda*, eu não vou te abraçar, não.

O menino riu e devolveu:

— Melhor que o *Bostafogo*!

— Língua afiada igual à da sua mãe, hein?

Jorginho mostrou a língua e voltou a fazer menção de abraçá-lo, sendo correspondido por Iago, que disse:

— Dessa vez, vou te abraçar. Mas me prometa que nunca mais vai vestir esse pano de bunda, hein?

O menino riu e disse:

— Prometo nada, tio.

— E cadê sua mãe?

— Cagando.

“Comovente a sinceridade das crianças”, pensou.

— Melhor a gente esperar por ela aqui na cozinha então, né?

— É mesmo, tá fedendo.

— E você já viu cocô cheiroso, menino?

— Já!

— Onde?

— O meu!

— Até parece. Duvido ser mais cheiroso que o meu.

A mãe de Iago disse seriamente:

— Fala alguma coisa edificante pro menino, Iago.

“Construção civil”, pensou em responder, mas preferiu ignorá-la tanto quando Jorginho o fez.

— Seu cocô tem cheiro de quê?

Iago pensou por um momento.

— Rosas... do pântano.

— Do pântano? Como assim, tio?

— Que nascem do barro. — “Igualzinho Adão, da Bíblia”, cogitou dizer, mas optou novamente por ficar calado. Se sua mãe estivesse longe, não só teria dito, mas ainda complementado com: “De onde você acha que Deus tirou o barro pra fazer Adão? Por isso a humanidade é uma merda”.

Mas não queria se desgastar brigando com a mãe após sete anos sem vê-la. Ele preferia evitar diálogos com a senhora tanto quanto fosse

possível.

Um som de descarga sendo acionada preencheu a casa, depois o som da água escorrendo pelo encanamento, de uma porta sendo aberta e os passos lentos e arrastados de Cíntia.

— Vou ver sua mamãe.

— Só *mãe*. Esse negócio de chamar de *mamãe* é coisa de bicha.

Iago sentiu a pontada.

— Quem te disse isso, Jorginho?

— Meu pai.

Novamente, sentiu que precisava conter as palavras na presença de Jorginho e sua mãe. Mas teria uma conversa com o pai do garoto no futuro próximo.

5

Cíntia optara por se deitar em sua cama de solteiro no quarto em que dividia com o filho, cuja cama ficava do outro lado do cômodo.

O bruxo, após ser chamado pela irmã, ao entrar no cômodo, não se incomodou com o gesto da mesma de não ir recebê-lo assim que saíra do banheiro.

Imaginou que ela não fora vê-lo na cozinha por estar fraca demais para caminhar, o que praticamente se confirmou ao constatar sua palidez e sudorese.

— Tá parecendo um fantasma — comentou enquanto puxava para si uma cadeira ao lado da cama.

— Tô quase virando um, maninho. — Ela esboçou um sorriso, sem muita vontade.

— Não diga isso — disse ele, levando os dedos ao pé da irmã que estava ao alcance de sua mão direita. Não estavam muito frios. Geralmente, pessoas muito próximas da morte ficavam com os pés gelados, embora tal aspecto não fosse determinante. — Você ainda tem muito tempo de vida. — Confirmou o fato ainda segurando seu pé ao sentir seu fluxo energético.

Mas, ao fazer isso, percebeu imediatamente algo estranho.

Uma segunda energia, que não era proveniente de Cíntia. Algo externo, como se uma segunda pessoa estivesse próxima demais por muito tempo da irmã.

O tipo de mistura energética que acontecia apenas num casal com muita sintonia e atividade sexual intensa e monogâmica durante anos ou decorrente de um *processo obsessivo*.

Cíntia estava “encalhada”, como Iago gostava de dizer em tom de implicância. Restava a segunda opção.

Em geral, um processo obsessivo podia ter variados níveis, a começar por interferências espirituais pequenas na vida da vítima, desde variações de humor e sugestões de pensamentos fora do comum, à completa dominação.

— Eu tô na merda, Iago — ela falou.

— O que tem sentido? — perguntou ele, preocupado, enquanto acionava sua visão mediúnica.

Lentamente, começou a perceber algo disforme que se encontrava deitado na cama junto à irmã.

Sabendo como ela temia o sobrenatural, optou por não dizer coisa alguma a respeito, fingindo não enxergar a criatura ao seu lado.

— Eu comecei sentindo uma fraqueza enorme, sabe? Não sei se foi algo que demorei a perceber ou que veio de repente, mas começou a me afetar no trabalho — ela contava. — Comecei a dormir pesado demais, mesmo tendo pesadelos; a chegar atrasada e não conseguir me concentrar. Estou sempre com sono e cada vez mais fraca.

— Foi a um médico?

— Disse que eu precisava descansar. Falou que eu tava com uma síndrome relacionada a cansaço. Esqueci o nome, era em inglês.

— Síndrome de burnout?

— Essa merda mesmo! Aí a porra do médico me deu dois dias de atestado pra eu ter folga, mas só piorei. Fui trabalhar, e aí a minha ex-patroa começou a reclamar do serviço.

— Isso faz quanto tempo?

— Tipo uns dois meses. Mas fui demitida no começo da semana.

O desemprego estava em alta. Cíntia não tinha qualquer qualificação profissional que lhe ajudasse. O emprego de auxiliar de cozinha era o que garantia seu sustento e de Jorginho, o que provavelmente seria inviável apenas com a aposentadoria da mãe de Iago.

— Que merda, Cíntia. Por que não me chamou?

A coisa ao lado de Cíntia ia sendo cada vez melhor percebida por Iago.

Tratava-se de uma silhueta humana, mas envolta por uma espécie de sombra que se espalhava no ar, como nanquim sendo dissolvido na água ou distorções visuais causadas por tumor cerebral.

— Merda mesmo. Desde então, não consegui sair de casa nem pra procurar emprego, acredita?

— É foda, Cíntia. Você deveria ter me chamado antes.

Ela lhe encarou com um sorriso amarelo antes de dizer:

— É coisa séria, né? Não para de olhar com essa cara pra mim e nem tirou a mão do meu pé.

— Ah, não acho que seja algo sério, Cíntia — mentiu enquanto fitava a criatura disforme ao lado da irmã.

— Você sempre foi bom mentiroso, mas nunca colou comigo — ela disse. — Desembucha logo, caralho.

Iago suspirou profundamente.

— Tem certeza?

A criatura se movimentou na cama, mudando de posição para melhor encarar Iago.

— Tenho.

Ele ponderou as palavras, mesmo sabendo que não era bom em medi-las.

— Tem um espírito do seu lado sugando sua energia vital.

Cíntia olhou para o lado, sobressaltada, mas enxergando apenas a parede. Recuou para o lado oposto, em direção à beira da cama, mas sem menção de se levantar.

— Por que isso tá rolando comigo?

— É o que quero descobrir.

Iago encarou a entidade, como se perguntasse: “Qual é a tua?”. As sombras, porém, ocultavam sua forma, e ela não esboçou desejo de emitir uma resposta.

— Faz diferença eu continuar na cama? Tô exausta demais pra levantar.

— Acho que ele continuaria te seguindo se você saísse, então tanto faz.

— Tá aí o motivo de eu estar me sentindo observada há umas semanas.

— Até na hora de cagar? — Ele não resistiu à gracinha.

— Puta que pariu, Iago... — Deixou a voz morrer, o que conotava seu cansaço. — Vai me ajudar ou ficar com infantilidade?

Iago se concentrou nos fluxos de energia entre a entidade em forma de sombra e a irmã, percebendo que eram intensos, algo possível apenas após alguns meses de atividade do espírito contra uma vítima.

“Um processo de vampirismo”, concluiu Iago.

Vampiros bebedores de sangue eram raros, e compreendiam a poucos tipos de vampiros. O gênero mais comum dentre este tipo de criatura era espiritual, alimentando-se de energia.

Iago tentou contatar seu mentor espiritual novamente. Dessa vez, sem sucesso. Devia estar ainda ocupado.

Estava por conta própria.

— Vou até a cozinha — anunciou o bruxo de repente, levantando-se da cadeira e indo até o cômodo do outro lado da casa.

Ali, encontrou sua mãe ralhando com Jorginho por alguma coisa.

Sem qualquer receio, parou em frente ao armário de cozinha à procura de dois ingredientes.

— O que tá procurando aí? — perguntou sua mãe.

— Umas coisas que Cíntia pediu. — Apanhou um saco pequeno de sal grosso pela metade antes de fechar as portas e abrir a geladeira, onde encontrou alguns dentes de alho, pegando o maior que encontrou.

— Alho e sal grosso? — perguntou sua mãe. — Primeira vez que pisa aqui depois de anos, e já vai fazer *macumbaria*? — Ela tinha o tom de voz irritado e os olhos carregados de raiva.

Iago respirou profundamente.

— Olha só, tem um espírito, ou *demônio*, como a senhora preferiria chamar, afetando a Cíntia. Se eu não fizer nada, ela vai continuar ficando cada vez mais fraca, até definhar e morrer.

— Quem tem que fazer isso é o pastor pela intervenção de Deus — falou ela com seriedade.

— E ele já veio aqui?

— Ele vai vir orar por ela e ungir a casa duas vezes por semana, até ela melhorar — falou a mulher, mostrando convicção de que, dessa maneira, as coisas se resolveriam.

— Sua filha não tem dois dias por sabe-se lá quantas semanas — falou Iago. — Além disso, o que faço não é *macumba*. Isso é um

instrumento musical de algumas religiões de origem africana, e o que faço não tem a ver com as crenças que vêm de lá.

— Mas não tem Deus nisso aí.

— Se Deus existir — argumentou Iago —, então Ele criou a magia que utilizo. Então não tem como ser contra a vontade de Deus.

— Ele criou, mas proibiu. Tá na Bíblia que os feiticeiros não herdarão o Reino dos Céus.

— Eu não sou só um feiticeiro — disse Iago. — Eu sou um bruxo. Tem diferença aí. Porra, até você vai confundir agora? Era só o que me faltava.

Com um sorriso ante a visão da mãe boquiaberta, Iago deixou a cozinha e se encaminhou ao quarto.

Quando lá chegou, pôde ouvir a mãe, na cozinha, fazendo uma oração, como se quisesse confrontar espiritualmente as intenções de Iago.

6

— Você vai segurar esse dente de alho na sua mão direita — explicou Iago, e Cíntia imediatamente obedeceu.

A entidade permeada de sombras que se espalhavam pelo ar se mostrou sobressaltada.

Cíntia segurava o dente de alho com força.

O bruxo pegou um punhado de sal grosso, mantendo-o preso à mão esquerda enquanto canalizava para ali a energia em seu corpo.

O espírito tentava, num esforço inútil, abrir a mão da irmã de Iago.

— O alho tá queimando minha mão — Cíntia reclamou, com estranheza.

— Agente firme.

— Por que queima?

Iago não respondeu, continuando a concentrar energia no punhado de sal grosso. A entidade encarava Iago nos olhos, que não desviava o olhar, por mais que o bruxo não conseguisse enxergar sua face em meio ao manto de sombras.

Percebendo o foco do espírito sobre si, encontrou maior facilidade em lhe sugar a energia da mesma forma que um vampiro faria.

O fluxo energético passou a vir em sua direção, fortalecendo Iago enquanto o mesmo carregava de energia o punhado de sal grosso.

A entidade ali se ergueu, buscando se impor sobre o magista enquanto aumentava o fluxo de energia drenado de sua irmã. Mas Iago sabia que tal aumento era algo inexpressivo ante a quantidade já drenada, servindo para intimidar apenas os inexperientes em seu ofício.

Iago sabia que, exceto em raras ocasiões, espíritos só podiam cometer males irreversíveis contra humanos a médio e longo prazo.

Passaria a se preocupar caso o espírito demonstrasse capacidade de incorporar em sua irmã, o que foi sua tentativa seguinte.

O espírito se deitou sobre Cíntia, que respirou profundamente enquanto seu corpo parecia experimentar um relaxamento antinatural.

Antes que fosse tarde, o bruxo arremessou o punhado de sal grosso energizado contra Cíntia, que abafou um grito de dor ao sentir a própria carne queimar, sem que qualquer ferida fosse produzida.

A entidade, porém, emitiu um guincho agudo e gutural ao ter o punhado de sal atravessando sua forma etérea.

— Isso dói! — Cíntia reclamou.

A entidade ainda se debatia, caindo para o lado, incapaz de encontrar alívio no próprio sofrimento.

— Doeria mais se eu deixasse você incorporar.

— Por que o sal está queimando minha pele? — perguntou ela, visivelmente incomodada.

O espírito rolava de dor, caindo de cima de Cíntia.

— Não é sua pele que queima, é seu espírito sentindo a dor.

— O quê?

— Para resumir: você teve esse relaxamento súbito porque iria incorporar forçadamente, Cíntia. Quando eu joguei o sal energizado, o espírito ligado a você sentiu a dor, o que se refletiu no seu perísprito.

— O que é um perísprito?

Iago buscou uma forma de simplificar a questão enquanto jogava mais sal sobre o espírito, que se debateu com ainda mais força.

— É como se fosse a forma *física* de um espírito. O espírito é composto por alma, ou seja, sua essência; e energias diversas; além do perísprito, que é o que dá a forma que cada um tem fora do corpo. — Enquanto Iago discursava, o espírito se arrastava em agonia pelo chão. — E o perísprito é composto por outras substâncias que existem no mundo

espiritual, mas é essencialmente a mesma coisa que um corpo humano, só com algumas capacidades a mais, em certos casos, e outras a menos.

— Tá, tá... — Cíntia demonstrou não querer saber. — E como paramos isso?

A entidade ainda gritava e se contorcia de dor devido ao contato com o sal grosso. Todos na casa, exceto pelo bruxo, estavam alheios aos berros da criatura envolta por sombras.

Iago arremessou outro punhado de sal grosso energizado contra a entidade, que berrou de dor com ainda mais força.

— Por que está aqui? — perguntou Iago ao espírito.

Quando percebeu que não obteria resposta, arremessou novamente um punhado de sal na direção do espírito, que gritou ainda mais.

— Por que está aqui?

— A trabalho! — respondeu o ser, que tinha uma voz gutural.

Cíntia apenas encarava o irmão olhando para uma parede aparentemente vazia enquanto fazia perguntas para o suposto nada e arremessando sal sobre o chão.

Se ela não soubesse o que se passava ali, consideraria o irmão louco.

— A trabalho? Quem é o seu senhor?

— Satã! Lúcifer! O Demônio! — gritou. — Eu sirvo ao Senhor das Trevas!

— Corte o papo furado — disse Iago. — O Capeta não existe. É só um símbolo.

— Um símbolo muito real, feiticeiro!

— Odeio quando me subestimam. Sou um bruxo, não um feiticeiro. — Entre iniciados, em diversas vertentes, *feiticeiro* era um termo quase pejorativo utilizado para designar magistas de menor poder ou conhecimento do que bruxos e magos. Iago era um bruxo, alguém de um mago e mais poderoso que qualquer feiticeiro. — Quem lhe deu ordens para vir até aqui importunar minha irmã?

Jogou mais sal na entidade, que não titubeou em responder:

— Um feiticeiro chamado Jorge me contactou para selar um pacto.

— Jorge? O pai de Jorginho?

— Jorge propôs que a ex-mulher morresse para assumir a guarda da criança e não precisar pagar a pensão, talvez pensando que fosse sair mais barato dessa maneira.

— E o que você pediu em troca?

— A vida de uma criança é um bem muito valioso de onde eu venho. — A entidade riu, mesmo estando aflita pela dor. — E vai sair barato para o contratante, que vai se livrar da responsabilidade de criar um filho.

— Seu desgraçado! — Iago arremessou todo o conteúdo do saco de sal grosso contra o espírito, que rugiu antes de correr dali e saltar pela janela em direção à rua, talvez temendo sofrer mais torturas.

Ao atravessar a janela, o vidro estourou em estilhaços. Aquilo sobressaltou Iago, pois eram poucos os espíritos capazes de interferir na matéria.

Correndo para alcançar a criatura, avistou a entidade se levantando na calçada e passando a correr por entre pedestres vivos e desencarnados.

— Iago, o que está acontecendo?

Somente então voltou à realidade, lembrando-se do fato de que Cíntia era incapaz de ver ou ouvir o espírito.

Dessa forma, apressou-se a lhe contar o que se sucedera e o motivo de sua enfermidade.

6

A mãe de Iago não acreditara na mentira de que um pássaro colidira contra a janela, quebrando o vidro. Mas não fez grandes questionamentos a respeito, provavelmente para não cortar novamente laços com o filho.

Enquanto a velha senhora ia à cozinha buscar uma vassoura e pá para apanhar os cacos, Iago resumiu para a irmã tudo o que o espírito disse antes de fugir, o que a aterrorizou.

— Mas vou resolver essa situação. Prometo — disse Iago, que apanhara do bolso um giz de pomba que sempre trazia consigo, desenhando rapidamente um sigilo de proteção na parte de baixo do estrado da cama de Cíntia.

Talvez aquilo ajudasse.

Mas, quanto mais pensava na situação de ter seu sobrinho sacrificado para que sua irmã morresse, maior a fúria que subia à cabeça do bruxo.

Saiu daquela casa assim que possível, seguindo facilmente o rastro energético deixado pela entidade a cada rua.

Se a pista continuasse fresca daquela forma, logo chegaria ao seu destino, que já vinha desconfiando ser a casa do pai de Jorginho. Algo que se comprovava pela assinatura de energia deixada pela criatura em fuga.

O rastro energético era algo deixado por qualquer ser vivo e pela maioria dos objetos inanimados. Pois, enquanto tudo no Universo possuía uma energia primordial conhecida por Quintessência, alterada de acordo com onde estava alocada, todas as coisas, ao serem demovidas, deixavam um rastro.

E era isso o rastro energético.

A caminhada até a casa de Jorge, pai de Jorginho, foi longa e desgastante. Passou por ruas, becos, vielas, assim como em frente a padarias, igrejas, inúmeras casas, diversos prédios construídos por milícias, um terreiro de umbanda, uma UPA e outros estabelecimentos.

No caminho, chegou a parar em um bar para comer duas coxinhas requentadas no microondas enquanto bebia suco de laranja.

Ao retomar a caçada, o rastro energético enfraquecera pouco, mas Iago não teve qualquer dificuldade, exceto pelo desgaste físico sob o sol escaldante do Rio de Janeiro, para seguir a criatura invisível a olhos de pessoas comuns.

Durante praticamente todo o trajeto, sentiu-se observado, mas foi incapaz de determinar por quem.

A criatura que perseguia estava em fuga. Portanto, talvez se tratasse de algum espírito relacionado ao caso.

Ainda assim, decidiu fingir não estar atento ao fato, ignorando-o, de momento.

Chegou a sair da periferia em que se encontrava para caminhar por parte do Centro, onde o rastro chegou a enfraquecer ainda mais devido à multidão que por ali transitava ao longo do dia. Mas tão longo entrou em um bairro adjacente, sua percepção da trilha deixada pela entidade se tornou mais nítida.

Após longas horas caminhando, permitiu-se parar e comer novamente. Dessa vez, caldo de cana com pastel de carne.

Não se demorou ali, porém, retornando à perseguição tão logo pôde.

Sua irmã chegou a lhe telefonar por duas vezes a fim de saber onde ele se encontrava, ao que respondeu que continuava caminhando atrás do espírito. Pelo tom de voz, mostrava-se bastante preocupada, mas dizia ter recuperado parte de suas forças.

O rastro energético continuava levando à casa de Jorge, pai de Jorginho.

Enquanto prosseguia em sua perseguição, tendo deixado o carro para trás para melhor seguir a trilha, e percebendo que as ruas se tornavam cada vez mais periféricas, Iago foi pensando que talvez tivesse sido imprudente ao elaborar uma chantagem mediúnica para com o pai de Jorginho.

Talvez o homem, mesmo sendo um covarde, tivesse abraçado seus medos ao invés de se entregar aos mesmos, e conhecido algum espírito disposto a fazer um pacto durante o processo.

Iago acreditava no que o espírito dissera sobre o pai de Jorginho ter oferecido a vida do próprio filho como pagamento pela morte de Cíntia. Espíritos que propunham pactos de tal natureza, não raramente, aceitavam apenas o acordo mais destrutivo possível.

Afinal, quanto mais mortos, maior a possibilidade de se conseguir escravos do outro lado da existência.

E, para um pai que não amava o filho e queria se ver livre da ex-mulher, aquela seria uma forma perfeita de se livrar do problema como um todo.

A escuridão começava a preencher o céu enquanto a luz abandonava o horizonte quando Iago chegou em frente à casa do pai de Jorginho.

Era com pesar e revolta que encarava a fachada da residência.

Decidiu-se por não bater no portão que dava para uma escada de acesso à sala da casa. Ao invés disso, saltou o muro e alcançou a escada do outro lado, buscando fazer o maior silêncio possível até chegar à porta de alumínio no topo dos degraus.

Ficou feliz por encontrá-la destrancada, escancarando a abertura para a sala, que era ampla e possuía dois sofás, uma poltrona, estante com TV e videogame, aparelhagem de som, mesa de centro, armarinho e uma mesa com lugar para oito pessoas a um canto.

No centro da sala, ajoelhado sobre o tapete vermelho, Jorge, de costas para a porta, encontrava-se nu e chorava copiosamente.

Sua carne estava exposta em diversos pontos, como se algo quente a tivesse chicoteado, expondo seu interior.

E o cheiro de churrasco denunciava que algo envolvendo fogo havia sido feito consigo.

— Me ajuda, cara! Por favor! — berrou o homem, ainda de joelhos no tapete.

Cabelos ensopados de suor, corpo pendendo para o lado com a fraqueza corporal causada pelos golpes.

Somente então Iago percebeu que os genitais e o ânus do homem também haviam sido queimados, e isso embrulhou levemente seu estômago enquanto se sentava num dos sofás da sala.

“Pelo jeito, vou ficar um bom tempo sem comer linguiça e torresmo.”

— Por que eu deveria?

— Porque sou o pai do seu sobrinho, cara! — gritou ele.

— Você se importou com isso quando decidiu destruir a vida dele e da minha irmã? — Iago sacou o isqueiro e um cigarro do bolso da calça. — Vá se foder, seu babaca! Você nem queria assumir a paternidade, porra!

— Ah, qual é, cara? Me ajuda aqui, caralho!

Acendeu o cigarro e ficou olhando aquela figura pateticamente torturada.

— Novamente, eu pergunto: por que eu deveria?

— Eu te pago tudo o que você quiser, eu te dou o que você quiser se você me tirar daqui antes de aquela merda voltar, cara!

— Me dá tudo o que eu quiser? — Iago deu uma longa tragada antes de soltar o ar. — Está tentando barganhar comigo?

— Mermão, para de tirar onda com a porra da minha cara e me tira daqui!

Iago soprou uma pesada nuvem de fumaça contra Jorge.

— Para te ajudar, eu preciso saber exatamente o que foi negociado com o espírito.

— Eu queria a guarda do meu filho.

Iago sabia que era mentira, e deu como resposta um olhar acusador e cínico para o homem de joelhos no chão, incapaz de se erguer por algum motivo sobrenatural.

— Tá, porra, eu queria que a Cíntia morresse pra minha namorada parar de me encher o saco com a história da pensão. Aí eu pegaria o

Jorginho e colocaria num abrigo. Mas a entidade quis a vida do moleque, e eu pensei: “Que diferença faz?”. Vivo ou morto, não sou obrigado a criar o filho dela. Abriu as pernas pra mim porque quis, tá ok?

— “*O filho dela*”? Achei que nós já tivéssemos conversado sobre sua questão paternal, Jorge. — Iago se referia à noite em que forçara uma abertura mediúnica no homem a fim de chantageá-lo para que pagasse a pensão.

— Olha, cara, eu não queria ter um filho com ela, beleza? Era pra ser só umas trepadas sem compromisso. Melhor ser um pai ausente do que ser um pai que só caga tudo. Imagine que merda uma mãe ter que explicar pra criança que ela tava dando pro pai enquanto ele era casado. Eu não quero estar com mulher que não se dá ao respeito, não! Se o homem mete a pica numa mulher, é porque ele tá respondendo a um impulso natural. Agora, a mulher tem que se dar ao respeito. Vai dizer que eu tô errado, porra? Até no mundo animal é assim, pode ver. O macho sempre tem...

Iago não resistiu e desferiu um chute na boca do homem, que caiu para o lado.

Como alguém negro, bissexual, de origem pobre, filho de mãe solteira e com uma irmã mais velha, qualquer tipo de discurso preconceituoso lhe dava nos nervos, especialmente os racistas, sexistas e homofóbicos. Iago não sabia se o homem era racista, mas certamente era as outras coisas. E ouvir tudo aquilo a respeito de sua irmã irritara o bruxo ainda mais.

— Quando segui a entidade com a qual você fez pacto até aqui, eu alimentei esperanças de que você não fosse o culpado, sabe? Quando cheguei aqui, decidi que queria tirar a limpo o que aconteceu. Foi só por isso e pra ter certeza de que minha irmã e meu sobrinho vão ficar em paz que eu decidir vir aqui. Mas se houve qualquer chance de eu te salvar, depois de você falar esse monte de merda, acho que você bem merece o que vai te acontecer agora.

— Ah, mermão, puta que pariu, ele tá voltando! — disse Jorge, em franco desespero, quando o som de algo caindo na cozinha se fez ouvir. — Ele vai voltar! Me ajuda logo!

— Afinal, por que o espírito está tão revoltado contigo?

— Sei lá, porra!

— Será que é porque eu o queimei ao jogar sal grosso nele, e agora ele quer descontar em você porque você não avisou ao espírito que a

mulher que tinha como alvo é irmã de um bruxo? — falou Iago, cinicamente. — Esse é apenas um dos problemas de se fazer acordos com entidades, sabe? Se você não especifica todas as variáveis possíveis, pode acabar se queimando. Literalmente, às vezes.

Foi quando uma sombra sob a porta da cozinha se fez visível para Iago.

— *O que faz aqui?* — Sua voz era um sussurro.

— Na verdade, vim confirmar se esse palhaço foi quem cooptou um espírito para firmar um contrato que mataria minha irmã e meu sobrinho.

— *E o que pretende com isso?*

— Na verdade, nada. Desde que você deixe minha irmã e meu sobrinho em paz, pode fazer com esse babaca o que você quiser. Ele deveria ter te avisado no que estava se metendo, e você tem todo o direito de fodê-lo como quiser por causa dessa negligência. No seu lugar, eu também estaria puto. Não vou me opor a qualquer coisa que faça com esse merda, desde que deixe minha família em paz. Estamos de acordo?

— *Perfeitamente de acordo* — disse a entidade em meio às sombras que lhe envolviam. — *Tu estavas a defender os teus. Embora estivéssemos em lados diferentes do confronto, respeito a sua posição, pois faria o mesmo caso nela estivesse. Sendo assim, o meu problema se dá com este homem que atende pela alcunha de Jorge, pois este não me comunicou quanto a ti.*

— Entendi — disse Iago, caminhando para a porta. — Então tá, desejo um bom trabalho a você.

— Volta aqui, seu filho da puta! Não me deixa com essa porra!

A sombra foi avançando em direção a Jorge, que gritava entregue ao completo pânico.

Assim que Iago cruzou a porta de volta para a escada, deixou de ouvir os berros de Jorge.

Por um momento, cogitou que o sujeito tivesse morrido.

Mas logo percebeu no ar um feitiço para que fossem isolados os sons provenientes da agonia do homem. Pelo jeito, o espírito pretendia se divertir com sua vítima ao longo de muito tempo. Horas ou dias. Para Iago, não fazia diferença.

Jorge poderia gritar a plenos pulmões durante dias, mas ninguém o escutaria.

Iago sorriu, apesar de se encontrar triste.

Jorginho podia ter o pior pai do mundo, mas Iago, a partir daquele dia, cuidaria para que nada faltasse a ele ou Cíntia.

Ao dobrar a esquina, olhou em direção à casa de Jorge pela última vez.

De certa maneira, sentiu-se estranhamente aliviado, apesar da sensação desconfortável.

“É como o alívio que dá na barriga depois de cagar uma grande quantidade da diarreia. Dói, mas é um alívio”, pensou.

7

Depois de retornar para a casa de sua mãe ao chamar um motorista de aplicativo, soube que a mesma havia ido para a igreja, fazendo questão de levar Jorginho.

— Ela anda se enfurnando nessa igreja com mais intensidade a cada dia que passa — disse Cíntia, agora um pouco recuperada e se sentindo com força o bastante para preparar uma macarronada para os dois. O bruxo amava a receita da irmã, e por isso não fez objeção. Ainda não haviam tocado no assunto do pai de Jorginho. — Antes, ela ia uma vez por semana assistir ao culto desse pastor. Passou pra duas, depois três, até começar a ir todos os dias. E às vezes vai duas vezes por dia, principalmente nas sextas e finais de semana. Hoje é quinta-feira, e ela foi duas vezes também!

— Fanatismo religioso é foda.

— Nem me fale. Ela tá gastando metade da aposentadoria dela nisso, inclusive deixando de comprar coisas que precisa. Fica costurando pra conseguir comprar dinheiro pra remédio porque nunca tem no posto de saúde.

— Remédio pra quê?

— Diabetes.

— A mãe tá diabética?

— Idade é foda.

— Porra, nem me fale.

Ficaram calados por um tempo. O fogo aquecendo a panela remexida por Cíntia, até que ela tocou no assunto mais importante daquela noite.

— Como foi com aquele espírito? Parece que ele me deixou em paz mesmo. Tô me sentindo um pouco melhor.

— Eu não acho que você vá ter muitas notícias do Jorge no futuro — resumiu-se a responder.

Cíntia ficou calada novamente, apenas remexendo na panela, antes de perguntar:

— Ele tá morto?

— Se não morreu ainda, pode apostar que vai morrer logo. Jorge fez um acordo com aquele espírito. Seu ex queria que você morresse, e a vida de Jorginho era o pagamento. A entidade ficou puta porque devia conhecer minha fama de bruxo de aluguel, vi que a persegui, e aí se voltou contra seu ex.

Cíntia ficou calada por um tempo ainda maior.

— Por um lado, é bom — disse ela após quase um minuto quieta. — Ele ensinava muita merda pro Jorginho. Só mau exemplo. É foda. — Ela fez uma breve pausa, possivelmente rememorando algumas situações. — Se o menino desse ouvidos, cresceria tão podre quanto o pai. Mas, por outro lado, eu realmente preciso do dinheiro da pensão daquele bosta. Porra, Iago, não sei como vou fazer agora.

— Não se preocupe com isso. As coisas têm melhorado muito pra mim. Tenho conseguido serviços com muita facilidade e ganhado uma grana legal. Vou te ajudar.

— Não precisa.

— Faço questão.

— Tem certeza? Porque não posso contar com o dinheiro num mês e não ter no outro. E não acho justo ficar te cobrando uma merda dessas. Por isso quero saber se tem certeza.

— Absoluta.

Ela ficou em silêncio, talvez imaginando o quanto Iago lhe pagaria, mas se resumiu a dizer:

— Obrigada.

Depois disso, comeram.

Terminada a refeição, que não teve muitos diálogos, Iago entrou em seu Fusca azul e foi embora. Não queria ver a mãe novamente.

Estava louco para beber uma cerveja na Lapa.

Depois de um dia estressante como aquele, apenas uma noite com cerveja e sexo no final seria capaz de relaxá-lo.

No final da vida, a mãe de Mandioca se tornara uma fervorosa mulher evangélica, talvez numa busca por aplacar as culpas que pensava carregar por se prostituir a fim de dar sustento aos filhos.

Enquanto o vírus do HIV a fazia definhando, sem qualquer auxílio por parte do Governo, que nunca cedia as medicações necessárias para uma vida minimamente saudável nos postos de saúde mais próximos, a esperança se voltara para Deus.

Vez ou outra, algum fiel subia ao púlpito e dizia que Deus o curara do câncer, da AIDS e até mesmo da morte. Antonieta acreditava que, se orasse o suficiente e desse à igreja tudo o que recebia e sobrava após dar de comer aos filhos o mínimo necessário, ela seria também curada.

Dessa forma, o rapaz, que um dia viria a ser conhecido na favela como Mandioca, viu a mãe falecer após contrair um simples resfriado que lhe causou severas complicações.

Mas ir aos cultos da igreja se tornara um hábito do qual ele não havia se desfeito, mesmo após entrar para o tráfico de drogas. E a sina de sua mãe, a despeito do que teria ocorrido a muitos, apenas reforçara a fé do rapaz que se transformara em um dos traficantes mais temidos do Rio de Janeiro.

“A caridade começa em casa. A igreja dá o pão espiritual ao homem, mas o homem não se sustenta com o pão espiritual sem o pão físico”, dissera-lhe o pastor certa vez. E, mesmo com a prostituição de sua mãe, faltara muito pão para Mandioca e seus irmãos.

No fim, o individualismo de sua mãe fora a parte não compactuante com a fé cristã que ela jamais enxergara, acreditando que sacrificar conforto para os filhos em prol de doações à igreja fosse o bastante para se salvar.

Por essa razão, mesmo sendo o homem que mais contribuía com dízimos à igreja, doando quantias muito maiores que as estipuladas, estendia sua mão a todos na favela, fosse financeiramente ou intercedendo em conflitos, fosse criando postos de trabalho no esquema de tráfico de drogas, fosse fazendo obras dentro da comunidade.

Via a si mesmo como um homem de Deus.

E seu pastor enxergava isso.

Numa das crises existenciais de Mandioca, o Pastor Everaldo dissera: *“Mais vale um homem que anda pelas sombras para fazer o bem do que um que se fantasia de cordeiro para corromper o rebanho”*.

E era assim que Mandioca gostava de se enxergar: um homem que trilhava um caminho de sombras em nome de um bem maior, fosse para aquilo que chamavam na igreja de Obra de Deus, fosse para ajudar o próximo dentro da comunidade e em seu seio familiar.

Alguns já haviam lhe questionado quanto a isso, ao que Mandioca respondera que, se Deus mandara homens travarem guerras em Seu Nome e Cristo elegera párias da sociedade para serem alguns de seus apóstolos, seu caminho era tão válido quanto qualquer outro.

Algo em que Mandioca acreditava piamente.

Naquela noite, após o culto, o pastor mandou lhe chamar para uma conversa a sós.

Com o salão da igreja já vazio, exceto pelos dois, ambos sentados lado a lado numa das muitas cadeiras plásticas ao redor do púlpito de madeira, o Pastor Everaldo parecia tenso.

Não o tipo de tensão exalada por alguém que teme estar ao lado de um traficante, mas a mesma inquietação de quem precisa solicitar algo inconveniente.

— Manoel — Everaldo nunca o chamava pelo apelido —, Deus falou comigo sobre ti num sonho em forma de revelação, sabia? — O homem de quase quarenta anos, alto e de pele miscigenada, buscava manter um tom de tranquilidade.

— Deus falou sobre mim? — Mandioca não escondia sua felicidade.

As vozes de ambos ecoavam pela igreja vazia.

— Falou, Manoel — reforçou o pastor. — Você sabe que todo homem tem sua missão na Terra, não é?

— E a minha é ajudar a quem eu puder, pastor.

— Não só isso: Deus veio até mim e disse que você serve ao mal do homem para ter forças para enfrentar um mal ainda maior. — O pastor fez uma pausa antes de prosseguir, avaliando bem as próprias palavras. — Ele quer que você enfrente todos os servos de Satanás nessa comunidade.

— Servos de Satanás?

— Existe um centro de macumba que anda corrompendo os corações dos homens no território controlado por você — disse Everaldo.

— E de que adianta ajudar a todos na carne se não os ajuda no espírito? O Diabo é sedutor, Manoel, e cabe a um homem influente como você cortar o joio para separá-lo do trigo, como naquela parábola de Jesus.

Mandioca ficou digerindo aquelas palavras.

Pastor Everaldo prosseguiu:

— Deus quer que você destrua este templo profano de adoração a Satã, irmão. Ele quer que você devolva ao pó os idólatras que lá cultuam animais e demônios durante sacrifícios e orgias com exus e pomba-giras.

— Sangue de Jesus tem poder... — A voz de Mandioca morreu no ar. — Tá amarrado, pastor.

— Sim, o seu poder está amarrado, mas não por Jesus enquanto você permitir espaço para esse tipo de coisa. O homem permite existir sob aquilo que manda o mesmo que permite existir em seu coração. E não há como alcançar a Salvação se você deixa um irmão em Cristo ser corrompido, Manoel.

— Eu preciso pensar em como fazer isso, pastor. Sabe como é, né? Não posso simplesmente entrar lá atirando, entende?

— Deus estará contigo quando a hora for certa.

9

Everaldo se despediu do traficante conhecido como Mandioca sob o olhar da criatura invisível a olhos comuns, que a tudo assistia, acompanhando o cumprimento do pastor na tarefa que lhe ordenara.

Alta e forte, assemelhava-se à representação bíblica do Diabo. A tulpa diante do pastor andava ao seu lado desde os seus treze anos da idade. Agora, contava com trinta e seis. Praticamente dois terços de uma vida sendo acompanhado por um ser invisível.

Demorara anos até saber o que uma tulpa era, e mais tempo ainda até assimilar a ideia de que aquela criatura etérea, invisível para todas as outras pessoas com quem convivia, não era Satanás. Por mais que tentasse se convencer do contrário.

Fora um ocultista, ainda quando cursava Teologia, quem lhe explicara o que era uma tulpa.

Alguns segmentos ocultistas trabalhavam com a ideia de *formas-pensamentos*. A ideia remetia ao platonismo no sentido de que a fixação do pensamento em algo irreal seria capaz de produzir fenômenos reais. Dentro

da categoria de *forma-pensamento*, encontravam-se os chamados *servos astrais*, estes sendo amplamente utilizados por adeptos daquela que era chamada de *Magia do Caos*.

Um servo astral consistia num desdobramento psíquico do magista a tomar forma no Plano Espiritual, quase sempre, refletindo características do evocador ou invocador, sendo um desdobramento de características e vontades deste.

Em tese, o servo astral passaria a atuar na área desejada pelo magista, fosse ela prejudicar espiritualmente ou a saúde de alguém, curar uma pessoa, limpar as energias de um ambiente, espionagem, influenciar indivíduos, entre diversas outras possibilidades a dependerem da criatividade e capacidade do magista. E as formas de um servo astral poderiam ser das mais variadas, segundo lhe contara esse amigo de faculdade a quem confidenciara o problema que vivia.

Mas, após o servo astral ser submetido a diferentes experiências, ele poderia desenvolver uma individualidade própria, tornando-se, portanto, uma *tulpa*. Um servo astral com autonomia própria, que seria leal ou não a seu criador de acordo com muitas variáveis.

Acontecia, porém, que, em raros casos, um indivíduo, mesmo sem ter qualquer iniciação mística, de acordo com seu potencial mágico individual, poderia criar espontaneamente um servo astral, e este poderia vir a se tornar uma tulpa.

Esse fenômeno era mais comum entre pessoas que desejavam muito intensamente algo que fosse totalmente contrário ao seu próprio norte moral ou sendo fruto de um desejo inconsciente. Nesses casos, o servo astral passava a funcionar como uma figura dissociada do sujeito a fim de satisfazê-lo.

E, segundo o colega de faculdade, um amigo íntimo que tivera em anos anteriores, o demônio a visitar Everaldo todos os dias era uma representação de tudo o que o pastor desejava ardentemente ao mesmo tempo em que abominava tais desejos.

Seu amigo de faculdade, um adepto da Magia do Caos, por mais improvável que fosse tal amizade, tentara destruir a tulpa que acompanhava Everaldo.

Além de fracassar no processo que chamara de “*banimento*”, não tardara a aparecer morto, vítima de um vaso de planta que caíra de um alpendre no sétimo andar de um prédio enquanto caminhava na rua.

O demônio pessoal de Everaldo fora quem lhe dera a notícia, pontuando que ele próprio era o causador do acidente. Em seguida, ameaçara o homem que se tornaria pastor, alegando que destruiria todos ao seu redor caso não o obedecesse.

De acordo com o que seu amigo ensinara, Everaldo sabia que a criatura provavelmente seria destruída caso ele próprio morresse. Portanto, sua tulpã não poderia matá-lo e faria de tudo para prolongar sua vida pelo maior tempo possível. O que não significava que não fosse capaz de lhe incutir sofrimento como punição.

Mas, até aquele ponto, ela precisava do seu corpo para muitos propósitos. Incluindo se satisfazer.

— *Espero que tenha lavado este seu cu da forma que mandei.* — Sua voz era ao mesmo tempo gutural e como um sopro. Mostrava um sorriso cheio de dentes na face rubra sob longos chifres negros. — *Do contrário, sabe que precisarei ser mais intenso para conseguir relaxar.*

— Sim, eu fiz como você ordenou.

— *Ótimo. A nossa noite só está começando.*

O salão da igreja estava completamente vazio, exceto pelos dois.

— Por favor, só não me faça vivenciar as coisas nojentas que você vai fazer.

— *O nojo e o desejo podem ser estranhamente associados, segundo a Psicanálise, sabia? Mas é claro que você sabe, oras. Afinal, se você não soubesse disso na própria pele, eu não existiria.*

Everaldo suspirou profundamente, derrotado.

10

O Bar do Momento era exatamente o que o nome sugeria.

Com bons petiscos servidos rapidamente no amplo salão e mesas espalhadas pela calçada, vinha sendo assiduamente frequentado pelos LGBTQs que buscavam na Lapa um ambiente alternativo e agradável que não pesasse muito no bolso.

Bebendo uma cerveja, o bruxo degustava batatas fritas com queijo derretido e pimentas.

E, após uma cantada barata, fazendo jus ao nome do bar, a língua de Iago encontrou a de Christopher, um britânico residente no Brasil.

Pressentia que logo conseguiria realizar seu intento de relaxar com sexo após um intenso e estressante dia resolvendo problemas familiares de ordem espiritual.

Christopher era atraente, educado, conversava sobre qualquer assunto e parecia tão interessado quanto ele em pedir a conta da mesa que ocupavam para irem a um lugar mais reservado, algo que Iago, que morava ali perto, poderia facilmente fornecer.

E a conta veio.

Havia sido alta porque beberam uma quantidade considerável de álcool.

Ao saírem dali, Christopher se prontificou a chamar um motorista de aplicativo, ao que Iago recusara, mostrando seu Fusca azul parado do outro lado da rua.

— Você acabou de beber — apontou o britânico em seu português fluente.

— Moro bem perto daqui — retrucou Iago. — Não vai ter perigo porque não estou tão bêbado assim.

— Que bom, porque aí não vai poder dizer que abusei de você.

Iago gargalhou alto.

— Talvez eu queira que você abuse um pouco de mim.

— E talvez eu queira chegar em segurança na sua cama.

— Ah, faço questão de que você chegue inteirinho nela. De joelho ralado, só depois que sair dela.

Foi a vez de Christopher gargalhar.

— Então vamos chamar um motorista — ele insistiu.

— Confia em mim — disse Iago. — Eu cuido do volante, você passa a marcha pra mim.

— Agora, isso está ficando tentador. Tem certeza que consegue dirigir até seu *apart*?

— Tenho.

Christopher estava receoso, e não sem razão. Se fosse Iago na posição contrária, ele mesmo não aceitaria entrar no carro de um desconhecido alcoolizado. Porém, sendo um bruxo, ele possuía seus métodos para driblar temporariamente os efeitos do álcool no corpo.

Manipulando os fluxos certos de energia no próprio corpo, sentia-se sóbrio ao se sentar no banco do motorista com o gringo ao seu lado.

— Tem certeza?

— Tenho.

O caminho foi tranquilo até o prédio.

Chegando na garagem, Christopher comentou:

— Você dirige bem mesmo! Nem parece que encheu a cara comigo!

Iago apenas sorriu antes de desligar o carro e beijar novamente Christopher, segurando-o pela nuca com uma mão enquanto segurava sua coxa com a outra. “Esse aí não pula o dia de treinar perna!”, constatou.

O gringo, por sua vez, tinha uma mão na nuca de Iago e outra no peitoral, quase tão forte quanto o do outro. Seus dedos foram descendo lentamente ao longo do abdômen, até alcançarem seu membro rijo dentro da calça.

Iago deixou escapar um suspiro antes de Christopher começar a abrir seu zíper.

— Se a gente continuar assim, vai se pegar aqui mesmo — falou o bruxo. — Não é melhor a gente subir?

— Realiza um fetiche meu primeiro?

Algo acendeu na mente de Iago. De alguma forma, sabia que aquela noite seria realmente boa.

— Opa, pode falar.

— Sempre quis chupar um cara num lugar em que corresse o risco de ser visto.

Como se para denotar o pedido do homem loiro e de olhos azuis, a luz dos faróis de um carro invadiu o Fusca por um momento. Era um carro manobrando dentro do espaço subterrâneo antes de ir em direção à rua.

— Coloca essa boca deliciosa em mim então.

Christopher não esperou ser mandado de novo.

Habilmente abrindo espaço com uma mão para que o pênis de Iago saltasse para fora, foi beijando seu pescoço antes de descer a boca até onde queria.

Iago sentiu a parte mais sensível de seu corpo ser envolvida por um toque quente e molhado. A boca subia e descia sem que a língua deixasse de massagear a cabeça de seu pau.

— Porra... — suspirou a palavra enquanto afagava a cabeça de Christopher, que subia e descia.

Subia e descia.

Subia e descia.

Subia e descia.

Subia e descia.

Subia e descia.

Subia e descia.

Subia e descia.

E massageava com uma mão suas bolas.

Ele então lambeu toda a extensão, desde onde pau e saco se misturavam numa coisa só, levando a língua até a cabeça antes de envolver todo o membro com a boca, realizando uma garganta profunda.

Sons de passos ecoaram na garagem, mas nenhum deles se importou, e logo a pessoa a caminhar por ali desapareceu do campo auditivo dos dois.

Isso não deteve Christopher, que continuava a chupá-lo avidamente. Agora, com mais intensidade, como se a possibilidade de serem pegos criasse nele uma empolgação ainda maior.

Toda aquela situação, por alguma razão, tornava o boquete de Christopher o melhor que já recebera na vida. E, enquanto gemia e se contorcia de prazer no apertado banco do Fusca, Iago chegou a pensar que faria questão de retribuir o gesto assim que entrassem em seu apartamento.

E a boca de Christopher continuava a trabalhar em seu membro, que agora pulsava, prenunciando o que viria a seguir.

— Vou gozar... — avisou ele enquanto abria o porta-luvas em busca de um papel higiênico para evitar a sujeira.

Christopher não se deteve.

Ao contrário, apertou o saco de Iago com mais força enquanto impunha mais vigor no sexo oral.

E então Iago compreendeu o que ele queria.

Quando porra jorrou dentro da boca de Christopher, ele pareceu sorrir, mesmo com um pau entre os lábios.

Nesse momento, passou a chupar Iago mais lentamente, apreciando o membro e sem deixar escorrer uma gota.

Após alguns segundos, finalmente ergueu a cabeça e beijou o bruxo, que sentiu o próprio gosto.

— Espero que tenha mais de onde veio — disse Christopher, masturbando Iago.

— Tem bem mais. Curte ser ativo?

- Sou flex.
- Já temos algo em comum então. Bora subir?
- Tô dentro.

11

Everaldo tentou se sentar no banco do motorista. Porém, a dor o obrigou a fazer isso sobre uma nádega apenas, o que pouco resolveu o incômodo.

A tulpa demorara menos tempo naquela noite, mas pegara mais pesado que o habitual.

Olhou-se no retrovisor do carro.

Batom vermelho manchado pela face a partir da própria boca, uma marca de tapa numa bochecha, a sombra nos olhos destacando o verde neles.

“Porra, por que eu sou assim?”

Ao seu lado, dentro do veículo, a tulpa se divertia com toda a situação.

— *Eu sei que você gostou* — disse ela com sua voz gutural.

— Filho da puta! Devasso, desgraçado!

— *Uma vez que eu sou você, é engraçado que me odeie tanto.*

Everaldo se virou na direção da tulpa, o que apenas acentuou a dor em seu ânus, fazendo com que gemesse de dor. Havia algo muito errado consigo naquela região, a julgar pelo tamanho do desconforto, e ele sabia que deveria procurar ajuda médica, especialmente ao sentir algo líquido, ou talvez pastoso, preencher sua cueca.

— Sua bicha psicopata filha de uma puta! Não tem a menor condição de você ser uma parte de mim! Não faz o menor sentido! Você é tudo o que abomino!

— *Tudo o que você abomina em si mesmo, Everaldo. Não à toa, quando vai pregar, seus discursos contra homossexuais estão entre os mais inflamados. Sabe como chamam isso? Estado de negação.*

— Estado de negação? Acha que eu queria estar com o cu todo fodido do jeito que está agora? Porra, eu não tô conseguindo ficar sentado de jeito nenhum dentro desse carro.

— *Ah, você sabia bem que merecia ser punido por seus pecados.*

— A criatura gargalhou sonoramente. — *Eu só te ajudei no processo. Você*

é muito ingrato.

— Ingrato? Ah, vá se foder!

Everaldo girou a chave do carro a fim de tirá-lo do estacionamento da casa de swing a que a tulpa o levava após entrar em seu corpo e assumir o controle das suas ações.

Era sempre assim.

A tulpa o possuía, podendo ou não fazer com que Everaldo sentisse cada instante, a depender do humor da criatura. E, naquela noite, ela fora particularmente cuidadosa em até mesmo ampliar seus cinco sentidos durante uma suruba formada por onze homens. A maioria foderia seu cu, mas outros se revezaram em gozar dentro de sua boca. Após voltar a si, vomitara por diversas vezes devido ao gosto de sêmen na boca.

Por mais que gostasse do sabor.

Para Everaldo, a pior parte era saber que se sentira profundamente excitado durante todo o processo sexual.

— *Eu vou adorar ver você tendo que explicar para um médico como um pastor evangélico consegue um prolapso anal.*

— Por favor, vá embora da minha vida! — Everaldo começou a chorar copiosamente.

— *Estranhamente, Everaldo, eu sumiria caso você deixasse de ser babaca e assumisse ser o que é. Mas fazer o quê? Você prefere o caminho mais difícil — disse a tulpa. — Mas não reclamo. Sem sua hipocrisia, eu nem existiria. E isso me impediria de curtir uma existência enquanto te fodo por ser um filho da puta. Mas sabe o que é engraçado? Você nem acredita na Bíblia, apenas queria muito acreditar e colocar toda a sua culpa numa figura diabólica. Mas lá está você, praticamente todos os dias, defendendo as ideias daquele livro. E pra quê? Por dinheiro? Para tentar acreditar no que está ali? Ou pra se livrar de alguma culpa? Não me admira que seu inconsciente tenha construído a minha imagem como a de Satanás.*

Após retirar a maquiagem do rosto com o auxílio de álcool e papel higiênico, Everaldo dirigiu o carro para fora do estacionamento. Pensava em qual desculpa daria ao chegar no hospital mais próximo.

O rapaz e Iago estavam completamente nus e ensopados de suor sobre a cama.

Fora sua primeira vez com um estrangeiro.

Christopher tinha vinte e nove anos com um metro e noventa e seis de altura, de corpo bem torneado sem ser exagerado, cabelos loiros e lisos, olhos azuis e modos quase sempre polidos em contraste com sua voz grave e feições duras.

Trabalhava como analista de riscos de uma empresa especializada em avaliações de altas e quedas na Bolsa de Valores, de modo que ricos interessados no ramo pudessem investir de forma mais segura.

Conversando com Christopher, descobrira que ele era fluente em português, espanhol, francês, italiano e alemão. Segundo dissera, estava se dedicando a aprender chinês.

“É provável que, no futuro, o chinês se torne o que hoje é o inglês”, ele dissera horas antes na mesa de bar na Lapa onde o conhecera.

“Eu não ligo, desde que minha língua possa se entender com a sua”, Iago dissera antes de se condenar por aquela péssima cantada.

“Você é bem direto, no?”

“Sou. Isso é um problema pra você?”

“Somente se você deixar de ser.”

Após se beijarem, não demorou muito para que se chupassem dentro do Fusca de Iago antes de subirem ao seu apartamento.

E aquela havia sido uma das melhores transas de sua vida.

— Eu não quero incomodar, mas podemos pedir alguma comida pelo celular? — perguntou Christopher, visivelmente receoso de ser incômodo. — Eu sei que talvez fosse mais educado de minha parte comer quando eu fosse embora, mas estou adorando sua companhia. E vou querer um terceiro round ainda essa noite — ele completou, deslizando os dedos sobre o abdômen de Iago.

— Ai, homem, não precisa ficar com vergonha disso — disse Iago, deixando escapar uma leve risada. — Eu também tô morrendo de fome.

— Deixa que eu pago pela comida — disse Christopher.

— Não, nada disso — respondeu Iago. — Eu recebi um bom dinheiro na semana passada. — Esperou que Christopher não lhe perguntasse como, já que seria estranho revelar no primeiro encontro como ele livrara um magnata da cidade de cair num golpe aplicado por uma

súcubo que trabalhava num prostíbulo, o qual possuía como cafetão um mago negro. Para evitar perguntas, emendou a frase anterior em outra. — Posso bancar a nossa noite hoje. Na próxima, você paga.

— Estamos na sua casa, e eu falei primeiro sobre a comida — disse Christopher. — Faço questão de pagar.

— Podemos dividir a conta, se você insiste tanto em pagar — disse Iago.

— Aceito.

— Socialismo é lindo, não?

Christopher gargalhou.

— É lindo, mas o meu ramo provavelmente não existiria num sistema assim. Então fico com o meu capitalismo. Gosto do meu emprego.

Iago se levantou e foi pegar o celular no bolso da calça, que estava caída perto da porta. Desbloqueou a tela e abriu o aplicativo de entrega de comida.

— A propósito, Chris, como você aprendeu a falar português tão bem?

Christopher riu, olhou para a paisagem que se estendia além da janela, parecendo pensar um pouco, e então finalmente respondeu.

— Eu tive um namorado brasileiro em Westminster. Ele me ensinou português, e eu ensinei beijo francês.

Iago caiu na gargalhada.

— E você é fluente nessa língua também? — perguntou.

— Completamente — respondeu Christopher. — Duvida?

— Duvido. Quero que me prove.

— Só depois da comida.

13

Everaldo estava passando pela maior vergonha de sua vida.

Deitado num dos leitos do pronto-socorro mais próximo encontrado pelo GPS de seu carro, diversas enfermeiras e alguns médicos faziam questão de passar pelo ambiente repleto de outros pacientes em variados níveis de gravidade. Mas era a ele quem dirigiam suas atenções disfarçadas de interesse médico.

E duas enfermeiras e um médico não conseguiram conter risos.

Certamente, na ficha de entrada do pronto-socorro, o fato de ali constar que ele era pastor influenciara naquele comportamento.

“Um pastor com o cu arrombado. É o que todo mundo quer ver hoje em dia”, pensou.

Invisível a todas as demais pessoas no ambiente, a tulpa não conseguia se conter a cada reação dos profissionais. Ria descontroladamente, chegando a perder o fôlego.

Como se não fosse o bastante, a única exceção entre os médicos, um que não tecera qualquer comentário a respeito de seu prolapso anal, fora justamente o único que lhe prestara o atendimento necessário.

Leu a identificação no jaleco do homem que lhe apontava como *Dr. Luciano Dias*, um sujeito de porte imponente que mantinha na face uma inexpressividade que parecia imutável.

Everaldo sentiu algo crescer entre as pernas enquanto o médico analisava delicadamente seu ânus ferido. Ruborizou ao mesmo tempo em que se revoltava.

Seu diabo pessoal, consciente da situação, ria ainda mais.

— Prescrevi uma pomada e uma dieta para você, Senhor Everaldo — disse o médico de forma monocórdica. — Tente não usar o ânus, exceto para necessidades fisiológicas, até uma semana após os pontos caírem.

— Não pretendo mesmo, doutor.

— *Não posso dizer o mesmo.* — A criatura gargalhou. — *Você sabe muito bem que preciso desse seu corpinho pra me divertir.*

14

— Mas você não me disse com o que trabalha — disse Christopher enquanto apanhava um sushi com seus hashis.

— Eu não sei se você vai gostar de saber qual a natureza do meu trabalho.

Christopher largou os palitos com que comia sobre a bandeja na qual fora servida a comida japonesa entregue pelo restaurante via aplicativo.

— Você não vai saber se vou gostar se não me disser.

— As pessoas me pagam pelos serviços de bruxaria que ofereço.

O britânico ficou digerindo aquelas palavras por alguns segundos.

— E como isso funciona?

— Comercialmente falando?

— Sim.

— As pessoas normalmente têm problemas que não podem ser resolvidos por meios comuns, e então inevitavelmente pensam em apelar para recursos místicos, sejam eles Deus, santos, espíritos ou feitiços — disse Iago. — É quando alguém que já ouviu falar de mim ou já teve seu problema resolvido me indica. Elas então me contratam para que eu faça um feitiço que resolva suas vidas naquele âmbito.

— E dá certo?

Iago sorriu.

— Eu teria outra profissão se não desse.

— Se eu quisesse ganhar mais dinheiro, seria possível?

— Quase todas as manhãs, ao acordar, faço um feitiço do tipo para mim mesmo — disse Iago. — É assim que tantos clientes aparecem.

— Acho que quero um feitiço desse tipo. — Christopher gargalhou ao falar, sendo acompanhado por Iago.

— Conheço um bastante simples.

— Quero tentar.

— Mesmo?

— Quanto me cobraria?

Iago encarou aquela boca que fazia tal pergunta.

Sabia de uma forma de pagamento que viria a cair bem.

— Que tal outra mamada?

Christopher não rejeitou a ideia, apenas sorrindo e avançando de quatro, quase se arrastando, em direção à cintura do bruxo, que ia ficando gradativamente ereto.

— Vai ser um prazer pagar para você.

15

Everaldo estava novamente dentro do carro, mas agora dirigia para casa.

Sua bunda ainda doía terrivelmente.

— *Tenho uma coisa para confessar, pastor.*

O homem ignorou a fala da criatura.

— *Eu pequei* — continuou a tulpa. — *Fiz coisas terríveis aos olhos de Deus. Coisas que o senhor nem imagina.*

Everaldo acreditava saber em primeira mão. Continuou sem responder ao que a tulpa dizia.

— *Você se lembra de quando tinha vinte anos? Você estava viajando com a família toda para uma cidadezinha no litoral da Bahia, uma praia sensacional. Aí sua mamãe te pediu pra que levasse a coitadinha da Luzia pra um passeio.*

— *Eu não acredito que você vai dizer o que acho que vai dizer.*

— *Coitada da Luzia, ninguém acreditou nela. Mas ela não era mentirosa ou louca, como você fez todo mundo achar.*

Everaldo sentiu uma vertigem lhe acometer.

— *Eu me arrependo muito daquele dia, pastor. Eu me arrependo de ter entrado no seu corpo enquanto você cochilava porque ela tinha saído do carro pra comprar refrigerante num supermercado. Quando você achou ter acordado, ela estava chorando no banco do carona, em estado de choque, e só foi contar o que aconteceu muitos anos depois, não é? Claro que ninguém acreditou, mas você sabia que devia ter ocorrido algo fora do normal durante o tempo em que apagou no banco do motorista.*

— *Jesus, eu não acredito no que estou ouvindo...*

— *Eu me arrependo, pastor. Eu me arrependo profundamente de não ter deixado você assistir daquela vez. Você precisava ver a cara que ela fez quando peguei a arma que era do seu pai, coloquei na cabeça dela e a fiz chupar esse seu pau murcho.*

Everaldo precisou encostar o carro, sem sequer saber o que pensar.

— *Enquanto ela chupava, eu dizia que, se ela mordesse, eu estouraria a cabeça dela ali mesmo. E, se ela contasse, mataria os pais dela e faria ela assistir antes de mandá-la pro Inferno. E você precisava ver, Everaldo, como ela foi dedicada em me fazer gozar naquela boquinha rosada.*

Everaldo começou a orar uma prece sem qualquer fé. Já havia perdido toda a crença em Deus, restando apenas a esperança de estar enganado.

— *Mas sabe qual meu arrependimento, pastor? Não ter deixado você assistir. Acho que, durante toda a minha existência, desde que você me criou, eu tenho sido egoísta ao privar você desses outros prazeres que você sempre quis ter. Ah, porque eu sei como você sempre teve o maior fetiche nesse tipo de coisa.*

— Pare com isso.

— *Você sabe que eu conheço todas as suas vontades. Depois desse dia, eu passei a ser mais cuidadoso, sabe? Não queria que você fosse preso só porque morria de desejo de corromper a inocência de alguém. Não é assim que a coisa funciona na sua cabeça? Você não se amarra em ser a primeira pessoa na vida de uma criança? De comer uma boceta pura ou chupar um pau intocado? E você não rejeita tanto isso em você? Pois é. Por consequência, eu acabei sendo assim.*

— Eu não sou assim — disse Everaldo com lágrimas nos olhos.

— *Ah, eu sei que você é. Não adianta mentir pra mim, pastor.*

— É só uma coisa de fetiche, e você sabe muito bem que eu me contento com punheta em relação a isso!

— *Você só se contenta com punheta em relação a esse fetiche porque seu inconsciente está satisfeito através dos meus atos, que você nem sabia que eu tenho.*

— Você é um demônio!

— *Mas, como eu disse, fui mais cuidadoso depois desse episódio. Eu passei a usar outras pessoas no processo.*

— O quê?

— *Pois é, pastor. Eu descobri que podia me mostrar para alguns médiuns. E aí descobri que alguns ocultistas me adoravam, especialmente dentro de um segmento chamado Satanismo Anti-Cósmico.*

Everaldo chorava. Perguntava a si mesmo se tudo aquilo seria evitado se tivesse buscado ajuda psicológica a tempo, se tivesse aceitado sua homossexualidade e tratado seu transtorno pedófilo.

Teria uma vida diferente, problemas diferentes, mas uma carga menor para suportar. Caso tivesse assumido desde cedo sua sexualidade, certamente teria enfrentado uma gama de preconceitos, mas ao menos não teria que lidar com aquela coisa; e tratar clinicamente sua pedofilia teria evitado uma série de transtornos, inclusive à própria família.

— *Mas sabe o porquê de eu estar contando isso a você, pastor? É porque estou com medo.* — A tulpa, pela primeira vez naquela noite, parecia não estar se divertindo. — *Eu acabei me envolvendo mais do que deveria com um magista que mora na mesma favela em que você faz pregações. E, no começo, era divertido dar tarefas desse tipo para ele. E, olha, devo dizer que você e esse feiticeiro são muito parecidos. Ele também finge que não é gay, sabe? Mas faz programa pra viver. E quando eu*

prometi poder a ele em troca de sacrificar sexualmente crianças para meu prazer, e assim proteger você, ele não pensou duas vezes.

Everaldo suspirou fundo.

— Mas agora tenho medo, pastor. Tenho medo de ser assim pra sempre, e estou cansado de ser parecido contigo. Não é algo que surgiu há pouco tempo, mas que veio crescendo com os anos, entende? Eu vinha usando esse feiticeiro de quem te falei, mas, durante um acordo que fiz com um cara, e teria a vida do filho dele como pagamento, eu descobri que a ex-mulher dele tem um irmão bruxo, bem mais poderoso que o feiticeiro prostituto, e ele é capaz de dar fim a essa nossa história, pastor. Então armei um esquema para atrair a atenção dele — disse a tulpa. — Fiz esse bruxo me seguir pelas ruas e passar em frente ao terreiro que mandei você derrubar. O mesmo terreiro que eu mesmo fui ameaçar na noite passada, chamando a atenção dos exus de lá, que seguiram o bruxo que me seguia — continuou o ser. — Está acompanhando meu plano, não está? Você mandou aquele traficante de merda ir derrubar o terreiro depois de eu dizer a você que aquele lugar seria uma ameaça, que a intolerância de seus fiéis acabaria fazendo os espíritos de lá se voltarem contra você. — A tulpa deu um sorriso. — Então decidi jogar aquele bruxo e os espíritos do terreiro contra você. É só uma questão de tempo até os dois lados unirem forças contra você!

Everaldo não estava conseguindo acompanhar o plano traçado pela criatura, mas ela continuou falando.

— E quer saber? Eu vou me divertir muito vendo sua vida miserável acabar! Já cansei de ser quem sou, pastor. Cansei de ter prazer em jogos de manipulação, em ser uma sombra do seu prazer e me sentir feliz em destruir vidas de crianças. E sabe aquele feiticeiro boiola de quem te falei? Ele também curte umas criancinhas, mas ele vai rodar junto contigo. Já preparei tudo para mandá-lo para o mesmo inferno pro qual espero que você vá. E quando o meu feiticeiro for pego pelos traficantes, eles provavelmente vão associar erroneamente o sujeito e seus rituais com crianças aos rituais de umbanda. Preconceito é foda, né? Mas, quando isso acontecer, diversos espíritos ligados à umbanda vão ficar revoltados contigo, e virão atrás de você, porque foi você quem mandou que derrubassem o terreiro! E devo dizer que esses espíritos terão todos os motivos do mundo pra acabar contigo.

— Comigo? — Era muita coisa junta. Everaldo não conseguia acompanhar o plano.

— *Com você, que deu a ordem para o traficante que frequenta sua igreja* — pontuou a tulpa. — *Quando isso acontecer, vão acabar contigo, e eu estou com medo disso, pastor. Tenho medo de não ser tão dissociado de ti a ponto de conseguir viver sozinho sem alguém para sustentar minha existência.*

— Seria um favor ao mundo.

— *E para onde você acha que vai quando morrer, pastor?*

16

Iago e Christopher transaram mais duas vezes.

Após tantas transas numa única noite, os paus de ambos já estavam até mesmo demorando mais a subir, mas, ainda assim, queriam mais.

O bruxo estava adorando aquele encontro que começara por acaso numa mesa de bar da Lapa, proeminente bairro da boemia carioca, e se estendera para sua própria cama.

— Passou da hora de me ensinar aquele feitiço, né? — perguntou o britânico após saírem do banho e se sentarem abraçados no sofá da sala, que tinha vista ampla para a cidade.

No horizonte, a escuridão da madrugada contrastava com as luzes dos apartamentos, postes, bares, casas noturnas, letreiros publicitários e faróis.

— Tá bom, eu vou te ensinar um bem fácil.

— Melhor ainda.

— Quando amanhecer, pegue um punhado de canela e sobre porta afora — disse Iago.

— Eu pretendia amanhecer aqui — disse Christopher levando a mão ao pênis de Iago e começando a masturbá-lo.

— Tem que ser na sua casa, ou quem ganha o dinheiro sou eu — falou o bruxo, relaxando enquanto seu pênis ia ficando lentamente ereto.

— Pode continuar a explicar, que vou ouvindo — falou Christopher antes de descer a cabeça ao seu colo e começar a chupá-lo.

— É só isso mesmo — respondeu antes de suspirar profundamente, apreciando a umidade quente ao redor de seu membro.

Christopher não respondeu, dedicando total atenção ao que fazia, e Iago afagou seus cabelos como retribuição.

17

Cíntia acordou mais cedo que de costume.

Desde que o horário de verão deixara de existir no país, isso se repetia constantemente naquela época do ano.

Bem antes das cinco da manhã, os raios solares já despontavam no horizonte, invadindo seu pequeno quarto.

Calor e claridade eram duas coisas que sempre a despertavam, por mais cansada que se sentisse.

Mas, naquela manhã, acordara melhor do que nos últimos tempos, sentindo-se fisicamente mais disposta, ainda que mentalmente letárgica.

Seu lado racional dizia que a letargia era uma reação proveniente das fortes emoções pelas quais passara no dia anterior, sabendo que os estranhos fenômenos pelos quais viera passando provavelmente teriam culminado na morte do pai de Jorginho, seu filho, que dormia placidamente do outro lado do cômodo.

Apesar de tudo, não se entristecia, apenas se preocupava. Se Iago não cumprisse o que prometera sobre lhe enviar algum dinheiro, ela não sabia o que faria, agora que estava desempregada.

Talvez usasse suas últimas economias para reformar a velha bicicleta e passasse a entregar comidas solicitadas via aplicativo de celular. Era um emprego informal cada vez mais na moda para aqueles que não tinham carro, e, portanto, eram incapazes de concorrer com os táxis da cidade.

Ainda olhando para o filho, lembrou-se da conversa que tivera com Iago acerca de Jorge e seu acordo com uma entidade. Perguntou a si mesma se o homem já estaria morto àquela hora, ou se a tortura seria prolongada por mais horas ou mesmo dias.

Sua curiosidade mórbida foi atendida com uma notificação do celular, que vibrou no travesseiro ao lado da cama.

Quem lhe enviara uma mensagem fora Madalena, sua prima mais velha e notória fofoqueira, que coincidentemente morava a duas ruas de distância de Jorge, em outro subúrbio da cidade.

A mensagem denotava um espanto diante do fato de que a casa de Jorge pegara fogo durante a madrugada. Ela dissera em texto que encontraram o corpo do parcialmente carbonizado dentro do imóvel.

Não se interessou em fazer mais perguntas a respeito. Sequer deu uma resposta no aplicativo de mensagens.

Decidiu não contar à criança o fim trágico que seu pai tivera.

Se dissesse que ele havia morrido, Jorginho sempre sentiria falta de um pai, tornando-se quase um mártir para a criança. Se explicasse a real situação em sua completude, o rapaz poderia crescer traumatizado.

Porém, caso mentisse dizendo que ele fora embora, Jorginho poderia sentir raiva o bastante da figura paterna para se desvencilhar de qualquer apego à mesma.

Mais tarde, diria que o pai havia ido embora antes de comprar cigarros.

Ao ir para a cozinha tomar café, deu com a mãe sentada à mesa, já comendo um pão comprado dois dias antes.

— Esse horário de verão tá um problema, minha filha.

— A falta dele, né? — respondeu Cíntia.

— Não dá pra dormir com essa claridade toda. Não são nem cinco da manhã ainda — falou Dona Geralda. — Parece até que as desgraças estão acontecendo mais cedo.

Então a mãe também recebera a mensagem.

— Pois é, acabei de ficar sabendo.

— Como é que a gente vai dar a notícia pro Jorginho? Ele ama tanto o pai.

— O pai dele é um filho da puta. Não vou contar que morreu, ou ele vai virar quase um mártir pro filho — disse Cíntia. — Vou falar que o pai abandonou ele.

— Meu Deus, filha, tá amarrado! O menino tem direito de saber!

— Saber, mãe? Tem direito de saber também que ele tinha outra esposa, que eu não sabia que existia, enquanto ele me comia e dizia que me amava? Tem direito de saber que não quis assumir a paternidade? Conto também que ele pediu exame de DNA porque disse que o filho podia ser de qualquer um? Falo que quem obrigou ele a ser um pai presente foi o tio dele? Conto também que ele cheirava cocaína e andava mexendo com carro clonado? Porra, mãe, eu não quero que meu filho saiba das merdas do

pai dele pra não servir de exemplo, e nem que o menino cresça achando que o Jorge era ótimo pai.

— Você é que sabe, filha, mas acho errado. — Geralda bebeu um gole do próprio café enquanto Cíntia se servia. — E essas coisas só aconteceram porque você fica aí preocupada com as coisas do mundo, quando deveria estar é na igreja louvando o Senhor.

— Ah, mãe...

— Acha que teria arrumado homem casado se tivesse ido procurar na igreja?

— Eu não vou ficar aguentando um pastor gritar um monte de merda só pra arrumar um pinto.

— Olha o respeito, menina!

— Mas é verdade! A gente não escolhe família e nem no que acredita. Eu não consigo acreditar no que pregam na igreja, mãe, desculpa! Melhor parecer errada na sua visão do que eu ser hipócrita e ir sem acreditar em nada daquilo.

A mãe contorceu a face, não escondendo o desgosto.

18

Christopher tomou um banho antes de deixar Iago sozinho em seu apartamento.

E, uma vez sozinho, sentiu todo o cansaço cair sobre si.

Estando acordado por quase vinte e quatro horas, tivera um dia cheio: visitou sua mãe, enfrentou uma entidade que perseguiu por horas pelo Rio de Janeiro, voltou à casa de sua mãe para conferir como estava a irmã, encheu a cara num bar e transou por várias vezes com um homem que se mostrava insaciável no sexo.

Tentou contatar seu mentor novamente, sem sucesso.

Tal coisa ocorria às vezes.

Seu mentor era uma entidade extremamente ocupada, não só para consigo, mas para com atribuições que possuía no Plano Espiritual.

Desistiu e foi dormir.

19

Naquele dia, Dona Geralda se frustrou por não encontrar o Pastor Everaldo no culto matinal.

Após deixar o recado do pastor de que o mesmo se encontrava adoecido, quem ministrara os discursos fora um dos seus homens de maior confiança.

O culto não prendera sua atenção, as palavras do homem que pregava não soavam com tanta fé, e não sentiu naquela ocasião em especial a presença do que acreditava ser o Espírito Santo.

E, olhando ao redor, percebeu que não era a única.

Pessoas mexiam ocasionalmente em seus telefones, outras conversavam aos sussurros ou mesmo em voz alta. Algumas ainda chegaram a ir embora.

20

Iago, ao acordar, tentou entrar em contato novamente com Thiago, seu mentor espiritual.

Acendeu incensos de sândalo e uma vela branca sobre a mesinha de centro na sala, comeu uvas e deixou os caroços dentro de um pires de barro. Em seguida, bateu palmas e tornou a se concentrar na comunicação.

“Estou resolvendo algumas questões urgentes agora, Iago.”

“É que eu mesmo tenho uma questão urgente a tratar com você.”

“E precisa evocar minha presença? Do que se trata?”

“Quando tentei contato contigo ontem de manhã, eu queria saber se você achava que Cíntia ter adoecido tinha alguma causa sobrenatural. Bom, eu fui até a casa dela e achei lá um espírito que estava matando ela lentamente. Eu espantei ele de lá e o segui pelas ruas, até que cheguei na casa do ex da minha irmã.”

“Dia cheio o seu.”

“Pois é. Acontece que o bosta do ex dela tinha feito acordo com uma entidade pra matar minha irmã, e a vida do filho era a oferta. A entidade ficou puta porque o cara não contou que eu sou o irmão da minha irmã.”

“Tenho certeza de que não seria o irmão da sua avó.”

Iago ignorou a gracinha, algo a que seu mentor era dado.

“Parece que a entidade conhecia minha fama pelo meu trabalho. O fato é que eu acordei e li uma mensagem da minha irmã dizendo que o

cara morreu num incêndio que rolou na casa dele. E eu sabia que a entidade iria matá-lo, mas, sinceramente, achei bem feito.”

“E onde mora sua dúvida? Seja direto, por favor, estou um tanto ocupado aqui.”

Iago ficou grato por seu mentor não fazer juízo moral sobre a situação.

“Acha que há alguma chance de o espírito do ex da Cíntia tentar fazer algo contra ela, agora que morreu?”

“É improvável, mas irei verificar nos Registros Akáshicos.”

Iago tivera acesso aos Registros Akáshicos apenas uma vez, ainda no fim da adolescência, durante uma de suas primeiras projeções astrais. Consistiam num compêndio de todos os eventos humanos que já ocorreram, ocorrem, ocorrerão e poderiam ocorrer algum dia. Nestes registros de acesso extremamente restrito, até mesmo as intenções estavam grafadas.

Quando Iago fora ao lugar, ele se manifestara como uma infinita e suntuosa biblioteca. Cada prateleira consistia na vida de uma pessoa sendo dividida em incontáveis livros.

Livrando-se de tais lembranças e preocupações, foi ao mercado fazer compras antes de voltar para casa e trocar algumas mensagens com Christopher.

21

Anoitecia.

Alecsandro caminhava despreocupadamente pela primeira vez em anos.

Desde que viera da Bahia, foragido há seis meses, somente naquela noite quente de sexta-feira, sob uma luminosa lua cheia, conseguiu se sentir à vontade enquanto se sentava numa das mesinhas dispostas sobre a calçada em frente ao Bar do Bira.

Planejara aquele encontro pelo aplicativo de paquera LGBTQ+ usando o nome falso de *Alex*, como vinha se apresentando com cada vez mais frequência desde que chegara ao Rio de Janeiro.

Era um recurso utilizado para evitar que pessoas de seu meio artístico e familiar, apesar da distância geográfica naquele momento, pudessem dar ouvidos às fofocas.

Vinha preenchendo seu perfil no aplicativo com fotos que o deixavam ligeiramente mais fotogênico, especialmente após as pequenas edições. E quando, porventura, alguém lhe questionava sobre ter sido visto usando o aplicativo, respondia que o mesmo era administrado por alguém querendo difamá-lo.

Mas, desde que fugira para o Rio de Janeiro, não precisava mais prestar contas em relação a esse tipo de coisa. E usava apenas o nome falso.

O que certamente era necessário para evitar ser capturado pela polícia.

Assim, desde que chegara à cidade, era conhecido por todos como *Alex*.

E, dessa forma, a fim de dificultar qualquer ligação com seu passado, chegara a inclusive emitir documentos falsos com o novo nome.

Em seu entendimento, se as leis não fossem injustas e a polícia não fosse fascista, acreditava que jamais estaria passando por aquela situação. Porém, repetir isso para si mesmo durante anos não aliviara sua consciência.

Sabia que era culpado.

Era culpado e queria morrer, mas se considerava um fracassado até mesmo para isso toda vez que se acovardava. A mesma covardia que lhe permitira ficar assistindo enquanto Bruna era levada para dentro de um carro branco com quatro homens, cinco anos antes.

Era culpado por tê-la considerado “uma piranha” e repetido isso para todos quando ela começou a se embriagar naquela festa para a qual ele não queria ir.

E ainda mais culpado por ter sido conivente com o fato de terem lhe avisado que Bruna fora drogada por um dos homens com quem ela conversava.

“*Se ela quer agir igual a uma rapariga, que vá agir como rapariga no Inferno, meu rei*”, dissera Alecsandro na ocasião para o amigo que lhe alertara, e então bebera um gole de sua própria cerveja da mesma forma que fazia agora, a tantos quilômetros de onde estivera.

Respirou profundamente.

Sentia falta de sua mãe, que lhe sustentava à época enquanto ele acusava uma depressão autodiagnosticada que supostamente lhe acometera após Bruna ser encontrada dois dias depois da festa.

Sentia-se especialmente triste com o fato naquele tempo, mas não o bastante, e nem tão intensamente, a ponto de ser diagnosticado com tal doença.

A moça fora estuprada durante horas a fio, sempre com preservativos, antes de ser esquartejada e jogada aos porcos.

O que restou do corpo foi encontrado pelo caseiro da fazenda em que Bruna fora desovada, retirando os animais do chiqueiro a fim de que parassem de consumir o cadáver.

Quando o pai de Bruna, o Delegado Waltércio, abriu investigação sobre o caso, ninguém soube apontar quem eram os estupradores. Provavelmente, os homens eram pessoas de fora da cidade. Ao longo dos anos, enquanto Alecsandro se afundava na produção de artes plásticas para tentar dar vazão ao sentimento de culpa e se enfiava em casa estudando hermetismos ocultistas pela internet, acabou criando ali uma ancoragem emocional provisória.

Ao mesmo tempo, ao longo deste tempo, o Delegado Waltércio, culpando o comportamento de Alecsandro pelo que ocorrera à filha, foi reunindo um conjunto de evidências verdadeiras e outras forjadas para culpá-lo diretamente pelo estupro e assassinato de Bruna.

Delegado Waltércio ia obtendo sucesso em sua empreitada abastecido pelo ódio ao homem que fora conivente com o fato de sua filha ser drogada, abusada e morta; ao mesmo tempo em que Alecsandro tinha suas artes consideradas pela crítica local como vazias e meros pastiches, o que parecia se refletir nas suas tentativas ocultistas de evocar o espírito da namorada morta.

Como em tudo na própria vida, refletia naqueles atos incomparável incompetência.

Até desistir.

Pois era o que sempre fazia.

Desistira de ser professor, que havia sido seu sonho; desistira então de ter um trabalho; desistira de ajudar a namorada por causa de uma briga corriqueira, e assim fora conivente com sua morte; desistira de praticar magia, apesar dos inflamados diálogos com outros artistas sobre o quão próximos os conceitos de *arte* e *magia* eram; desistira até mesmo das artes plásticas, produzindo cada vez menos material e cada vez mais críticas a outros autores do cenário nacional por meio de redes sociais. E, neste último caso, inicialmente, ser crítico de internet acabou lhe rendendo mais

alcance do que a publicação de qualquer um das dezenas de obras que compusera.

Mas, lentamente, suas piadas foram perdendo a graça, e seu senso crítico pretensamente afiado se mostrou apenas frustração, que tentava justificar de forma vazia como sendo fruto de uma autodiagnosticada depressão que nem ele próprio acreditava ter.

Por vezes, quando a máscara assumida após o incidente de defensor de minorias e “*homem feminista*” caía por terra, ou quando criava alguma falácia sobre as vidas de desafetos unicamente para afetá-los e a mentira não surtia efeito, Alecsandro respondia que tinha depressão e essa era uma forma de extravasar.

Apenas não dizia o que extravasava. Frustração, inveja, ódio gratuito, rancor.

E, os poucos, aqueles que ainda acreditavam em sua máscara de bom moço lhe deram as costas, quando, em uma das ocasiões, um artista rival arrancou risos de muitos lhe dizendo em público numa conversa online:

“Argumento tão bom quanto Kevin Spacey dizer ser gay quando acusado de pedofilia.”

O comentário gerara uma reação em cadeia de exposição de suas contradições e comportamentos considerados tóxicos.

Por sorte, ninguém em qualquer círculo social seu tinha conhecimento do fato de que ele se masturbava para fotos de meninas e meninos entre oito e doze anos. E nem imaginavam o que ele faria após se mudar para o Rio de Janeiro.

Mas, naquela época, quando o cerco do Delegado Waltércio se apertou, e diversas evidências surgiram contra si, Alecsandro Silva só não desistiu da última coisa que lhe restava, pois desistira de tudo, exceto sua vida, já que dessa era incapaz de se desfazer.

Na calada da noite, sem se despedir, fez as malas e foi embora.

Pensou que poderia fugir de tudo, mas, ali, num subúrbio do Rio de Janeiro, sabia que não poderia fugir de si mesmo.

Agora, para sobreviver, descobrira que precisava libertar um lado próprio que sempre abominara. Odiava em si mesmo a atração por pessoas do mesmo sexo mais do que detestava sentir por crianças e pré-adolescentes. E, de certa forma, isso tornava seu misto de sentimentos sobre si mesmo ainda pior.

Aquela situação apenas aumentara seu conflito interno.

Então, naquela noite, relaxado e entregue ao fado como estava, não soube se o homem do aplicativo com quem marcara um michê não ter aparecido era um alívio ou uma pena.

Pois contara com o dinheiro do programa para comer no dia seguinte. Do contrário, não teria pedido uma cerveja.

Engoliu o que restava na garrafa e ficou encarando o balcão.

Quando o dono se distraiu para atender outro freguês, Alecsandro saiu dali o mais rápido possível, e sem fazer barulho.

Após algum tempo caminhando a pé, avistou um ônibus que passava próximo à sua casa. Mas não podia se dar ao luxo de entrar no veículo, uma vez que lhe faltava dinheiro.

Começou a se amaldiçoar por odiar trabalhar. Do contrário, poderia ser professor de História em algum colégio particular de baixa qualidade, pois era o que seu currículo de curso superior à distância seria capaz de lhe prover.

Mas e quando os alunos comessem a fazer perguntas que o deixariam sem resposta? E quando seu ensino fosse ruim o bastante para gerar reclamações? E quando ele precisasse controlar uma turma que não o respeitaria?

Para não falar no fato de que a documentação falsa poderia lhe render problemas ao se vincular a uma instituição.

E o pior de tudo: o que faria quando comesse a desejar seus alunos? Porque, para Alecsandro, duas coisas na vida eram incontrolláveis: a fome de comida e sexo. E por mais que ele achasse condenável se envolver com pré-adolescentes, não era raro que ele cedesse ao impulso de seduzir alguma moça ou rapaz. Principalmente quando passara a servir à entidade que lhe prometera grandes poderes, reacendendo em si o desejo de se tornar um mago, mesmo que um mago negro, por meio de acordos profanos.

Aquela criatura que se manifestara para si não apenas reacendera seu gosto por ocultismo, mas por crianças e pré-adolescentes. E, ambicionando grandes poderes, mergulhou de cabeça nos próprios desvãos.

Gostava mais do que seria saudável da ideia de ser o responsável pelo fim da inocência de alguém, de desfrutar de um corpo que pudesse chamar de puro antes de considerar inteiramente seu por alguns poucos

minutos ou mesmo segundos. O desejo que sentia pela inocência era algo muito intenso para ser prolongado por mais que pequenos instantes.

Gostava de penetrar aqueles corpos juvenis enquanto encarava seus rostos angelicais. Medo, desejo, dor, prazer, incerteza, entrega. Nunca havia êxtase, clímax ou orgasmo por parte de tais criaturas. Isso era inteiramente seu.

Vez ou outra, conseguia preparar previamente seu quarto para que o ato sexual com tais pré-adolescentes cumprisse parte de um ritual. Algo que satisfazia a si próprio e à entidade à qual entregava seu êxtase.

Um gozo sem prazer.

Quem sorria, sempre invisível aos olhos daqueles que eram pouco mais que crianças, era a criatura para a qual vinha trabalhando. E esta, satisfeita, jorrava seu sêmen insólito na boca de Alecsandro.

Iniciados os pré-adolescentes na vida sexual, ele encerrava por completo o contato tão logo fosse possível, salvo por raras exceções, quando desenvolvia algum favoritismo. Mas, a bem da verdade, a maioria sequer tinha vontade de continuar qualquer relação com o rapaz, uma vez que consideravam aquela primeira experiência sexual frustrante e, por vezes, traumática.

Dessa forma, alimentava em si mesmo a ilusão de que descartava tais pessoas por não querer se envolver. Além do mais, acreditando ter qualquer relevância no meio artístico, temia que sua máscara de bom rapaz, a qual nem se poderia dizer que ainda era existente na internet, caísse.

Nas ocasiões em que o sexo fazia parte de um ritual preparado às escondidas, não era raro que a criatura à qual servia passasse a atuar na vida das vítimas. Lentamente, seriam contaminadas a fim de se tornarem servas a continuarem uma corrente de abusos a futuros inocentes.

Como uma doença venérea manifestada por meio da pedofilia.

Mas isso não importava para Alecsandro, pois seu mestre lhe prometera grandes poderes, e ele enfim poderia se tornar um poderoso bruxo ou mesmo mago negro.

Era tudo o que lhe restara para ser desejado.

Cláudio via ali o corpo da própria filha, ainda balançando suavemente em meio à brisa noturna. Mesmo ela já tendo sido enterrada.

Um corpo pálido em contraste com a escuridão.
Aquela lembrança seria quase tangível para todo o sempre, sabia disso.

Uma imagem que preencheria seus pensamentos pelo resto de sua vida. Não que ele achasse que esta fosse durar muito. Tampouco era o que pretendia.

Vitória se enforcara no alpendre que dava para o quintal horas antes de ele chegar do serviço. Na ocasião, levava algumas horas para conseguir telefonar para uma ambulância antes de fazer uma ligação para a esposa, que trabalhava como garçonete àquela hora da noite.

Ligara para o SAMU mais por não saber para quem telefonar do que por lógica.

Os paramédicos sequer tentaram reanimá-la. Só de encararem o corpo de onze anos enforcado, já com os pés descalços roxos, constataram seu óbito antes de a encaminharem para o IML.

Perguntaram-lhe, na ocasião, o porquê de não tê-la tirado da corda, um fato que até mesmo a agora ex-esposa achara estranho.

“*Pra não foder a perícia*”, ele respondera. Mas a verdade é que estivera em choque, e ele não sabia de onde havia tirado tal resposta. Durante toda a noite em que o fato se sucedera, a sensação foi a de assistir a um filme ruim que não pudesse ser desligado.

Como concluía a perícia, a *causa mortis* se dera por suicídio.

Vitória não havia sido assassinada, segundo a polícia forense.

E seu casamento também morrera.

Meses se passaram desde então.

Agora, Cláudio vivia sozinho na casa onde antes tivera uma família antes de formar a sua própria. Seus pais haviam morrido cedo, e ele criara os irmãos mais novos com a renda que obtinha trabalhando na construção civil.

Mas os irmãos tomaram diferentes rumos na vida, afastando-se por uma razão ou outra.

E a mulher com quem se casara o abandonara após a morte da filha.

Bebendo no quintal de casa, não lhe restou muita alternativa. Afinal, não via qualquer outra solução para sua agonia.

Se, anos atrás, dissessem que ele prepararia a própria forca, duvidaria.

Antes um homem religioso, as mazelas do mundo cão o despiram de toda e qualquer fé, imbuindo em si um ardente desejo de morrer e encontrar uma grande não-existência formada por nada.

Assim, bebeu o restante da vodca, apertou o nó da corda, subiu numa cadeira e a empurrou com o pé.

Ficou dependurado no alpendre por alguns minutos, a poucos centímetros de onde a filha morreria.

E tudo deixou de existir.

23

— Tu tem certeza, mermão? — Mandioca perguntou.

Os olhos do traficante estavam sobre o homem de meia-idade que alegava ter tido a filha violentada.

— Porra, é claro que tenho, Mandioca — disse o sujeito, que era proprietário de um mercadinho na entrada da favela.

— Olha aqui, José, essa acusação é grave pacarai, tá ligado? — disse Mandioca. — Tu num é o primeiro que vem me cantar essas porras, não, morô? E comedor de criancinha, pra mim, tem mais é que se foder.

— Por isso tô vindo pedir sua ajuda, cara — disse José. — Eu sei que eu não deveria estar te pedindo isso, e que Deus me perdoe por fazer isso, mas ele acabou com a inocência da minha filha, cara!

— Deus tá com nós e tá com o comando, tá ligado? — disse Mandioca. — Com nós, o bagulho é doido e o papo é reto. Se for torto, tá fodido.

— Calma, Mandioca, eu só tô pedindo tua ajuda pra resolver essa parada pra mim porque, sinceramente, eu não tenho coragem.

— Não, eu tô ligado. Cê é firmeza, José. Maioria aqui na quebrada tá ligado que cê é um homem direito, pai de família. É só que fico de cara mesmo com uma porra dessas.

Os dois se conheciam não apenas por serem habitantes da Favela da Maré, mas por frequentarem a mesma igreja.

— E não tem como não ficar, né, Mandioca?

— Pô, é foda, véi.

— Vocês vão me ajudar então?

— Pô, é nós — disse Mandioca. — É o Alex, aquele nordestino novo aqui na quebrada, né? Aquele com jeito de veado que sempre vai nos

cultos do Pastor Everaldo.

— Esse mesmo, Mandioca.

— Ele gosta de comer menininha, ele vai virar a menininha da biqueira hoje, tá ligado? Depois nós apaga essa bosta!

— Obrigado mesmo, Mandioca.

— Que isso, véi. Tamo junto e misturado. É nós.

Se José chegou a se sentir incomodado com o fato de Mandioca aceitar seu pedido, não demonstrou.

José sabia o que queria e Mandioca sabia o que precisava fazer para conseguir manter o controle sobre a favela.

E isso incluía dar fim a um pedófilo, algo que ninguém gostava.

Nem mesmo na cadeia.

Ele já estivera lá para ter certeza disso.

24

Cláudio sentiu o baque contra o chão muito depois de seu corpo deixar de reagir à falta de ar.

“Porra, eu sou um merda”. Em meio ao choro, culpava-se por ter deixado a filha morrer e o casamento acabar, além de se julgar incapaz até mesmo de se matar. “Eu não sirvo pra porra nenhuma mesmo”.

Quando finalmente se ergueu, caminhou em direção à porta aberta que dava para a cozinha da casa.

Entrou no ambiente que um dia estivera sempre limpo, mas agora tinha aroma de comida putrefata, a pia entupida e vermes coabitando com baratas.

Concluiu que, enfiando uma faca no próprio pescoço, findaria com sua vida, já que a força preparada não dera conta disso.

Assim, levou a mão ao objeto pontiagudo imundo sobre a pia, sobressaltando-se quando, ao agarrá-lo, o mesmo não se moveu.

Ficou ali, tentando erguer a faca, que parecia pesar toneladas.

Um atestado de sua impotência.

Debruçando-se sobre a pia, respirou fundo antes de levar a mão à gaveta sob a mesma. Porém, esta também não se movia.

“Tá de sacanagem!”

Ao erguer casualmente o olhar em direção à janela, viu no quintal, sob o alpendre, o próprio corpo enforcado.

E então compreendeu o que lhe acontecera.

25

Quando Alecsandro chegou em casa, um imóvel pouco abaixo do nível da rua que era pouco mais que um porão, sentou-se sobre a cama, que era também utilizada como sofá.

Não tinha dinheiro para comprar mobília, e, se tivesse, não teria onde colocá-la. Sua casa se resumia a um banheiro ao lado do cômodo que fazia vezes de sala, quarto e cozinha. Um pequeno cubículo tão imundo quanto amontoado de tralhas.

Quando sofria de crise existencial por razões materiais, começava a enumerar quantas vezes fora penetrado por outros homens para comprar cada uma das coisas ali presentes.

Havia algumas que saíram de graça, encontradas no lixo para serem pegas por quem quisesse, como a cadeira que ele pedira a um vizinho o favor de reforçar ou a pequena mesa de madeira utilizada como escrivaninha para seu computador receptado. Um aparelho roubado e comprado na biqueira próxima à sua casa por um valor inacreditavelmente baixo.

Conseguira comprá-lo pelo valor de dois boquetes.

Encontrou numa das caixas de papelão sob a cama um pacote de macarrão instantâneo, o que era um alívio. Acendeu o fogão, que custara três boquetes, e se deu conta de que o gás começava a acabar. Teria que fazer sexo anal o quanto antes, e ainda sobraria troco para comprar alguma comida.

A porta se abriu com violência, por ela entrando quatro homens fortes empunhando armas contra seu rosto.

Alecsandro recuou e caiu de costas contra a parede.

Se tivesse forças, teria gritado.

Entre eles, encontrava-se Mandioca, o gerente da boca-de-fumo local.

— Aí, cuzão, a gente vai ter que trocar uma ideia, tá ligado?

Alecsandro fez que sim com a cabeça.

— Tá rolando um papo aí de que tu tá comendo criancinha, porra!

— disse o traficante. — Eu não aceito essa porra aqui na quebrada, não!

Alecsandro tentou negar, mas as armas apontadas contra seu rosto lhe tiraram a coragem até mesmo disso.

— Fala alguma coisa, mermão! — disse outro traficante. — Tá mudo, porra?

— Eu não fiz porra nenhuma, não! — Alecsandro conseguiu gritar.

Mandioca desferiu dois chutes contra a boca de Alecsandro, que cuspiu sangue e o pedaço de um dente.

— Vai gritar com tua mãe, arrombado!

Outros dois homens continuaram os golpes contra o rosto de Alecsandro, que buscava se proteger com os braços.

— Filho da puta abusado!

— Tá emocionada essa porra! Tem que dar disciplina pra esse veado! — dizia outro enquanto o chutava.

— Olha só, mermão, vou te dar uma ideia e cê vai botar atenção — disse Mandioca, ainda empunhando a arma na direção do rosto de Alecsandro, quando todos pararam de chutá-lo. — Porque, comigo, o papo é reto. Se for torto, o bagulho fica é louco, morô, porra?

Alecsandro acenou positivamente com a cabeça.

Mandioca respirou fundo e esfregou a mão livre no próprio rosto.

— Tão dizendo aí que tu come criancinha — disse Mandioca. — Que ideia torta é essa, mermão?

— É mentira — disse Alecsandro.

— Ah, é mentira? Tá me chamando de caozeiro, filho da puta?

— Não, porra...

Mandioca desferiu quatro coronhadas seguidas na cabeça de Alecsandro enquanto outros dois traficantes chutavam seu corpo.

— “Não, porra” é o cu da tua mãe, cuzão! Seu veado! Seu bosta! — Cuspiu na cara de Alecsandro, que estava com a face ensopada de sangue. — Vai tomar no meio do teu cu, fodido do caralho! Bichona otária! Veadão, filho da puta!

— Não é mentira sua, Mandioca!

— Então tu tá comendo criança, filho da puta!

Alecsandro buscou se recompor enquanto Mandioca engatilhava a pistola que carregava, sendo acompanhado no gesto pelos outros três homens.

— Mentiram pra você, cara.

— Então tem nego querendo foder minha justiça aqui na quebrada, é isso?

— É, é isso! — disse Alecsandro.

— Então a gente vai resolver essa parada é agora!

— Como? — Alecsandro perguntou.

— Nóis vai lá na casa do José, o dono do mercadinho, pra tirar essa história a limpo.

Alecsandro engoliu em seco. Sabia de quem o homem era pai.

— Levanta aí, porra! — disse um dos capangas de Mandioca.

26

Maria já contava com seus setenta anos, sendo um décimo de sua vida na fila do SUS para realizar uma cirurgia no coração. Devido a isso, por recomendações médicas, evitava emoções fortes, fossem elas boas ou ruins.

Bastava uma comoção mais intensa, sentia o peido doer enquanto o coração batia de forma tão acelerada quanto arritmica, provocando dores e dificuldade para respirar.

E era exatamente isso que passara a sentir ao ver da laje de sua casa, enquanto alimentava Toby, seu cachorro, o corpo de Cláudio enforcado no alpendre da própria varanda, onde antes costumava fazer churrasco para a filha e a ex-esposa.

Mas a mulher o abandonara, e, pelo que sabia, a filha se suicidara há pouco tempo.

Com um grito, chamou por Adriano, o filho mais velho, que voltara a morar com ela após se divorciar.

Adriano, alto e forte como era sob a cabeça já calva, sentara a mãe no sofá da casa, e, após se certificar de que ela ficaria bem, fora conferir o corpo de Cláudio.

“Tá, pra quem eu ligo agora? A gente liga pra ambulância buscar o defunto?”, perguntou-se o homem ao verificar o corpo e cortar a corda junto com outros dois vizinhos.

Percebeu que um papel dobrado se encontrava no bolso da blusa de Cláudio.

Instintivamente, apanhou o material, que começou a ler com dificuldade devido ao fato de não ser habituado à leitura.

Na medida em que avançava a leitura da carta escrita numa folha de caderno infantil, horrores cada vez maiores eram desvelados.

27

Alecsandro foi levado aos fundos da propriedade de José, onde o homem, sua esposa e filha fitavam a chegada do sujeito arrastado pelos traficantes.

Ao ver ali o homem sendo trazido contra sua vontade, a garota imediatamente começou a chorar.

— Agora, tu tá na disciplina, mermão — disse Mandioca.

— Gente, eu não fiz nada.

— Não fez nada é o caralho — disse José. — Não fez nada é o caralho!

— Porra, eu não fiz nada com sua filha, não!

— Cala a boca, seu veado! — Um dos traficantes chutou seus dentes, arrancando dois dos mesmos de imediato. Alguns outros certamente ficaram bambos ou quebrados. — Quem vai falar se tu comeu a mina ou não é ela.

A garotinha chorou com mais força ainda, acenando positivamente com a cabeça, em sinal de que fora mesmo estuprada.

— Porra, puta que pariu! — disse Mandioca. — Aí, maluco, é melhor você ter um argumento muito bom pra sair dessa história.

Alecsandro sabia que tinha.

Com as sílabas saindo estranhas de sua boca devido à falta de dentes e excesso sangue, o homem decidiu recorrer a uma carta na manga que esperara nunca precisar usar.

— Tá no meu bolso esquerdo da bermuda o argumento.

— Sério? E o que tu tem aí que pode provar que é inocente?

Alecsandro levou a mão ao bolso, tendo dois homens com armas apontadas para si.

Antes que pudesse sacar a moeda consagrada para servir de foco mágico à entidade a que servia, pretendendo a ela pedir socorro, um grupo de pessoas começou a gritar e bater na porta do mercadinho.

Alguém gritava, chamando Mandioca com notável urgência na voz.

— Puta que pariu. Aí, Carlinho, vai lá ver o que é essa merda, que eu cuido do cuzão aqui.

Um dos capangas obedeceu, passando pela porta dos fundos e atravessando o mercadinho.

Todos fitavam a entrada do estabelecimento sendo aberta, deixando entrar um homem alto e careca que trazia um papel na mão, sendo acompanhado por outras pessoas.

— Que merda é essa? — perguntou Mandioca.

— É esse filho da puta do Alex! — disse Adriano, ao atravessar o mercadinho.

A mãe de Adriano se adiantou, passando na frente do filho.

— Esse tal de Alex aí comeu a filha do Cláudio ali do lado de casa! A gente tava te procurando, Mandioca, e disseram que a gente ia te encontrar aqui! Pelo amor de Deus, acaba com a raça desse desgraçado! — A velha tinha lágrimas nos olhos.

— Peraí, cês tão falando daquela menina que se matou? — perguntou Mandioca.

— Mais uma vítima que esse desgraçado faz! — disse a esposa de José.

— Puta que pariu — disse Carlinho.

A filha de José chorava copiosamente.

— Tão vendo essa carta aqui? — disse Adriano, entregando o bilhete para Mandioca. — Aí, cara, a quebrada é tua, então isso aqui vai ser do seu interesse, já que estão botando o Alex na disciplina.

— Que porra é essa? — perguntou Mandioca enquanto começava a ler a carta.

— Então, o Cláudio se enforcou no quintal da casa dele — disse a mãe de Adriano.

— Peraí, o Cláudio morreu? — perguntou Mandioca.

— Caralho, ele era meu amigo, porra! — disse Carlinho.

Mandioca lia a carta.

— Ele disse no bilhete que a filha foi abusada por esse tal de Alex. Falou que a filha deixou uma carta pra ele contando tudo o que esse tal de Alex fez com ela — disse Adriano. — Ele ficou sabendo disso hoje, e aí se matou também. Foi o que falou na carta.

Mandioca pareceu terminar de ler.

Alecsandro esfregava avidamente a moeda com foco mágico que tirara do bolso.

— Eu tô vendo, eu tô vendo — disse Mandioca. — Esse filho da puta acabou com a vida de uma porrada de gente, hein? Filho da puta! — Chutou novamente o rosto de Alecsandro, que tombou pesadamente, deixando a moeda cair em algum canto escuro.

— Desgraçado! — gritou a mãe de Adriano.

— Carlinho, coloca esse veado no saco, que a gente vai levar essa porra pra dar um passeio.

Antes que tudo ao redor escurecesse diante do campo de visão de Alecsandro, ele pôde ver a entidade a quem servia parada entre todos os presentes, invisível a eles.

E ela ria.

28

Quando tiraram o saco da cabeça de Alecsandro após o arrancarem do porta-malas, percebeu, horrorizado, que perdera a moeda de um real riscada de ambos os lados para servir como foco mágico para evocar seu mestre.

“Putá que pariu, é só o que me faltava.”

De sua cabeça, não saía a imagem do demônio rindo de sua situação.

Enquanto era arrastado pelo terreno lamacento no alto do morro com vista para o Rio de Janeiro à noite, vislumbrou uma pilha de pneus.

Ele sabia o que viria a seguir, mas, de alguma maneira, foi tomado por uma estranha calma.

— Vamos botar esse corno no microondas logo, galera.

Mais por instinto que por desespero àquela altura, Alecsandro tentou se debater, mas os capangas rapidamente quebraram seus braços.

A visão escureceu, mas, ainda assim, ele pôde distinguir os ossos de seu cotovelo rasgarem a carne de dentro para fora numa terrível fratura exposta.

Com a dor, Alecsandro foi ao chão.

Carlinho pisou sobre seus joelhos, abaixou calça e cueca num mesmo movimento e começou a urinar sobre o rosto de Alecsandro.

Quis gritar, mas isso apenas piorou a situação, como pôde perceber a partir do momento em que o mijo invadiu sua boca.

Fez vômito, mas nada regurgitou.

Todos os traficantes ao redor gargalharam antes de o jogarem de cabeça para baixo na pilha de pneus.

— Vamos acender o microondas logo, pessoal — disse Mandioca. — Não temos a noite toda aqui, porra.

Alecsandro pôde sentir quando alguém começou a despejar gasolina dentro da pilha de pneus, onde ele se encontrava enfiado com a cabeça contra o chão. O impacto nada gentil contra a superfície de terra ainda doía terrivelmente, e o contato da gasolina com as feridas pareceu queimar como fogo.

Mas o real inferno surgiu quando alguém jogou qualquer coisa incandescente dentro da pilha de pneus, acendendo o “*microondas*”.

A ardência era insuportável, e o feiticeiro gritaria caso a fumaça oriunda do próprio corpo, bem como de suas roupas e pneus ao redor, não o sufocasse por completo.

O sofrimento pareceu se prolongar por uma eternidade.

E continuou por mais tempo depois disso, quando alguém o ergueu pelos pés.

A dor preenchia todo o seu ser, obscurecendo seu campo de visão, o que era acentuado pela fumaça que ainda saía dos pneus abaixo de si.

Horrorizado, percebeu ali o próprio corpo sendo carbonizado.

Os traficantes já se dirigiam a seus carros, abandonando seu cadáver.

Ainda pôde ouvir Mandioca dizer:

— Porra, eu fiquei tão puto com esse cara, que esqueci de cortar o pinto dele fora.

— Ele bem que merecia — disse Carlinho. — Agora, já era.

Alecsandro foi arremessado de qualquer modo contra o chão, o que causou uma ardência ainda maior.

Ele sabia que havia morrido, mas a dor não passava. Fora transferida para seu corpo espiritual.

Ao olhar em direção à pilha de pneus ainda em chamas, vislumbrou a figura já conhecida.

— Mestre, por que não me ajudou? — perguntou Alecsandro com a voz carregada de dor.

— *Por que eu faria isso?* — A figura de quase três metros, de pele rubra e dotada de um par de chifres negros, caminhou em sua direção.

— *Porque eu fiz tudo o que você queria* — Alecsandro disse entre gemidos. — *Eu ofertei aquelas crianças a você, segui seus desígnios, atendi a todas as suas vontades. Você me prometeu poder e fama!*

— *Você realmente fez tudo o que eu queria, e por isso não havia mais razão para lhe ajudar.* — O demônio diante de si o apanhou pela cabeça, erguendo-o à altura de seus olhos muito azuis. — *E você terá tudo o que quer. Amanhã, os jornais descobrirão o corpo de um jovem artista carbonizado. Um artista, até então, ignorado pelo meio do qual fazia parte. Um artista cujas investigações acerca de seu assassinato inevitavelmente revelarão todos os seus segredos sujos e a pessoa podre que você sempre foi. Ah, Alecsandro, as pessoas amam saciar curiosidades mórbidas. Pense bem: elas conhecerão suas obras e comentarão sobre seus atos podres durante anos, tornando-o muito famoso.*

— *Isso é sacanagem, porra!*

— *Sacanagem?* — A criatura gargalhou. — *Eu fiz o melhor trabalho de marketing que um artista de merda como você poderia ter. Afinal, por qual motivo além da curiosidade mórbida as pessoas comprariam seus lixos? Se você fosse realmente bom, dada a sua dedicação a fazer algum tipo de fama, não acha que já teria sido contratado por algum agente ou ricaço?*

— *Filho da puta!*

— *E não pense que me esqueci de lhe conceder poderes. Para onde vou te levar, eu lhe ensinarei muitos segredos obscuros, jovem Alecsandro. Você terá a honra de ser meu cachorro. Mas será um cachorro especial com o poder de dar ordens a alguns dos meus outros cães.*

E, chorando copiosamente, Alecsandro foi arrastado escuridão adentro.

Cláudio permaneceu muito tempo sozinho no quintal da própria casa.

Seu corpo foi retirado sob o alpendre enquanto ele, em forma de espírito, protestava e chamava a atenção para si.

Com lágrimas nos olhos, ao perceber que apenas piorara a situação após cometer suicídio, ficou sentado no chão, aos prantos.

Quando começou a chover, precisou correr, pois as gotas de água, ao atravessarem seu corpo, criavam a sensação de ser trespassado por objetos incandescentes.

Assim, ficou sob o alpendre, em prantos.

Em certo momento, um ruído grave atrás de si chamou sua atenção, o que lhe fez se virar na direção da parede ao lado da churrasqueira de tijolos.

Teve um sobressalto ao se deparar com uma grande esfera negra com aproximadamente dois metros de diâmetro a flutuar a alguns centímetros acima do chão.

À frente daquele estranho objeto, sete indivíduos utilizando rústicas roupas negras que pareciam saídas de algum filme com temática medieval.

O grupo era composto por três homens e quatro mulheres de variadas idades. Um deles, o mais velho, aproximou-se enquanto lhe conferia um sorriso por debaixo de uma densa barba branca.

— Quem são vocês? Que merda é essa? — perguntou Cláudio.

— Somos da Guilda dos Atravessadores de Morada — respondeu o ancião. — Nós levamos para o outro lado aqueles espíritos que, por alguma razão, não conseguiram fazer a Passagem.

— Fazer a Passagem? Como assim? — perguntou Cláudio, repentinamente compreendendo. — Se refere à Passagem pro outro lado da vida? Atravessadores são tipo o Anjo da Morte?

O grupo riu de forma simpática, ao que uma mulher de cabelos pretos e longos falou:

— Esse é mais esperto que a maioria. Mas faz tempo que ninguém nos chama de Anjo da Morte.

— Normalmente, eles chamam a gente é de exu caveiras ou coisa assim — respondeu um homem alto e de pele escura.

— Peraí, Exu Caveira? — Cláudio se sobressaltou ao sentir um calafrio ante aquela alcunha. — Isso aí não é de Deus, não!

— Calma, rapaz — disse o mais velho após dirigir um olhar de censura à moça e ao rapaz. — O que eles quiseram dizer é que você já morreu, e nós, os atravessadores, somos normalmente chamados exus caveiras porque algumas pessoas, ao nos verem, chamam a nós dessa

forma. Mas tem uma razão: em certas crenças, aquelas que conhecem parte do mundo espiritual, chamam os Atravessadores dessa maneira.

— Eu morri mesmo, não é? — perguntou Cláudio. — Por favor, não me levem para o Inferno. Eu sempre fui temente a Deus, sempre frequentei a igreja...

— Olha, nós não viemos levar você para o Inferno, até porque isso nem existe. — O homem riu. — Eu vou ser bem direto com você. Normalmente, quando uma pessoa morre, ela renasce em outro mundo, e, ao morrer lá, renasce aqui. Cada pessoa, ao morrer, passa um tempo no que chamamos de Limbo. Dessa forma, ela nasce aqui ou lá dentro de seu próprio tempo. Mas nem sempre isso acontece. De vez em quando, uma pessoa morre na Terra, mas seu espírito continua preso aqui, sem renascer do outro lado. E então nós levamos essa pessoa para o outro lado, para o nosso mundo, onde ela poderá seguir em frente.

— Eu vou poder encontrar a minha filha?

O homem deu um sorriso, apesar de demonstrar certa tristeza no olhar.

— Não sei, Cláudio. A maioria das pessoas não se lembra do que foi em vida. Talvez você tenha sorte, mas provavelmente não. Mas, independente do que decida, vir conosco com certeza será melhor do que ficar aqui, sozinho e exposto a todo tipo de ameaça que existe do outro lado do Véu, que é retirado após a morte.

Cláudio se levantou.

— Venha, não precisa ter medo — disse o idoso. — Depois que atravessarmos aquele portal — apontou para a esfera negra —, infinitas possibilidades se abrirão. Sua história só está começando. Então vamos deixar esta aqui para trás, certo?

O homem não fez objeção, deixando aquele mundo com a esperança de encontrar a própria filha e nunca mais retornar à Terra.

Enquanto Carlinho dirigia, no banco de trás, um dos telefones de Mandioca não parava de tocar.

Era o aparelho que continha o número utilizado exclusivamente para comunicação interna com os demais membros da facção.

O traficante atendeu à ligação.

— *Aí, Mandioca, támo aqui no cafofo daquele veado do Alex. Viemo aqui pegar o que tivesse de valor, já que ele não vai mais usar, tá ligado?* — Quem falava era Pedrão, um vapor da biqueira que Mandioca mandara ir à casa de Alecsandro, conhecido na região por Alex, para pegar os bens de valor. — *Mermão, esse filha da puta era mó macumbeiro, tá ligado?*

— Macumbeiro?

— *Porra, cheio de vela preta, patuá e umas paradas meio bizarras guardadas aqui. Bem capaz de esse fodido ser mó macumbeiro, igual àqueles daquele terreiro que tu tava bolado ontem.*

O terreiro ao qual Pedrão se referia era uma casa na parte baixa da favela onde cerimônias de umbanda ocorriam com frequência. O mesmo terreiro sobre o qual o Pastor Everaldo lhe advertira.

Mandioca não assumia tal coisa, mas morria de medo do lugar onde, em muitas noites, animais eram sacrificados em oferendas a entidades que ele considerava demônios.

Por mais contraditória que a situação pudesse parecer, Mandioca era um evangélico fervoroso. Mas como poderia dizer até mesmo para si próprio que era um homem com o Espírito Santo em seu coração se permitia que pessoas cultuassem o que ele considerava demônios dentro de seu próprio território?

E ter um estuprador de crianças usando as mesmas para trabalhos de adoração era, para Mandioca, a gota d'água.

A conversa que tivera com seu pastor no dia anterior, quando o mesmo lhe solicitara que acabasse com o terreiro existente na comunidade, não poderia ser obra do mero acaso.

Em sua concepção, Deus lhe dera uma missão.

Deus lhe tornara um traficante para que ele tivesse as armas necessárias para ser um soldado de Cristo.

E o terreiro de umbanda seria usado como exemplo para isso.

— Então bora sentar o dedo naquela porra! — disse Mandioca.

Alheios à existência de Alecsandro, se os médiuns naquela casa de umbanda soubessem o que aquele sujeito fazia com crianças em

trabalhos de magia negra completamente contrários àquela religião, teriam certamente denunciado a situação às autoridades.

Talvez tivessem apresentado a situação até mesmo ao traficante Mandioca, que imperava como autoridade máxima na favela.

Mas não conheciam Alecsandro, não sabiam dos horrores cometidos pelo mesmo, e até mesmo as entidades foram surpreendidas com os acontecimentos daquela noite, quando Mandioca entrou armado com outros homens aos gritos.

— Aí, bando de macumbeiro filho da puta, acabou essa porra na quebrada!

Os médiuns e fiéis olharam em direção à porta, estupefatos. A cerimônia foi abruptamente interrompida pela chegada de Mandioca e seus homens segurando fuzis.

Incorporado, um médium avançou pelo casarão antigo transformado em terreiro. Seus pés atravessaram as marcações no chão em giz de pomba, que continham símbolos mágicos relacionados aos trabalhos daquela noite. Todos voltados à cura física e espiritual, à purificação, equilíbrio e consagração.

O médium, um homem negro de meia-idade, trazia consigo um espírito de Xangô. Ele começaria a falar algo se não tivesse recebido uma poderosa coronhada de fuzil desferida pelo traficante Carlinho, jogando-o no chão.

O responsável pela casa, horrorizado, lembrava-se de quando uma entidade em forma de demônio jurara derrubar aquele local sagrado.

Outros criminosos avançaram pelo terreiro, quebrando cadeiras e expulsando aqueles que estavam ali esperando por atendimento espiritual.

João, outro criminoso, caminhou até o altar, destruindo as oferendas sob os protestos de médiuns diversos naquela casa, estando eles incorporados ou não.

Na medida em que o lugar ia sendo sistematicamente depredado sob as ordens de Mandioca, o clima se tornava mais tenso, e algumas entidades, incorporando nos médiuns em que costumavam trabalhar, praguejavam e lançavam maldições contra os marginais.

Até que Mandioca disparou uma vez contra o homem que incorporava um espírito de Xangô, matando-o com um tiro na cabeça.

E este foi o aval necessário para que a violência no local não mais encontrasse freios.

Em poucos minutos, todos os médiuns do terreiro estavam mortos, o local se encontrava completamente destruído e balas haviam sido cravejadas em diversas paredes e fiéis.

Os visitantes haviam fugido ou sido mortos em meio aos médiuns.

Os espíritos no local acompanhavam com estarrecimento as cenas diante de seus olhos.

Para Mandioca e seus companheiros, não importava que alguns poucos tivessem escapado. Estes espalhariam a mensagem de que aquela crença era agora proibida no morro.

Seu trabalho divino estava cumprido.

E, em meio a todos os demais, um dos espíritos jurou se vingar.

E sabia exatamente a quem recorrer. Presenciara no dia anterior o sujeito perseguindo o maior responsável por aquele massacre. Encontrá-lo seria apenas questão de tempo, e não muito.

32

Alguns fiéis haviam telefonado para sua casa, solicitando que voltasse a pregar logo.

De quinze ligações recebidas, em onze, escutara queixas contra o homem que pusera para fazer as orações matinais.

Assim, mesmo com o ânus ainda dolorido, Everaldo se viu obrigado a voltar ao púlpito para o culto daquela noite.

E não foi sem usar toda a fúria contra si no discurso daquela noite que voltou a professar palavras que atingiriam em cheio Dona Geralda, que tanto condenava a bissexualidade do filho.

— Algumas pessoas, irmãos, têm a mania de entender Deus da forma que lhes convêm. Dizem que Deus é uma coisa, que Deus é outra, e, no fim, nenhuma está falando de Nosso Senhor porque falam de algum outro Deus. Falam isso quando querem validar seus pontos de vista sob uma ótica cristã — dizia Everaldo. — Uma tentativa de subverter a Palavra, distorcendo o real significado daquilo que foi Revelado. Porque Deus é amor, sim, mas só pode haver amor verdadeiro quando também somos amados. E Deus nos fez à sua imagem e semelhança para que nós o amemos ao mesmo tempo em que Ele nos ame. Mas como podemos dizer que amamos Deus e aceitamos o Espírito Santo em nossos corações se

somos incapazes de seguir aquilo que foi posto no Livro Sagrado? Pois está em Gênesis 1:27 e Gênesis 1:28: “*E Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Além disso, Deus os abençoou e disse: ‘Tenham filhos e tornem-se muitos; encham e dominem a Terra, tenham domínio sobre os peixes do mar, sobre as criaturas voadoras dos céus e sobre toda criatura vivente que se move sobre a Terra’*”. E em Levítico 18:22, encontramos: “*Com homem, não te deitarás como se fosse mulher; abominação é*”. Ora, irmãos, dito isso, como podemos aceitar a ideia de um Deus que aceita qualquer desvio nosso como se fosse um erro de conta matemática?

Os fiéis riram, e ele se permitiu rir junto, apesar da dor que sentia por ter sido currado durante a noite anterior.

Sua tulpa caminhava entre o rebanho, e Everaldo sabia que ela espalhava sua influência entre eles.

Apesar dos conflitos, ela cumpria bem aquela função. E Everaldo sabia bem o porquê. No fim das contas, ela era beneficiada pelo dinheiro recebido.

Entre tais pessoas, encontrava-se Dona Geralda, mãe de Iago.

— Irmãos, a Bíblia é o Verbo de Deus, e um verdadeiro cristão, um verdadeiro seguidor da Palavra, não compactua com abominações aos olhos de Nosso Senhor. Porque Deus nos ama, mas só podemos mostrar que o amamos verdadeiramente ao seguir seus desejos, como um filho demonstra ao pai ou mãe que os ama quando os escuta. Um filho é, acima de tudo, obediente aos pais. E assim devemos ser diante de Deus. — Everaldo caminhou de um lado ao outro no púlpito, pensando nas próprias palavras. — Portanto, arrependam-se, irmãos, de todos os seus desvios, e levem a Palavra àqueles que vivem no pecado. Pois isso agrada a Deus.

Avistou entre os fiéis Manoel, o traficante conhecido por Mandioca, e este lhe dirigia um olhar de incisiva aprovação.

— Devassos, feiticeiros, necromantes, depravados morais e sexuais, aborteiras; todos queimarão no lago de fogo do Inferno!

Quando o culto terminou, como na noite anterior, Mandioca continuou sentado num dos bancos plásticos da igreja, aguardando a ocasião de falar a sós com o pastor.

Sentia-se revigorado, um verdadeiro soldado de Cristo, e ansiava por contar as coisas que realizara naquela mesma noite.

Quando Everaldo se aproximou, Mandioca lhe contou tudo o que ocorrera.

34

— *O fim está próximo* — disse a tulpa num tom misterioso quando Mandioca foi embora sob efusivos agradecimentos e cumprimentos de Everaldo, que agora se encontrava sozinho na igreja com a criatura gerada a partir de seus pensamentos.

— Que merda é essa agora?

— *Ora, o fim está próximo.*

— Não estou com paciência para joguinhos mentais agora, Demônio.

— *Você já sabe quais processos mentais e místicos me criaram, não é mesmo?*

Everaldo fez questão de não responder enquanto caminhava em direção ao banheiro. A tulpa seguia seus passos, e continuou a dizer:

— *Não se aceitar como você é, para começar, é o que criou em ti o desejo de não ser quem é. E eu não vou entrar no mérito de quais coisas você abomina em si são puro preconceito ou apenas pelo mínimo bom senso; pois você sabe bem diferenciar tais coisas, tenho certeza.*

Everaldo entrou num corredor que distanciava o salão de cultos do banheiro.

Quando fechou a porta, a tulpa se materializou ao lado da pia.

Everaldo tirou o pau pra fora e começou a mijar, percebendo, ao abaixar a cueca, que seu ânus sangrara enquanto estivera de pé em pregação ou sentado para conversar com Mandioca.

“Foda-se, a calça é preta. Duvido que alguém tenha visto.”

— *Mas, sobre isso, nós tivemos uma conversa recentemente, lembra?*

— Aquela no carro? — perguntou o pastor, que queria chegar logo ao fim daquela conversa.

— *Aquela no carro* — confirmou a tulpa. — *E sabe qual a coisa mais engraçada em ser o aspecto dissociado da mente de alguém?*

— Não faço ideia.

— *É que, ao mesmo tempo em que amo fazer quase tudo o que você adora ou adoraria realizar, eu igualmente me condeno por isso* — disse a tulpa. — *Talvez fosse diferente se você tivesse me criado de forma intencional. Talvez pudesse dar vazão a seus impulsos homossexuais dessa maneira; talvez pudesse ter criado um servo astral com aspecto de criança só para se satisfazer sem fazer qualquer vítima. Havia tantas possibilidades, Everaldo. Mas você optou pela ignorância, por me deixar agir livremente estando preso em minha existência a impulsos que são seus.*

Everaldo sabia que era verdade.

— Poderia ter sido diferente, mas agora já era. Você existe, enquanto eu sou uma pessoa que vou me expor se começar a mexer com magia! O que quer que eu faça?

— *Que você morra* — disse a tulpa. — *Quero que você morra para que eu tenha a chance de deixar de existir. Não suporto mais a ideia de sentir prazer em violentar crianças, em manipular preconceitos para obtermos dinheiro por meio da fé alheia, detesto a ideia de ser uma criatura horrível. E, acima de tudo, odeio amar tudo isso em mim. Odeio ser reduzido a uma projeção do seu pior aspecto, Everaldo.*

— Então suma da minha vida! De preferência, pule do ponto mais alto que achar e me livre de você.

— *Na verdade, estou me livrando de você.*

Um arrepiou subiu pela sua espinha.

— O que quer dizer com isso?

— *Quem você acha que te deu a ideia de atacar o terreiro de umbanda?* — disse a tulpa. — *E quem você acha que andou manipulando um feiticeiro aqui da favela para que o mesmo violentasse crianças? Quem você acha que estava perto de Mandioca manipulando seus pensamentos quando ele associou o caso do feiticeiro pedófilo a um terreiro de umbanda que nada tinha a ver com essa história?*

A criatura já havia mencionado tudo aquilo na conversa da noite anterior.

— O que espera ganhar com isso?

— *Acabar com a sua raça, desgraçado!*

— E por que está me contando essas coisas?

— *Porque quero me deliciar com cada momento de pavor seu enquanto tenta adivinhar quais surpresas preparei para dar fim à sua vida.*

Se pudesse, Everaldo teria socado a tulpa. Mas ela jamais poderia ser ferida por ele.

Quando caminhou pela igreja em direção à saída, tudo pareceu girar, e experimentava visão em túnel enquanto o coração disparava loucamente. O ar vinha com dificuldade aos pulmões, o peito doía.

Começava a se sentir em pânico, sua mente apresentava mil ideias.

Qual era o plano da tulpa? Como ela esperava destruí-lo? Por que ela queria destruí-lo agora? Ou queria desde sempre, e toda a trajetória de vida de Everaldo era pautada numa trajetória de destruição?

Eram perguntas que rondavam sua mente.

35

A tulpa acompanhava Everaldo rumo à saída da igreja, mas tomou um caminho diferente de seu criador ao pisar na calçada.

Decidiu deixar o homem a sós com seus próprios pesadelos.

Enquanto o pastor entrava no carro, a tulpa decidiu caminhar pelas ruas e vielas noturnas da favela.

Durante anos, satisfizera seus próprios impulsos, que eram pertencentes, na realidade, a Everaldo, seu criador. Havia se cansado de existir como uma sombra de figura tão hedionda. Cansara-se de ter prazer às custas de crianças, de viver em hipocrisia, de manipular tantas pessoas.

Um cansaço surgido da insatisfação com sua própria existência. Uma insatisfação herdada também de Everaldo.

Sempre que se satisfazia com alguma criança, sentia-se mal por isso depois. Sempre que era penetrado por algum homem e depois ouvia os discursos inflamadamente homofóbicos de Everaldo, sentia nojo de si.

“É assim que filhos se sentem quando herdam características dos pais que abominam?”, perguntou-se.

“Será que sou minimamente melhor que ele por condená-lo por essas ações a que me vejo submetido?”

A tulpa caminhou até o ponto do morro no qual um feiticeiro pedófilo fora assassinado horas antes. Os pneus carbonizados mostravam um corpo enegrecido pelas chamas e borracha derretida.

Contemplando o cadáver, rememorou as coisas a que submetera o espírito do magista, guardando-o dentro de uma caverna não muito longe

dali, existente num plano espiritual ao qual somente ela possuía acesso.

Enquanto existisse, aplicaria àquela figura todos os horrores a que pudesse submeter, assim como fizera a outras pessoas que julgara merecedoras de tais sofrimentos.

Sorriu ao pensar que, se o seu plano de autodestruição desse certo, essas figuras seriam abandonadas num local em que ninguém jamais as encontraria.

Riu com lágrimas a escorrerem dos olhos quando constatou que a sua felicidade vinha do sofrimento alheio.

A tulpa poderia se perguntar o porquê de ser assim, de se satisfazer com o sofrimento alheio, mas ela sabia.

Humanos sempre se perguntavam o porquê de existirem. Ela, por outro lado, possuía a maldição de saber a resposta para sua existência.

E ali, sentada no monte, a tulpa se sentou e chorou.

36

Iago teve um breve encontro com Christopher naquela noite.

Transaram apenas duas vezes antes de o britânico ir embora, alegando que precisaria comparecer ao trabalho bem cedo na manhã seguinte, quando precisaria estar descansado.

O bruxo compreendeu, e, ao chegar em casa após duas horas num motel, cogitou ligar para Fernanda, uma mulher mais velha com quem mantinha uma *amizade colorida*. Ainda estava com tesão, e precisava descontá-lo em alguém.

Chegou a pegar no aparelho celular, imaginando como uma variedade sexual naquela noite cairia bem.

Mas, assim que teve o aparelho em mãos, sobressaltou-se com uma figura parada à porta.

Envergava uma capa preta sob chapéu de couro de mesma cor e botas do mesmo material. A energia da entidade de pele escura era tão densa, que Iago pensou por um momento que se tratasse de alguém encarnado.

— Quem é você?

— *Exu*. — Sua voz era austera como a aparência sugeria.

— Um exu? Bom, é uma honra recebê-lo — disse Iago. — Nunca recebi a visita de um exu antes. — Não iria dizer ao espírito que estava fora

do horário de serviço, tampouco que a repentina invasão era incômoda.

A figura parecia inquieta, até mesmo irritadiça.

— *Exu veio aqui pra trabalhar.*

Por mais que muitos pensassem o contrário devido ao fato de Iago ser negro, ele pouco conhecia acerca de espíritos relacionados a religiões africanas. Fora iniciado na Magia do Caos, entendendo que todas as crenças agiam sobre a realidade de acordo com seus próprios paradigmas.

A Magia do Caos ia na contramão de dogmas e paradigmas ao entender a consensualidade da realidade no campo mágico, o que permitiria a diferentes vertentes religiosas obterem seus efeitos mágicos e milagrosos sem que nenhuma estivesse certa ou errada.

Numa crença com tal visão, a busca do magista era sempre pela ausência de paradigma, sendo chamado de Caos o estado no qual o iniciado se encontraria imerso após se livrar de todos os paradigmas mágicos. Ele então acabaria encontrando a si mesmo como detentor de todas as suas possibilidades inerentes e adquiridas passíveis de serem exploradas ao máximo após anos de intensos estudos.

Mas, pelo pouco que sabia de umbanda, a presença repentina de um exu visivelmente irritado dentro de casa normalmente significaria problemas. Sendo entidades relacionadas à justiça ele um bruxo que vendia seus serviços, era perfeitamente possível que algum de seus clientes o tivesse metido em problemas.

— Que tipo de trabalho?

— *O terreiro em que este exu trabalha foi atacado por gente intolerante. Exu viu você, um bruxo de aluguel, perseguindo uma entidade pelas ruas ontem.* — Enquanto o espírito falava, Iago se perguntava se todos aqueles sob as falanges de um Exu falavam em terceira pessoa, e por qual razão. Se houvesse oportunidade, perguntaria a respeito. Mas uma coisa na fala do espírito lhe agradou: ter lhe chamado de “bruxo”, não de “feiticeiro”. — *Exu espera que o bruxo possa aceitar trabalhar lado a lado.*

— Então você quer me contratar. — Sentiu-se aliviado, já que temia que alguém tivesse entrado em contato com um exu para prejudicar sua vida por alguma razão que talvez até fosse justa. — Bom, *Senhor Exu*, conte-me exatamente o que aconteceu, e como eu posso lhe ajudar.

— *Pois bem, Exu vai te contar.*

E o espírito contou como, naquela noite, o terreiro foi invadido e médiuns foram assassinados por traficantes evangélicos após a ameaça e

uma criatura em forma demônio.

Contou que se dirigiu então até a igreja, onde um pastor de nome Everaldo ministrava um culto, e Iago se lembrou que sua mãe frequentava aquela mesma igreja. Contou sobre quando o traficante que atendia por Mandioca, que controlava a região, pegou o próprio telefone celular para dizer ao pastor da maior igreja evangélica nas redondezas que o serviço estava feito.

A figura que se apresentara como um exu ainda narrou como o pastor possuía ao seu lado uma figura etérea demoníaca formada a partir de seus pensamentos mais baixos. Tão profanos, que eram rejeitados até mesmo por seu autor, acumulando-se numa forma que remetia à do Diabo.

O espírito lhe contou também sobre como estivera invisível ao pastor e ao ser por ele criado quando a criatura jurou destruir o próprio mestre.

Contou dos horrores que descobrira sobre sacrifícios envolvendo sexo com crianças promovidos pela figura que o pastor criara. Uma criatura que fazia cada vez mais vítimas e fora a verdadeira mandante da destruição do terreiro em que aquele espírito trabalhava.

O espírito lhe contou também que tentara banir a criatura, mas a mesma sequer notara sua presença.

A isso, Iago explicou:

— O que Everaldo criou é chamado de tulpa no Budismo e na Magia do Caos, que é a minha linha de trabalho — disse Iago. — Muitas tulpas não são passíveis de interação com espíritos, embora sejam etéreas. Acabar com uma tulpa, muitas vezes, é bem mais complexo que banir um espírito.

— *Então Exu conta com você para este trabalho.*

Iago, sentado no sofá, acendeu um cigarro.

— E como vai ser a forma de pagamento?

— *Como é?*

— O pagamento. Você deve saber, não trabalho de graça, por mais que eu queira resolver a situação.

— *Exu trabalha sem querer nada em troca.*

— Fale por você — disse Iago. — Eu só saio daqui se houver dinheiro na jogada. Dependendo disso para viver.

O espírito suspirou profundamente, visivelmente irritado com aquilo.

Dada a gravidade da situação, que envolvia abuso infantil e outras práticas terríveis, como a destruição de um terreiro, Iago faria o trabalho de qualquer forma. Estava apenas tentando negociar.

Até que uma ideia surgiu.

— Olha só, podemos fazer o seguinte acordo: a gente destrói a tulpa e ferra a vida desse pastor. Se der, a gente pega o traficante também, embora eu duvide que ele esteja ao nosso alcance. E pare pra pensar: dos males, ele foi o menor nessa história toda, de qualquer forma — disse Iago. — Ele matou uma porrada de gente no seu terreiro, mas porque sofreu uma lavagem cerebral religiosa antes.

— *O que propõe?*

Iago deu uma longa tragada no cigarro.

— Você me deixa pegar qualquer dinheiro em posse do pastor ou do traficante que conseguirmos. De acordo?

O espírito acenou positivamente com a cabeça.

— Quanto à tulpa, acredito que possamos destruí-la. Se o pastor é pedófilo, ele provavelmente possui pornografia infantil em casa, o que fica fácil de ser resolvido com a polícia por eu ter um amigo lá. Quanto ao traficante, a gente vê o que acontece. Pode ser?

— *Temos um acordo então, Iago Lima.*

— Temos.

Iago telefonou para Saulo, velho amigo da época de escola que trabalhava na Polícia Civil há alguns anos. Era irmão muito mais novo de Paulo, o sujeito com quem Iago fora morar na adolescência após sua mãe lhe golpear na cabeça com um martelo.

Após uma breve conversa na qual explicou a situação toda sem qualquer reservas, uma vez que o amigo conhecia sua vida como magista, o homem prometeu “mexer os pauzinhos” para que fosse aberta uma investigação em caráter máximo de urgência contra o pastor que atendia por Everaldo Soares. O amigo ainda disse tentar fazer algo a respeito do traficante conhecido como Mandioca, que já era foragido da Justiça.

O policial desejou boa sorte a Iago em sua empreitada de destruição da tulpa.

E Iago sabia que iria precisar.

Em seguida, tentou se comunicar com seu mentor. Novamente, sem sucesso.

Diante de si, o espírito que se apresentara como Exu aguardava de forma impaciente.

— Bom, a primeira parte está feita. O Saulo é um amigo das antigas que vai tentar adiantar algumas coisas para nós dois.

O espírito assentiu.

— *Agora, Exu e Iago precisam atingir o traficante que trabalha para o pastor que serve à sua tulpa.*

— O traficante só obedece ao pastor porque esse aí o manipula.

— *Foi ele quem destruiu o terreiro em que Exu trabalha. O gatilho foi apertado pela mão dele!* — O tom de voz do espírito subiu, externando sua fúria.

— Eu tenho certeza que a gente consegue resolver essa coisa de um jeito mais inteligente. — Iago soprou a fumaça do cigarro, como se pontuasse o que dissera.

— *Exu vai confiar em bruxo.*

— Beleza, mas me responde uma coisa? Por que é que você só fala de si na terceira pessoa?

Antes que o espírito pudesse responder, o telefone de Iago começou a tocar sonoramente.

— Ah, licença. — Pegou o aparelho e atendeu.

— *Iago, onde é que você tá?* — Era sua irmã, que tinha o tom de voz perceptivelmente alterado.

— Em casa.

— *Então abre a porra da porta, que eu tô num Uber com o Jorginho sem respirar! Eu acho que ele tá sofrendo um ataque, porra!*

Iago obedeceu imediatamente, abrindo a porta do apartamento e correndo para o interfone com o telefone ainda num ouvido. Dali, disse para o porteiro que sua irmã entraria com uma criança, e que a deixasse subir direto.

O homem, com a voz sonolenta, talvez por estar cochilando em serviço, disse que ficaria de olho.

— *Você já sabe o que fazer?* — perguntou o espírito.

— Não. Eu até pensei em usar visão remota com alguma magia de Espaço e Matéria combinada com alguma outra, como de Espírito, para tentar me adiantar! O problema é que não sou bom com magias de cura. Não domino o Caminho da Vida e nem o Caminho da Natureza.

— *Mas Iago tem os ingredientes necessários em sua cozinha. Exu já viu o que a criança tem. Usou o que você chama de visão remota.*

— Então me ajuda, por favor!

— *Exu vai te ajudar, mas Iago vai ter que fazer o que Exu mandar!*

— Claro, porra! Só me ajuda!

Em seguida, a entidade mandou o bruxo ir à cozinha pegar alguns ingredientes, que seriam originalmente utilizados para feitiços de outras naturezas. Enquanto isso, o espírito lhe explicou que a mesma entidade que atacara sua irmã viera agora contra Jorginho.

Menos de quatro minutos depois, Cíntia entrava em seu apartamento com Jorginho já roxo por não conseguir respirar, e uma desesperada Dona Geralda atrás.

— Eu não sei o porquê de a gente não levar ele pro médico ou pro pastor! O que seu irmão vai fazer?

Seguindo as dicas de Exu, Iago já havia deixado uma panela com água no fogo alto. E o vapor subia com profusão.

— Deixe ele ali no sofá! — disse Iago, assustado pelo estado em que se encontrava o sobrinho.

Cíntia aninhou o menino entre almofadas. A criança tinha os olhos arregalados e a pela cada vez mais arroxeadada.

Na cozinha, Iago havia jogado cascas de eucalipto, folhas de coca e pó de café dentro de uma panela com gordura de porco sendo derretida. Quando todos os ingredientes formaram uma pasta sob as preces escandalosas de Dona Geralda e os gritos de Cíntia para que Iago fizesse algo logo, o bruxo jogou a mistura na panela com água fervente.

Imediatamente, uma densa fumaça começou a subir enquanto gordura e água espirravam pra todo lado.

Toda a receita fora preparada sob a orientação do espírito, que dissera ter aprendido a receita com espíritos ligados à pajelança. E, durante todo o tempo, Iago emanara sua própria energia para os ingredientes.

Sob a orientação de Exu, Iago levou a panela com uma grossa coluna de vapor espiralando para perto do garoto, ordenando que a irmã o deixasse sentado.

Quando Jorginho foi posto no sofá com a cabeça pra frente, Iago deixou a panela embaixo do rosto do menino.

— Vai, puxa o ar, moleque!

O menino fez força, mas pareceu começar a perder os sentidos, como se a receita preparada não surtisse efeito.

— *Agora, só tem um jeito.*

Em contato com a mente do espírito, Iago sabia o que ele tinha em mente.

Resistindo por um momento, sabia o quanto a alternativa seria traumática para a criança.

A percepção do que precisaria fazer para resolver o problema provocou um arrepio em sua espinha.

“Porra, tomara que isso funcione!”

— Cíntia, abra a boca do Jorginho e vire a cabeça dele pra cima.

Desesperada, a mãe não hesitou, mas perguntou em seguida:

— O que vai fazer, Iago?

Ele não respondeu.

Ergueu a panela e entornou o conteúdo fumegante boca adentro da criança.

— Ai, meu Deus! — Cíntia gritou.

O caldo entornou boca adentro e o menino inspirou profundamente o ar antes de dar um sonoro grito, meio afogado, de desespero e dor.

Cíntia tirou o menino do rumo do caldo despejado por Iago, e o garoto chorava, ainda com um pouco de dificuldade em respirar.

— Coloca ele aqui embaixo de novo, Cíntia!

— Puta que pariu, Iago!

Dona Geralda tentou empurrar o filho, sem forças para tal.

— Iago, você vai matar o menino! — A velha o socava.

— Cíntia, coloca ele aqui!

Jorginho voltava a tentar puxar o ar, sem sucesso.

— Meu Deus! — ela disse, obedecendo e abrindo a boca do filho.

Iago entornou mais da receita na boca da criança, que se debatia de dor e engasgava, tossindo com força e expelindo junto da poção uma quantidade volumosa de pasta negra.

— *Bom sinal, bom sinal.*

Jorginho se inclinou para frente e vomitou algo negro e de cheiro pútrido sobre o tapete e mesinha de centro do apartamento. Em meio ao conteúdo, vermes rastejavam e se enfiavam naquela massa pegajosa.

— Puta que pariu! — disse a mãe de Iago. — Tá amarrado em nome de Jesus, caralho! Sangue de Jesus tem poder, porra! Que merda é essa?

O menino, encarando a cena, arfava. Tinha os olhos arregalados e a respiração acelerada. Estava visivelmente apavorado

— Ele tá respirando! Tá respirando! — disse Cíntia, abraçando o filho.

A criança começou a chorar. Em sua boca, já era possível enxergar bolhas se formando devido às queimaduras provocadas pela poção fumegante despejada ali por Iago, que largou a panela no chão e estendeu a mão sobre a massa fétida no tapete em frente ao sofá.

Enterrando os dedos entre a gosma negra recheada de vermes, buscou analisar sua energia. Queria entender o que fora feito ali.

— Ai, menino, que nojo! — Ouviu Dona Geralda se manifestar, mas ignorou.

Iago se concentrou ao máximo nos traços energéticos deixados na substância.

Podia identificar que ela fora formada a partir das secreções e fluidos internos do menino, tornando-se densos e apodrecidos dentro de seu próprio organismo. A densificação tinha o mesmo rastro energético do espírito que atacara sua irmã, o que corroborava o que o exu lhe contara.

Carregando um punhado daquela massa fedorenta, pediu à sua mãe que pegasse na primeira gaveta da estante um mapa do Rio de Janeiro e o estendesse numa parte limpa do chão.

Mesmo receosa, a mãe lhe obedeceu. Ela não possuía a menor vontade de se submeter àquilo, mas agia de forma meio automática ante o desespero.

Todo o ambiente era preenchido pelo choro de Jorginho.

Dona Geralda esticou o mapa da cidade, impresso numa folha de um metro e meio quadrado, sobre o chão.

— *Tem certeza quanto à eficiência desse feitiço?* — perguntou a entidade.

— Espero que sim — respondeu Iago, concentrando sua energia na massa de matéria a fim de cruzar com a já contida ali.

Em seguida, canalizou feixes energéticos da mistura e atirou a substância pútrida sobre a folha. Massa negra e viscosa se espalhou pela folha, por onde os vermes começaram a rastejar.

— Com quem você tá falando, menino? — perguntou Dona Geralda.

Para horrorizar a mãe o suficiente para que ficasse calada, usou a verdade aliada ao preconceito da mesma como artifício.

— Com o Exu.

— Sangue de Jesus... — A voz da idosa morreu no ar.

Enquanto isso, os vermes se concentravam em três pontos específicos do mapa.

Um amontoado de vermes brancos se concentrou onde estava a Lapa, outro na Favela da Maré, o último na Barra da Tijuca.

Iago correu à gaveta e apanhou uma régua, um esquadro e uma caneta de nanquim.

Afastando os vermes da Lapa, Iago marcou um ponto em seu endereço, onde uma quantidade considerável de energia se concentrava sobre a folha. Em seguida, marcou na Favela da Maré um ponto de energia concentrada que lhe chamou a atenção.

— É por aí que fica a igreja do Pastor Everaldo! — falou Dona Geralda.

— Bom saber — disse Iago. — Até achar o nodo de energia, eu tava achando que a marcação era na sua casa.

Jorginho ainda chorava. Sua boca pululava em bolhas por conta das queimaduras, e parte da cara estava inchada. O garoto estava visivelmente agitado, o que certamente fora influenciado pela poção com folhas de coca.

Ignorando o justificado escândalo, quando perguntado, optou por não contar à mãe e irmã quais os ingredientes da receita, preferindo dar continuidade a seu trabalho.

Após tirar algumas medidas, encontrou um nodo específico numa larga avenida na Barra da Tijuca, do outro lado da cidade.

— Conhece alguém que more na Barra da Tijuca?

Sua mãe balbuciou palavras que Iago já esperava ouvir.

Sentado na poltrona preferida da sala de seu apartamento na Barra da Tijuca, Everaldo ligou a TV para tentar se distrair. O ânus ainda doía

devido ao estrago feito na região durante a noite em que a tulpa o levava a uma orgia.

Ao menos, após as ameaças da criatura, ela o deixara em paz.

Não que “paz” pudesse definir o estado no qual se encontrava, já que estava imerso em temores e paranoias.

Mas ela ao menor lhe dera algum sossego após lhe ameaçar naquela noite.

O que lhe incomodava estava no teor das palavras ditas.

38

— A gente devia levar o Jorginho pra um hospital, né? — disse Cíntia antes de se virar para o filho. — Como você tá, meu amor?

Enquanto Iago e Geralda limpavam a sujeira feita pelo vômito da criança, o menino mexia freneticamente no telefone em frente à janela, agitado como se nada houvesse lhe acontecido. Exceto pelo fato de a boca estar cheia de bolhas.

— Tô ótimo, mãe! Tô bem já! — Nem se incomodou ao pronunciar aquelas palavras. Era como se as bolhas não fossem sentidos pelo menino.

— Eu não acho uma boa ideia levar o Jorginho pra um hospital — disse Iago.

— Por que não? — perguntou a mãe do garoto.

— Bom, sabe a poção que fiz?

— Sei.

Iago respirou profundamente.

— Ela tinha folha de coca.

Geralda parou de enxugar um pano com as mãos sobre o chão e se virou para o filho com olhos arregalados.

— Você deu cocaína pro meu neto? — Havia uma clara indignação em sua voz.

— Folha de coca.

— Porra, Iago! — disse Cíntia, levantando-se subitamente do sofá. — Como é que você faz uma merda dessas?

— O que é cocaína, mamãe?

— Nada, Jorginho, é coisa feia!

— Sangue de Jesus tem poder... — A voz de Geralda foi morrendo durante a fala.

— Tá, mas o que é cocaína, mamãe? — perguntou Jorginho novamente. — É o que vem na Coca-Cola?

— Cocaína, Jorginho, é uma coisa que gente drogada usa — falou Iago. — O que te dei foi Coca-Cola mesmo, beleza? Sua avó e sua mãe é que estão fazendo confusão.

— Puta que pariu, Iago, não acredito que você fez uma merda dessas. Por isso que o menino tá elétrico assim! Parece que tem uma tomada de duzentos e vinte volts no cu.

— Sai fora, mãe, não tem nada no meu cu. Isso é coisa de bichona.

— Jorginho, quem tá te ensinando a ser tão preconceituoso com gays, hein?

— Não é preconceito, Tio Iago.

— É preconceito, sim. Quem é que tá falando que é errado ser gay?

— Papai diz que tenho que ser macho igual a ele, e vovó fala também que é errado pecar com a bunda.

Iago dirigiu um olhar de reprovação à própria mãe.

— E se eu gostasse de homem tanto quanto gosto de mulher?

— Iago! — gritou sua mãe em reprovação.

— Ah, tio, você é macho, pô!

— Eu gosto de homem e mulher.

— Iago! — repreendeu novamente sua mãe.

— É verdade, ué — disse Iago. — Jorginho, aí você vai deixar de gostar de mim só porque beijo na boca de homem e de mulher?

O menino ficou desconcertado por alguns segundos antes de dar uma resposta.

— Não, ué. Eu gosto de você, tio.

— Então pare de falar essas merdas que seu pai e sua avó te ensinaram, beleza?

— Você quer que o menino aprenda essas coisas erradas, Iago? — gritou Geralda.

— Errado? Por quê? Porque o seu pastor, que fez esse monte de merdas com sua família, e outras que você nem imagina, disse pra você que é errado?

— Porque tá na Bíblia!

— Gente, vamos parar com isso!

— *Não perca tempo com os ignorantes* — disse o espírito exu ao surgir na sala após se ausentar por alguns momentos. A entidade havia saído do apartamento, alegando necessidade de verificar algo, durante o feitiço de Iago com o mapa.

— Foda-se o que está na Bíblia! Você acredita mesmo naquela merda? Em cobra falante, gente vivendo quase mil anos e todas as espécies de animais do mundo num navio? — perguntou Iago, em tom de deboche. — Fala sério! Você acredita num Deus onipotente e de sabedoria infinita que, para espalhar a tal Palavra entre os homens, decidiu que a melhor forma de fazer isso era inspirar homens de um povo com pequena população a escreverem um livro chato pra caralho? E se seu Deus é tão bom assim, você acha que faz sentido que, milhares de anos atrás, só porque uma imbecil decidiu induzir o marido a pecar após ser seduzida por uma cobra falante, a gente tem que se foder e pagar o pato? Faz sentido o pecado dos pais recaírem sobre os filhos? Isso te parece justo? Ah, sai fora! — gritava Iago. — E se Deus era tão inteligente assim, por que tinha a porra de uma cobra falante no Éden? É sério que isso tudo faz sentido pra você, mãe? Papai Noel e Coelhinho da Páscoa também? Só falta a senhora dizer que acredita em Harry Potter e notícia fake no WhatsApp. Se bem que, pra acreditar na Bíblia, a senhora deve acreditar em qualquer merda mesmo. Até em mamadeira de piroca e conspiração comunista do Foro de São Paulo e ditadura gay.

— Que Deus tenha piedade de você, meu filho.

— “Piedade?” — Sua voz ficou dons tons mais aguda. — Eu preciso esperar a piedade dele mesmo, né? Já parou pra pensar que todo o comportamento controlador dele bate direitinho com o de um sociopata? E te digo mais: se seu Deus existir, e deve existir mesmo na cabeça de quem não pensa, ele é o maior filho da puta de todos os tempos! — Iago sabia, como bruxo adepto da chamada Magia do Caos, que todos os deuses de todas as crenças existiam na forma de tulpas, o que incluía o Deus da Bíblia e as diversas interpretações do mesmo. Mas seu jugo não se aplicava a Iago, que compreendia a natureza cosmológica por trás de cada crença.

— *Iago, pare com isso! Exu está dizendo que você vai apenas gastar saliva.*

— Pior é você, que acredita no quê? No Demônio? Esse tal Exu que você falou mais cedo é o Diabo, moleque! Eu tentei me aproximar de você de novo, respeitar sua opção sexual devassa, mas tô vendo que falhei como mãe, que falhei horivelmente com você, que preferiu as seduções do mundo a viver uma vida em Cristo!

— Sempre se resume a isso, né? A dizer que sua visão de mundo está certa! A senhora nunca se deu ao trabalho de pensar fora da caixa.

— *Exu não vai dar conselho de novo, bruxo faz o que quiser.*

— Eu falhei mesmo contigo.

— A senhora falhou como pessoa, isso sim.

Dona Geralda começou a chorar.

— Nossa, Iago, precisava disso tudo? — perguntou Cíntia.

— Precisava, sim! Precisava, sim! Eu não aguento mais ter gente me condenando por gostar de sentar numa piroca tanto quanto de chupar boceta! E ter isso vindo da minha própria mãe é foda! Você acha que é fácil?

— Se você gosta das duas coisas, moleque, por que não vive como homem de verdade? — gritou Geralda.

— Porque eu não vou ser limitado pelo seu preconceito, porra!

Geralda ainda chorava, e o neto foi lhe abraçar para consolá-la.

O clima pesado agora era entrecortado apenas pelos soluços da velha mulher.

— Como você tá se sentindo, Jorginho? — perguntou, de repente, Cíntia.

— Tô bem, mãe!

— Pode deixar, que o tio vai dar um jeito no pastor que fez isso contigo.

— Não é possível que o Pastor Everaldo tenha feito isso com meu neto. Acho que é o Diabo trabalhando para que você desvie minha família do caminho proposto por Deus.

— Ah, puta merda, não vá entrar em estado de negação agora!

— Ele é um homem bom. Nunca vi ele falar ou fazer algo de errado.

— Só roubar o dinheiro dos fiéis e cometer crime de homofobia em todos os cultos? Eu nem preciso ir em um culto dele pra ter certeza de que é assim.

— Dá o dinheiro quem quer!

— Ou quem tem juízo e não quer ser exposto na igreja, né? O que acontece se você decidir não pagar? E tem mais: você passou por uma lavagem cerebral durante anos, e por isso aceita tudo que vem daquela igreja tão cegamente.

Geralda voltou a chorar.

— *Acabou?*

“*Acabei, sim. Cansei*”, enviou mentalmente a resposta para o espírito.

O celular de Iago vibrou.

Era uma mensagem de Saulo, que conseguira em tempo recorde um mandado de condução coercitiva de Everaldo, o qual seria expedido dentro das horas seguintes.

39

A tulpa sabia que seu tempo no mundo estava acabando, ou assim esperava.

E se fosse para deixar de existir, esperava fazer cumprir alguma sorte de justiça antes.

Para isso, precisava acertar algumas pontas soltas.

E Alecsandro e Jorge eram parte disso.

Atraíra a atenção de Iago ao atacar sua irmã e deixar seu sobrinho sob ameaça quando soubera que o filho de Dona Geralda, fiel frequentadora da igreja, era um bruxo que vendia seus serviços como magista.

Soube de tal coisa quando ela própria confessara as atitudes do filho a uma amiga da igreja. A suspeita que tinham de ela ter coincidentemente encontrado Iago eram falsas.

Portanto, Dona Geralda, com suas fofocas, fora uma ponte para seu objetivo: encontrar alguém que desse fim à existência do pastor, bem como à sua própria.

Dessa forma, investigara e acompanhara a rotina na casa daquela fiel, até encontrar uma ponta solta.

Um homem revoltado por ser chantageado a pagar a pensão do próprio filho.

Tudo o que ele precisava era de uma saída.

E após Iago morder a isca, testara sua capacidade de confrontar um espírito.

Então só precisou cortar a ponta solta que era Jorge e dar fim à vida de Alecsandro, o artista pedófilo que utilizava para satisfazer seus próprios impulsos quando Everaldo não estava disponível.

Por fim, atacara Jorginho ao lhe entupir com uma substância obstrutora pulmonar, e induzira telepaticamente Cíntia a procurar pelo irmão imediatamente.

Com sorte, Iago usaria seus rituais para encontrar a localização do responsável. Porém, uma vez que sua identidade energética era a mesma de Everaldo, o bruxo de aluguel não encontraria a tulpa, mas seu criador.

Agora, antes que possivelmente desaparecesse no mundo, só precisava acertar uma última ponta solta de sua parte.

Queria dar fim a um último lixo.

Mandioca era esta ponta.

O homem bebia uma cerveja com amigos num bar da favela. Tomava o cuidado de não se embriagar, como recomendara o pastor, embora não seguisse também a recomendação em matéria de sexo.

Uma mulher de pele negra e coxas grossas estava sentada com pouca roupa em seu colo, a mão deslizando para dentro da calça do sujeito, sem se importar com a presença de outras pessoas no estabelecimento. Os comparsas do indivíduo à mesa inclusive comemoravam e incentivavam o ato.

A tulpa percebeu na mulher uma abertura espiritual facilitadora de incorporação, esta intensificada pelo álcool. “Dia de sorte”, pensou.

Ao mergulhar sua consciência para a mente da moça, tomou controle de suas ações.

Fê-la apanhar uma garrafa de cerveja com uma mão, apertar o saco do homem com todas as suas forças usando a outra, e então quebrar o frasco na beirada da mesa e rasgar a garganta de Mandioca com o caco de vidro.

— Que porra é essa, sua puta? — perguntou Carlinho, do outro lado, enquanto se erguia.

A tulpa arremessou precisamente o caco no pescoço de Carlinho, que teve a jugular cortada.

Outros dois homens se ergueram, ainda em choque com a cena.

A tulpa conduziu a mulher a apanhar uma arma da cintura de Mandioca, que agonizava.

Antes que conseguisse disparar, o corpo da mulher levou dois tiros por parte de um dos traficantes.

Ainda caindo no chão, por meio do corpo da mulher, a tulpa disparou contra a cabeça de um e o rosto do outro.

A moça ficou agonizando e o dono do bar se aproximando para acudir os envolvidos na confusão.

A tulpa até se considerou misericordiosa ao fazer a mulher levar a arma à própria cabeça.

— Não, por favor... — ela chegou a dizer, consciente de que alguma inteligência assumira o controle de suas ações.

Após aquele último estampido, que denotou o relaxamento do corpo, a tulpa saiu de seu receptáculo sabendo que só precisava agora esperar Iago acabar com o pastor.

Se ao menos soubesse onde ele morava, as coisas poderiam ser adiantadas.

E a energia que empregara para criar uma doença em Jorginho era a chave para isso.

40

Quando amanheceu, o efeito das folhas de coca ingeridas por Jorginho acabou, e a criança adormeceu.

Extremamente cansada, a criança foi carregada por Iago para sua cama antes de este voltar à sala.

— Iago, posso dormir na sua cama também?

— Pode, claro. Você deve estar exausta.

— Eu vou pra casa — disse Geralda, após horas em silêncio.

— Pode ficar, se quiser.

— Não, eu vou pra casa.

— Quer que chame um carro pelo aplicativo?

— Não, eu não confio nessas merdas. Pode ser qualquer um dirigindo — disse Geralda. — Pego um táxi ou volto de ônibus e economizo dinheiro.

— A senhora é quem sabe — disse Iago, caminhando até a porta.

— Você é uma grande decepção, meu filho. Fica mexendo com essas coisas de magia negra, igualzinho ao seu pai.

Iago sentiu um baque intangível ante aquela informação.

As palavras faltaram por um momento, mas ele conseguiu articular algumas sílabas.

— Meu pai era um bruxo?

— Foi por isso que ele foi embora de casa.

— Peraí, a senhora sempre disse que ele foi embora porque quis! Que nos abandonou!

— E abandonou depois que eu disse que iria denunciá-lo por agressão e maus tratos a animais caso continuasse a viver no mesmo teto que eu.

— O quê? — Iago precisou se conter para não agredir a mulher.
— Meu pai não faria mal a uma mosca.

— Tanto faz — disse a mulher. — Aquela macumbaria dele fazia mais mal do que bem pra todo mundo, e, se depender de mim, o Jorginho vai ficar livre de você logo!

Geralda não esperou Iago destrancar a porta e abrir.

Simplemente foi embora, deixando mais dúvidas do que respostas acerca da paternidade de Iago.

— Não acredito que a mãe fez isso com a gente! — disse Cíntia com lágrimas rolando pela face ao surgir na sala.

“Eu acredito.”

Cíntia era uma negacionista da vida tão grande quanto a mãe, mas de forma diferente.

Enquanto Geralda buscava extirpar de seu convívio tudo aquilo que lhe causava algum tipo de incômodo, como se a coisa passasse a deixar de existir depois disso; Cíntia, por outro lado, buscava fechar os olhos para a realidade e tentar acreditar que as coisas não eram exatamente como aconteciam, mas somente até tudo desmoronar, quando ela voltava seu olhar para a raiz do problema em questão. Isso fazia Iago, um fatalista consciente de sua visão pessimista de mundo, pensar que a irmã tinha alguma ciência da forma como se portava, o que a tornaria pior se fosse uma pessoa intolerante em relação a outras.

“A mãe vai te aceitar de volta”, ela dizia quando Iago fora expulso de casa; “Ela não te odeia, Iago”, ela passou anos dizendo; “Você deveria tentar se reaproximar da nossa mãe, ela sente sua falta”, chegou a falar diversas vezes.

Iago, por outro lado, sabia que sua mãe nunca o aceitaria por ser bissexual, que jamais consideraria aceitar seu modo de vida e o fizera

unicamente em decorrência do desespero de Cíntia. Algo que até surpreendera Iago.

Talvez a Geralda do presente fosse a Cíntia do futuro.

Só esperava que Jorginho não precisasse ser como ele próprio e pudesse ter uma vida feliz.

Algo que faria de tudo para proporcionar.

— *Iago, Exu sabe de coisas que acabaram de ocorrer.*

“O que é?”

— *Exu fez um trabalho para saber onde está o traficante Mandioca. A tulpa do Pastor Everaldo o atacou. Ele está morto.*

— Tem certeza disso? — Iago chegou a vocalizar a pergunta.

A figura assentiu positivamente.

— Com quem tá falando, Iago?

— *Está duvidando de Exu?*

“Não, não estou.”

— *Isso adianta o trabalho de Iago e Exu. Antes, Iago precisaria atrair a atenção de Mandioca para a igreja para que ele fosse combatido lá junto com Everaldo e sua criação.*

— Está sugerindo irmos na casa de Everaldo a essa hora?

— *Quanto mais cedo terminar o trabalho de Exu, mais rápido Iago ficará livre.*

Cíntia ainda o encarava, agora consciente de que ele falava com uma entidade.

Iago, por outro lado, estava se acostumando à ideia de que Mandioca, com quem jogava bola quando criança, estava morto, e que agora iria à casa de Everaldo resolver aquela situação de uma vez por todas.

— A gente acabou de entrar em contato com o Saulo pra prender o cara, pô.

— *Quanto mais tempo Saulo demorar, mais vidas serão destruídas por Everaldo e sua tulpa. Exu veio aqui para trabalhar!*

Iago suspirou profundamente. O argumento era bom o bastante para colocá-lo em movimento.

Dirigiu um olhar ao mapa com uma marcação na Barra da Tijuca.

Iago começou os preparativos, que duraram todo aquele dia.

Canalizou a energia nos chacras de seu corpo e entrou num estado que a Magia do Caos chamava de *gnose*, uma espécie de transe capaz de conservar a lucidez, mas com maior desenvoltura em diferentes Caminhos mágicos.

Sentado ao redor de um círculo feito de velas negras e brancas alternadas, o fluxo de Éter entrava em seu corpo e inundava seu espírito, sintonizando-o com as energias da cidade, plenamente consciente de que isso poderia alterar severamente seu humor durante dias seguintes.

Gradualmente, sua consciência foi sendo invadida por imagens de ruas, pessoas, e sentindo todos os elementos aos quais estava conectado.

Concentrando-se em Everaldo, determinou onde o mesmo se localizava, podendo enxergá-lo sentado numa sala enquanto assistia a um filme pornô com diversos homens numa orgia. Masturbava-se com a expressão séria, sisuda.

Começou a canalizar a energia do corpo de Everaldo para fora, vampirizando-o.

O pênis do pastor começou a broxar no mesmo instante, em resposta ao ato de Iago, a quilômetros dali.

Vampirizá-lo daquela forma decerto o deixaria mais fraco, o que influenciaria diretamente em sua tulpas caso a mesma não estivesse independente o bastante para existir sem Everaldo.

42

A tulpas estava dentro de um ônibus a caminho da casa de Iago, rastreada devido ao fato de Jorginho ter sido lá levado para que a moléstia implantada pela criatura tivesse efeito.

Sabia bem onde a sua energia residual se encontrava.

Dentro do veículo, em meio a diversos cidadãos cansados após mais um dia de trabalho ou indo mergulhar na noite carioca, a figura em forma de Demônio sentiu uma súbita fraqueza.

Uma forte tontura lhe acometeu, como se sua energia vital passasse a ser subtraída.

Quando o ônibus freou diante de um semáforo, a criatura foi jogada para frente com maior intensidade que os demais passageiros, alheios à sua presença.

Soube então que Iago começara a atacar Everaldo, e isso colocou um sorriso em seus dentes pontiagudos.

Não iria mais para a casa do bruxo.

Não havia razão para tal.

Queria assistir de perto à queda de Everaldo.

Saltou do ônibus na intenção de entrar em outro, rumo à Barra da Tijuca.

43

Após drenar toda a energia que conseguiu reunir de Everaldo, energizou com as mesmas os chacras coronário e terceiro olho, respectivamente localizados no topo da cabeça e no meio da testa, ambos responsáveis pela percepção mediúnica.

Passou a enxergar de forma ainda mais nítida o espírito à sua frente, e enquanto imbuía as próprias mãos de energia, tornando a mesma mais densa, a fim de que pudesse golpear criaturas existentes no Plano Espiritual, o que incluía tulpas, uma pergunta veio à tona:

— Exu, de qual linha você é? Digo, sei que é um exu de lei, como chamam, mas é das sete capas, capa de veludo, sete facas...?

O espírito olhou em sua direção.

— *Exu é...*

Antes que o espírito respondesse, Cíntia abriu a porta que dava para a sala.

— Iago, tem alguma coisa pra comer aí?

— Tem frutas na geladeira, carne, ovos e um monte de cachaça no armário.

— Valeu, acho que preciso beber um pouco pra conseguir dormir, mas só depois de comer alguma coisa. Tentei o dia todo pegar no sono, mas não rolou.

— Fica à vontade.

Iago voltou a concentrar energia em suas mãos, até enxergá-las brilhando como fogo, o que seria visto de longe por qualquer médium ou criatura sobrenatural.

— Cíntia, aproveita que você tá aí na cozinha, e coloca um pouco de samambaia pra ferver pra mim? Tá na segunda porta do armário de cima!

— Quanta samambaia? — ela perguntou.
— Pra caralho!
— Pra que serve?
— Proteção.
— *Vai ficar fazendo preparativos o dia todo?*
— Se essa tulpa é tão poderosa assim, pretendo.

A escuridão começava a cair sobre aquela que já fora conhecida por Cidade da Morte.

44

— *Tique-taque, tique-taque, tique-taque...*

Everaldo despertou na poltrona subitamente, após cochilar.

Quando abriu os olhos, foi surpreendido por sons que eram um misto de latidos e gritos humanos. Criaturas disformes, apenas vagamente humanas e presas em correntes por uma mão da tulpa, latiam ou berravam diante dos olhos do pastor.

Caiu para trás com a poltrona, e as criaturas antropozoomórficas avançaram sobre o homem, que buscou se afastar enquanto as mesmas mordiam suas pernas com dentes limados a fim de serem pontiagudos dentro de bocas rasgadas para serem maiores.

Começou a chutar as criaturas na tentativa de repeli-las, mas foi inútil.

Os dentes rasgavam a carne de sua perna, enquanto esta atravessava as quimeras etéreas.

Everaldo começou a se arrastar para longe, sendo perseguido e ainda cortado e perfurado, até a corrente tencionar e as criaturas ficarem a curta distância.

Parada do outro lado da sala, a tulpa gargalhava enquanto encarava o rastro de sangue deixado pelo pastor.

— *Um deles era um feiticeiro pedófilo que queria ser artista, o outro era um pai que barganhou a vida do próprio filho pra matar a ex-mulher, que é irmã do cara que vai vir acabar contigo. Se ele conseguir, eu vou morrer e deixar de ser essa coisa hedionda que você produziu. Então torça para que ele tenha sucesso, pois, do contrário, você vai virar um dos meus cachorrinhos!*

Everaldo conseguiu se afastar de vez.

— Por que não me mata de uma vez, porra?

— *Infelizmente, eu não consigo. Se eu comesse a te espancar, você perderia força, e eu também. Se eu te jogasse contra um carro, porém, como já quis fazer, seu instinto de sobrevivência acabaria me impedindo. Irônico, não? Ah, como eu já quis te empurrar na frente de carros e de grandes alturas, ou só quebrar o seu pescoço. Mas eu sou parte de você tanto quanto você é parte de mim, e seu instinto de autopreservação me impede. Mas acabei percebendo uma brecha: se eu colocar alguém para te matar, vou me divertir pra cacete e driblar sua aversão a suicídio.*

Everaldo encarou a janela de seu apartamento, querendo que todo aquele inferno acabasse.

— Como conseguiu me machucar com essas criaturas grotescas?

— perguntou ao encarar a própria perna, dolorida e gotejando sangue.

— *Seu ectoplasma. Você estava fraco porque o cara que vai vir te matar já está te atacando, e você nem se deu conta disso. Então foi bem fácil tirar ectoplasma do seu corpo para materializar meus bichinhos o bastante para eles te ferirem. Simpáticos, não?*

— Seu doente filho da puta!

Everaldo começou a caminhar em direção à porta, mesmo mancando, mas foi impedido pelos cães da tulpa.

— *É engraçado que, de tudo o que você me xinga, tudo se aplica a você.*

— Me deixa sair, porra.

— *Só se for para dar o cu. Aliás, antes de morrer, você quer uma saideira?*

— O quê? Não, você não vai voltar a fazer essas merdas comigo! Não admito!

— *Ah, mas eu planejei algo tão gostoso para nós quatro.* — E balançou as correntes das quimeras.

— Nem pense nisso, em nome de Jesus!

— *Jesus e Deus não estão aqui, pastor. Essa sala é como uma caixa vazia.*

O dia transcorreria em meio a rituais, banhos de ervas, poções e manipulações de energia. A própria entidade que se apresentava como um

exu fazia seus trabalhos junto a objetos que, como ele, existiam apenas em forma astral. Fumou charutos, traçou pontos riscados no chão, solicitou que Iago ligasse algumas músicas religiosas em seu celular enquanto trabalhava com energias em sua capa e chapéu.

Cíntia chegou a perguntar se poderiam passar a próxima noite ali, por medo de acontecer algo com Jorginho, que passou a maior parte do dia dormindo e jogando videogame, parando apenas para almoçar.

Iago se manteve praticamente em jejum, comendo apenas carne vermelha mal passada por ser um facilitador na tarefa de deixar suas energias vibrando de forma mais densa.

Ao cair da noite, seu corpo estava emanando uma energia que fazia sua presença ser incômoda até mesmo para Cíntia e Jorginho, bem como qualquer pessoa comum.

— Vai sair?

— Pra resolver alguns assuntos inacabados. — Devido ao transe conhecido por *gnose*, sua voz soava de forma robótica.

— Boa sorte. Vou ficar aqui rezando por você.

— Obrigado — respondeu Iago.

O espírito ao seu lado aprumou o chapéu e se dirigiu à porta junto ao bruxo.

Caminhou até a garagem do prédio, onde entrou em seu Fusca azul e começou a dirigir pelas ruas do Rio de Janeiro à noite.

Ao longo do caminho, as luzes dos postes invadiam de forma ritmada a escuridão do interior do veículo. Devido à mediunidade de Iago estar ligada, as ruas noturnas pareciam ter o dobro de gente transitando e o triplo dentro de bares e em frente a casas noturnas.

— Que tipo de exu você é mesmo? — perguntou Iago à entidade no banco de carona ao lado.

— *Isso é realmente importante?*

— Ah, acho que sim. Não conheço muito de umbanda, mas sei que existem diferentes *exus de lei*, que são diferentes dos orixás.

— *E você sabe as diferenças entre os exus?*

— Pra ser bem sincero, não.

— *Então por que quer saber? Vai fazer diferença?*

— Não, mas socializar é meio humano, né?

O espírito não respondeu, e Iago deixou pra lá.

— E você realmente decidiu entrar em contato comigo só porque me viu andando na rua? Como sabia que eu poderia combater uma tulpa?

— *Porque aquilo que você perseguia quando eu te vi era uma tulpa. Não chegou a perceber que se tratava da mesma que iremos enfrentar?*

— Pra ser sincero, não! Estou bem surpreso quanto a isso.

— *É por esta razão que ela se manteve envolvida por sombras, por não querer que você a reconhecesse. Mas Exu entendeu que não era um espírito, mas um disfarce disso.*

— E como conseguiu isso?

— *Exu é espírito, é mais fácil ver essas coisas do lado de cá que do seu.*

— Merda, estou me sentindo um incompetente agora.

— *Errar faz parte.*

O carro continuava avançando, agora pela Avenida das Américas, exatamente onde fora apontado no mapa do Rio de Janeiro.

A avenida, que mais se assemelhava a uma estrada, possuía quatro pistas, sendo duas indo no sentido leste e outras duas no oeste. As construções ali, fossem prédios, bares, escolas, estúdios ou quaisquer outras eram todas mais afastadas umas das outras que na maior parte da cidade.

Naquele trecho, diminuiu a velocidade a fim de se localizar e não ultrapassar o endereço, que identificara por meio da função *Street View* do *Google*.

Ao ultrapassar o prédio, parou numa rua adjacente na qual era possível parar no acostamento, não muito longe do endereço.

Encarou por um momento o edifício branco de vidros esverdeados em amplas janelas, sabendo que algumas tinham vista para o mar ao longe.

Era uma região nobilíssima, o que fez Iago se perguntar quanto dinheiro o pastor ganhava mensalmente em sua igreja na Favela da Maré para conseguir adquirir um imóvel daquele nível.

“E quanto dinheiro do tráfico?”, ainda chegou a se questionar.

Alterou a psicosfera ao seu redor por um momento por meio de Magia de Mente, fazendo com que ele próprio transmitisse ser uma pessoa agradável e confiável.

Antes de cruzar a portaria, enxergou algumas câmeras ali, focando-se nelas de modo a causar distorções de imagem que

impossibilitassem em gravações o seu reconhecimento. Os aparelhos começaram a captar apenas distorções e estática.

Assim que o viu, o porteiro abriu a porta de vidro que dava para o saguão de entrada do prédio.

— Boa noite — ele disse.

— Boa noite — disse Iago, vindo por cima do ombro do homem que nenhuma câmera funcionava no prédio.

— Vai na casa de quem?

— Do Pastor Everaldo — disse Iago. — Mas você se importa de não me anunciar? — Iago concentrou energia em sua psicosfera para ter a certeza de que seria convincente. — É que é uma visita surpresa. Estive fora do país por anos, cheguei ontem. Ele vai tomar um susto! — Iago riu.

— Eu não sei se ele está em casa — disse o porteiro.

— Não tem problema — disse Iago. — Se ele não estiver, eu volto e te digo.

— Beleza então, meu camarada! Sabe qual o apartamento?

— Putz, esqueci.

— 902.

— Valeu!

Iago abriu a porta do elevador, acompanhado pelo exu, apertou o botão com um 9, e um led azul se acendeu ao redor do mesmo.

Encarou-se no espelho por um momento, percebendo as olheiras e marcas de cansaço devido à madrugada e ao dia de trabalhos mágicos após não dormir.

Muitas coisas vinham acontecendo ultimamente, e o acúmulo de todas elas estava lhe exaurindo.

Dentro do ambiente refinado do elevador, voltou a concentrar suas energias, o que fez enxergar a si próprio brilhando em dourado em frente ao espelho.

Assim que a porta se abriu, deu de cara com a entrada do 902 feita em mogno, uma plaquinha oval prateada com letras douradas indicando o número exato.

Sabendo que a entrada estaria trancada, parou a mão em frente à fechadura, exercendo grande concentração numa Magia de Matéria e Espaço para mover seus mecanismos.

Com alguns cliques, a porta foi destrancada, abrindo-se lentamente.

— *Alguém que domine tão bem Matéria e Espaço é muito raro.*

— Valeu.

Entraram na ampla sala cuja decoração seria facilmente considerada minimalista, o que fazia o ambiente parecer imenso e vazio, tornando a escolha de gosto duvidoso.

No chão, um rastro de sangue.

Uma figura com quase três metros de altura surgiu por uma porta que dava para os corredores a levarem apartamento adentro, logo após a sala. Numa de suas mãos, um par de correntes prendia duas figuras deformadas que deviam ter tido algum aspecto humano no passado.

Caminhavam de quatro, como cães em coleiras, enquanto rosnavam.

Ambos tinham as peles removidas e os dentes limados de forma a ficarem pontiagudos, grandes cortes em seus corpos espirituais revelavam intensas chicotadas, a carne do rosto fora repuxada de modo a expor o crânio, bocas rasgadas, os olhos se mostravam injetados e pareciam prestes a cair das órbitas, a carne fora esturricada em outros pontos e os ossos dos dedos de mãos e pés serrados de forma a comporem garras.

Ainda assim, pôde reconhecer numa das criaturas a figura de Jorge, o homem que tentara matar por meios místicos sua irmã e sobrinho.

Quase chegou a sentir pena do homem.

— Qual seu objetivo com tudo isso?

— *Quero que me destrua, Iago Lima.*

— O quê?

As criaturas presas por correntes rosnavam como animais, espíritos rapidamente enlouquecidos por torturas inimagináveis produzidas pela tulpa, que respondeu:

— *Everaldo me criou de forma inconsciente e nada sobre minha criação intencional, ainda na adolescência. Ele era homossexual, pedófilo e manipulador; e odiava sentir prazer a partir disso. Sendo de uma família conservadora, ele queria se ver livre dessas características, que atribuía ao Diabo. Começou a se convencer de que era o Demônio a dirigir suas ações destas três naturezas. Sendo homossexual, tentou se convencer de que era hétero, ao invés de se aceitar como era; sendo pedófilo, ao invés de se tratar, preferiu achar que era guiado pelo Demônio; e ao invés de buscar ser uma pessoa melhor, abraçou seus outros defeitos com a desculpa ridícula de ser guiado por forças malignas. E, assim, ao longo dos anos, eu*

passsei a existir, tamanha a crença de Everaldo após se convencer de tais coisas. Ele passou a enxergar o Diabo, e com ele conversar; mas era apenas eu, uma produção de seus pensamentos. Mas entenda: como Everaldo nunca se aceitou, sendo eu uma dissociação dele criada a partir de sua negação, eu também não me aceito. Eu sinto prazer em todas as coisas que ele odeia em si mesmo, mas também me odeio pelos mesmos motivos. Eu sinto o ímpeto inevitável de cometer tudo aquilo que ele mais odeia em si próprio, mas sinto o mesmo peso moral que ele carregava todas as vezes. E isso me fez puni-lo em incontáveis situações, o que me fez tentar destruí-lo ao longo de muitos anos, sem sucesso. Até que você apareceu, Iago. E então eu fiz de tudo para chamar a sua atenção. E parece que tenho sido bem-sucedido nisso. Você até trouxe ajuda.

— *Destruíu o terreiro como parte desse plano?* — O espírito que se dizia exu demonstrava toda a sua fúria na voz.

— *Ah, mas é claro.*

Iago ficou sem palavras, e, por um momento, quase sentiu pena da tulpa, eternamente presa a ímpetos incontrolláveis que condenaria em si mesma.

— *Então você não vai tentar me impedir?*

— *A criatura não está blefando* — disse o espírito, que se apresentava como Exu. — *Ela realmente quer ser morta. Exu sente essa intenção da parte dela.*

— *Absolutamente, não* — disse a tulpa. — *Inclusive, se houver algo que eu possa fazer para ajudar, basta pedir.*

— *Onde está Everaldo?*

— *No quarto. Passei nossos últimos momentos brincando com ele, se é que me entende.*

— *Só mais uma coisa: precisava atacar o meu sobrinho por duas vezes?*

— *Eu não pretendia matá-lo da primeira vez. Quando ataquei sua irmã, foi para atrair a sua atenção.*

— *E quando fez o moleque ficar sufocado com aquela massa preta nojenta na noite de ontem?*

— *Eu sabia que você o salvaria. Consegui ver este instante no futuro. Uma das minhas habilidades.*

Iago suspirou.

— *Precisava disso?*

— *Eu pretendia usar o garoto para conhecer sua moradia, e então iria lhe pedir ajuda. Mas não foi necessário. Você se adiantou, superando minhas expectativas.*

— Tá bom — disse Iago enquanto suspirava novamente. — Eu vou tentar fazer algo a respeito de Everaldo, que deve ser preso nos próximos dias.

— *Prendê-lo não irá resolver, mesmo que me destrua, bruxo. Everaldo precisa morrer.*

Iago ponderou a situação por um momento.

Não seria a primeira vez que mataria. No começo daquele mês mesmo, durante um caso a ser resolvido, atirara num mago negro, em seus guarda-costas e matara diversas súcubos queimadas num bordel de luxo.

Ainda assim, aquela fora uma emergência com sua vida em jogo. Como em todas as vezes nas quais precisara matar alguém.

Dessa vez, porém, mataria a sangue frio. Essa seria uma desagradável novidade em sua vida.

— *A criatura tem razão* — disse a figura de Exu.

Iago caminhou em direção à porta que dava para o corredor dentro do apartamento, e a tulpa lhe deu passagem, puxando seus espíritos feito cães pelas correntes. Ambos rosnaram para a presença de Iago ali.

A primeira porta à esquerda já revelou o quarto de Everaldo, tendo o mesmo deitado sobre uma cama de lençol branco pintado de rubro.

Ao longo do corpo inconsciente, diversas marcas de mordidas recentes sangravam.

Iago sacou da cintura uma das duas armas de fogo que trazia.

Naquela, um encantamento que levaria qualquer vítima a cumprir o ciclo de desencarne completo. Acontece que, via de regra, três coisas poderiam acontecer a alguém durante a morte: sair do corpo de forma mais ou menos intacta e ficar vagando de forma espiritual na Terra, ir para o Limbo no qual vagaria por algum tempo, ir para o Plano Espiritual de forma similar à que ocorreria a alguém ao nascer na Terra. Geralmente, a pessoa simplesmente renascia em algum Plano Espiritual, sem memória de sua estadia no Limbo.

Essa última situação era o ciclo completo de desencarne. Nessa situação, o indivíduo surgiria como um bebê a se desenvolver numa realidade paralela à da Terra, sem qualquer memória da vida que tinha, e, quando por lá morresse, tornaria a nascer na Terra.

A ideia lhe parecera absurda por anos, até compreender de forma mais profunda o ciclo migratório de almas entre os dois planos.

E era para bem longe do plano material no qual vivia que Iago pretendia enviar Everaldo.

O homem estava caído sobre a cama, inconsciente a tudo ao redor, ainda sangrando sobre lençóis brancos. As feridas não eram fatais, por mais profundas que fossem.

Com a arma apontada para sua cabeça, a mão começou a tremer.

— *Faça isso logo* — disse Exu.

Iago olhou para o espírito de chapéu e capa preta.

— Não sabia que espíritos como você aceitavam assassinato a sangue frio.

— *Não sabe muitas coisas sobre mim.*

— Falhou no uso da terceira pessoa agora — respondeu Iago.

— *Concentre-se no seu trabalho e atire logo* — disse o espírito.

— *É graças a este homem que o terreiro foi destruído, que aquela criatura feriu tanta gente, feriu seu sobrinho e sua irmã, o pai de seu sobrinho está morto, que crianças foram violadas e tanta gente como sua mãe sofreu lavagem cerebral nas igrejas, a ponto de seu pai e você serem expulsos de casa.*

Iago segurou a arma com mais força, apanhando um travesseiro da cama e o colocando sobre o rosto de Everaldo, que começou a acordar com o gesto.

Quando os pés e braços do homem se mexeram, começando a despertar, o espírito incentivou ainda mais:

— *Pense em quantas vidas vai salvar matando este homem, em quantas crianças não serão estupradas, em como tanta gente deixará de sofrer, que talvez sua mãe volte a te amar, que talvez vários pais e mães aceitem seus filhos, que tanta hipocrisia acabe...*

Um estampido seco preencheu o ar, precedendo o voitar de penas de ganso a saírem da almofada, que agora possuía um furo rumo ao rosto do pastor, que esguichara sangue sobre o colchão e por baixo da fronha.

Tirou a almofada, encarando o rosto desfigurado por um imenso buraco a verter sangue e miolos.

Um grito gutural preencheu o ar.

Era a tulpa.

Iago, querendo vomitar, avançou a passos largos rumo à sala, onde a tulpa estava em chamas diante de um fogo azul que não queimava o ambiente.

— *Isso dói!* — A criatura se agitava e debatia, sem soltar as correntes, enquanto o corpo era consumido por aquelas chamas.

— *Ela não foi destruída! E agora?*

— Everaldo está morto, então, se ela não desapareceu agora, isso significa que é porque já está independente o bastante.

O monstro se ergueu, ainda queimando, e arremessou as duas figuras acorrentadas, num giro de corpo, pela janela.

Jorge e Alecsandro estavam tão carregados de fluidos densos, que o vidro se estilhaçou. E Iago soube que os espíritos em questão seriam destruídos assim que colidissem contra o asfalto, reencarnando em breve, o que provavelmente resultaria em nascimentos de crianças deformadas.

— *Faça parar de queimar, Iago!*

O bruxo ergueu a arma, sabendo que o encantamento atingiria a criatura.

Numa situação normal, aquele encantamento não funcionaria contra uma tulpa como aquela, mas o súbito desencarne de Everaldo certamente havia ao menos lhe enfraquecido. Não o suficiente para que fosse destruída, mas inevitavelmente e temporariamente enfraquecida. Havia grande chance de que funcionasse.

E disparou.

Assim que ela tombou para trás com um buraco na cabeça, maior até que aquele feito na parede quando o projétil ali acertou, a tulpa caiu e começou a dissolver, como se feita de poeira.

Estava feito.

Todas as pontas soltas estavam amarradas, enfim.

As duas vítimas merecidas estavam acabadas, Everaldo estava morto, a tulpa fora destruída; Mandioca e seus comparsas assassinados horas antes; Jorginho estava bem e a salvo.

Restava apenas o pagamento.

Começou a rondar pela casa em busca de dinheiro, até encontrar dentro de um armário, num quarto, duas malas cheias de dinheiro.

Por um momento, sentiu-se um ladrão. Mas sabia que aquele era o seu pagamento. Afinal, para que mortos precisariam de dinheiro?

Não havia tempo para contar o montante. Então apenas apanhou a quantia e caiu fora dali.

Assim que alcançou a portaria, já pôde ver na calçada os vidros estilhaçados lá fora.

Com olhos arregalados, o porteiro se virou para Iago.

— Aí, o que aconteceu lá em cima?

Iago, que já vinha concentrando sua energia, utilizou novamente de Magia de Mente e disse:

— Não aconteceu nada. Pode tirar um cochilo, e esqueça tudo o que viu aqui hoje quando acordar.

— Tem certeza que posso fazer isso? — perguntou o porteiro, já afetado.

“Sorte a minha que ele é suscetível.”

— Claro. Sonhe com coisas felizes e esqueça de tudo isso aqui quando acordar.

— Obrigado — respondeu o homem enquanto se sentava na poltrona da portaria e começava a se ajeitar.

Iago alcançou a rua e correu até seu Fusca azul, não muito longe dali.

No caminho, quatro viaturas da PM pararam em frente à portaria do prédio, e Iago torceu para que seu feitiço mental tivesse funcionado tão bem quanto aquele aplicado nas câmeras.

Assim que entrou no carro, deu a partida e foi embora dali.

46

— Agora que essa merda toda acabou, me tira uma curiosidade?

O carro já alcançava o Centro do Rio de Janeiro. Estavam perto da casa de Iago.

— *Claro* — respondeu o espírito.

— Que Exu você é, hein? Exu da Capa Preta, Tranca Rua, Sete Chaves, Sete Catacumbas?

— *Nenhum.*

— Peraí, como assim?

— *Eu sou, na verdade, o que chamariam de egum.*

— Peraí, que palhaçada é essa?

— *Pois é, eu fiz isso porque, me apresentando como exu, teria maior credibilidade.*

— Filho da puta, hein? — Iago quase riu. — Me fez de otário direitinho.

— *Não conhecer a cultura e religião de seus ancestrais dá nisso.*

— Porra, abusado, hein? E precisava desse teatro todo, cara?

— *Precisava ter certeza da cooperação de alguém como você.*

— Porra, que merda, hein? Vai tomar no meu do teu cu! Não precisava ter apelado desse jeito. Os exus de verdade não vão ficar putos contigo?

— *Fiz o que achei necessário para fazer o certo.*

— Respeito isso. — Finalmente Iago se permitiu sorrir. Não ficara bravo de verdade. Entendia o lado do espírito. No fundo, até achou que era algo que ele próprio poderia fazer se estivesse no lugar do outro.

— *Amigos, então?*

— Sem problemas, por mim.

Quando chegaram ao apartamento de Iago, o bruxo jogou uma das malas no colo de Cíntia, que aguardava no sofá.

O espírito que se apresentara como Exu, mas disse no carro se chamar Geraldo, foi embora, prometendo voltar para lhe ensinar, algum dia, mais usos de ervas, como as que salvaram Jorginho.

Como agradecimento, Iago prometeu doar parte do dinheiro para o terreiro destruído caso o reerguessem.

Quando o espírito se retirou dali, Iago olhou para as malas ao lado de Cíntia.

— Isso daí é pra te ajudar a reconstruir sua vida.

A moça abriu uma das bagagens.

— Porra, roubou um banco, cara?

— Peguei de um pastor que não vai mais usar — limitou-se a dizer antes de ir dormir.

Quando se deitou na cama, enviou uma mensagem para Saulo pelo telefone.

“*Você demorou pra caralho, hein? Já resolvi sozinho. Valeu! Beijico no furico!*”

Para ter a certeza de que tudo estava bem, sua irmã e sobrinho permaneceram em sua casa por mais três dias. No quarto, levou-as para casa de carro, deixando ambos na porta.

Antes de tornar a dirigir, abriu uma mensagem de Christopher.

“Lindão, tem como nos vermos hoje? Aquele feitiço de prosperidade que me ensinou funciona mesmo! Recebi uma proposta de uma empresa na Suécia que não dá pra recusar. Como vou sentir muito a sua falta, queria marcar uma despedida contigo que seja inesquecível pra nós dois. Quero chorar de saudade antecipada pelo pau também, não só pelos olhos. Beijo no cu.”

Se sua vida estava uma merda já há uma semana, aquilo confirmava a opinião.

Marcou o encontro para aquela mesma noite.

Ligou o rádio e foi dirigindo para fora da favela.

Assim que chegou a uma avenida, tendo a comunidade onde crescera como paisagem, um refrão dos Paralamas do Sucesso começou a tocar:

*“Alagados, Trenchtown, Favela da Maré,
A esperança não vem do mar,
Nem das antenas de tevê,
A arte é de viver da fé,
Só não se sabe fé em quê...”*

Table of Contents

<u>1</u>
<u>2</u>
<u>3</u>
<u>4</u>
<u>5</u>
<u>6</u>
<u>7</u>
<u>8</u>
<u>9</u>
<u>10</u>
<u>11</u>
<u>12</u>
<u>13</u>
<u>14</u>
<u>15</u>
<u>16</u>
<u>17</u>
<u>18</u>
<u>19</u>
<u>20</u>
<u>21</u>
<u>22</u>
<u>23</u>
<u>24</u>
<u>25</u>
<u>26</u>
<u>27</u>
<u>28</u>
<u>29</u>
<u>30</u>
<u>31</u>
<u>32</u>
<u>33</u>
<u>34</u>

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)



Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.



z-library.se

singlelogin.re

go-to-zlibrary.se

single-login.ru



[Official Telegram channel](#)



[Z-Access](#)



<https://wikipedia.org/wiki/Z-Library>